
RATIO FORMATIONIS OFMCap

VIVER SEGUNDO A FORMA DO SANTO EVANGELHO



As imagens usadas neste documento foram tiradas da obra:
Coppo di Marcovaldo (atribuído),
San Francesco e scene della sua vita,
Florença, Basílica da Santa Cruz
(Foto C. Giusti – Arquivo da Obra da Santa Cruz).



Frei Roberto Genuin, OFMCap.
Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

(Prot. 00966/19)

DECRETO DE PROMULGAÇÃO

Em conformidade com as orientações das nossas Constituições e dos documentos da Igreja, tendo obtido o voto deliberativo do Conselho Geral na sessão celebrada em 27 de setembro de 2019, segundo o teor das Ordenações dos Capítulos Gerais (OCG 2 §7), fazendo uso das faculdades que, em razão do ofício, competem-nos, com o presente decreto

aprovamos e promulgamos a

RATIO FORMATIONIS ORDINIS FRATRUM MINORUM CAPUCCINORUM

e estabelecemos que seja válida para toda a Ordem.

Estabelecemos, além disso, que todas as nossas circunscrições, particularmente ou em comum com as respectivas conferências, atualizem a própria *Ratio formationis*, em harmonia com a nova *Ratio Formationis da Ordem*, com as devidas adaptações às diversas situações e exigências, de modo que se assegure uma formação inicial e permanente coerente com a compreensão da identidade carismática da Ordem e adequada aos tempos que o Senhor nos dá a viver hoje.

Dado em Roma, na Sede da Cúria Geral da Ordem, 8 de dezembro de 2019, na Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, Padroeira da Ordem.

Frei Roberto Genuin
Ministro Geral OFMCap.

Frei Clayton Jaison Fernandes
Secretário Geral OFMCap.

PROÊMIO

Jesus, contemplando lentamente os rostos das pessoas e perscrutando nelas o mistério que habita cada vida, subiu uma pequena colina e sentou-se. Quando os seus discípulos se aproximaram, disse-lhes: *Bem-aventurados os pobres em espírito... bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça... bem-aventurados os puros de coração.* As Bem-aventuranças, que despontam do profundo da vida de Jesus, são o coração do Evangelho, um convite constante a viver autenticamente, uma oferta incondicional de misericórdia e alegria.

Também nós, jovens frades capuchinhos, escutamos hoje estas palavras do Mestre e sentimos o desejo de anunciar a boa notícia do Reino. Compartilhando o que somos e temos, praticando a justiça e a solidariedade, trabalhando pela paz e pela reconciliação, buscando incessantemente Deus em Jesus – o Filho que se fez nosso Irmão, raiz e fundamento da nossa fraternidade –, pretendemos que a nossa vida se transforme em presença do Reino. Por este motivo, e iluminados por aquela luz, queremos formar o nosso coração de maneira que aprenda a amar como ama o coração de Deus, obtendo os mesmos sentimentos de Jesus (Cf. Fl 2,5). Queremos nos formar para sermos seus discípulos.

São Francisco, apaixonado pela palavra e pela vida de Jesus, descobriu na pobreza o modo de abraçar o essencial, e, assim, no-la transmitiu: *Não preciso de mais nada, conheço o Cristo pobre e crucificado* (2Cel 105). O Evangelho é suficiente. A Regra, as Constituições, a *Ratio Formationis* ou qualquer outro documento da Igreja ou da Ordem, são apenas instrumentos que têm valor na medida em que ajudam a viver mais e melhor segundo a forma do Santo Evangelho, a nossa *forma de vida*.

A partir do convite do Concílio Vaticano II a redescobrir as próprias raízes, a Vida Religiosa iniciou uma profunda reflexão sobre si mesma, para poder construir e transmitir, com fidelidade criativa, a mesma identidade carismática. Mais tarde, em 1996, a Igreja celebrou um sínodo monotemático sobre a vida consagrada. João Paulo II, em sua última Exortação (*Vita Consecrata*), descreve com grande beleza os núcleos fundamentais da identidade do consagrado: *Confessio Trinitatis; Signum fraternitatis; Servitium Caritatis*.

A nossa Ordem, em 1981, dedicou um Conselho Plenário à reflexão sobre a realidade da nossa formação (IV CPO, Roma, 1981). Este documento, em certo sentido, assumiu o lugar da *Ratio Formationis* que não tínhamos até hoje, sendo uma referência obrigatória para os projetos formativos da maior parte das circunscrições. Sem dúvida, permanece um documento audaz, com grandes intuições e sugestões que, ainda hoje, não foram completamente encarnadas. Mas se passaram quase quarenta anos, e algumas realidades do mundo, da Igreja e da nossa Ordem mudaram: os desafios atuais requerem novas reflexões e respostas.

A chegada ao pontificado do Papa Francisco, um religioso jesuíta com espírito franciscano, está dando novos impulsos de vitalidade e significado à Vida Religiosa, à qual confia a tarefa de *despertar o mundo*. O Papa dedicou o ano de 2015 para refletir e celebrar o dom da vida consagrada dentro da Igreja universal: a memória agradecida do *passado* nos impulsiona a viver o *presente* com paixão e nos leva a escutar atentamente e discernir evangelicamente os modos que o Espírito nos indica para o *futuro*. Em seu projeto de renovação das estruturas eclesiais, o Papa atualizou importantes documentos que guiam também as linhas formativas de ordens e congregações religiosas; portanto, o documento *Ratio Formationis Fundamental*. *O dom da vocação presbiteral* (2016) atualiza o documento *Pastores dabo vobis* (1992); e o documento *Veritatis Gaudium* (2017) faz o mesmo com *Sapientia Christiana* (1979).

A nossa Ordem sempre manteve o espírito de reforma e renovação. Durante o sexênio 2006-2012, todos os frades foram envolvidos no trabalho de reflexão, revisão e atualização das Constituições. O Ministro Geral, em nome do Capítulo Geral de 2012, apresentou-as à CIVCSVA, que as aprovou e confirmou com decreto de 4 de outubro de 2013. No mesmo ano, por ocasião da festa da Imaculada Conceição, foram promulgadas. A atual *Ratio Formationis*, em sintonia com o espírito de renovação, é uma primeira aplicação das novas Constituições no campo da formação, com o objetivo de reforçar a unidade carismática em meio à pluralidade cultural.

Nos últimos doze anos, o *Secretariado Geral da Formação* (SGF) e o *Conselho Internacional da Formação* (CIF) tiveram como prioridade a elaboração do texto da *Ratio Formationis*, usando uma metodologia participativa e fraterna, com diversas fases: *momentos de escuta*, em particular, nas casas de formação da Ordem; *momentos de reflexão compartilhada*, em particular, nos encontros continentais na Guatemala, em Praga, em Addis Abeba, em Bangkok; e *momentos de discernimento fraterno*, através do Capítulo Geral de 2018 e das reuniões do Ministro Geral com seu Conselho.

O texto desta *Ratio Formationis* é mais carismático do que jurídico, tem um caráter marcadamente franciscano e é destinado e elaborado para os Frades Menores Capuchinhos, identificando, de maneira clara, os conteúdos essenciais do nosso carisma. Por este motivo, há contínuas referências a São Francisco como modelo para seguir Cristo, às fontes franciscanas, aos documentos da Ordem e ao Magistério ordinário através das cartas dos últimos ministros gerais. A Frei Mauro Jöhri, nossa profunda gratidão por ter proposto, promovido, acreditado e acompanhado este projeto.

As orientações e os princípios aqui apresentados devem ser adaptados à sensibilidade dos diferentes contextos culturais das diversas circunscrições, através de uma *Ratio Formationis Localis*, que deve ser também o resultado da reflexão, da participação e da oração dos irmãos.

A Ordem, encorajada pelo Ministro Geral, Frei Roberto Genuin, pôs a missão no centro das suas prioridades: anunciar o Evangelho com a força do nosso carisma. A *Ratio*, estamos certos, dará novo impulso, trará dinamismo e empenho, e nos ajudará a responder, pessoal e fraternalmente, e com autenticidade evangélica, aos grandes desafios que o mundo de hoje nos apresenta.

Frei Charles Alphonse Ofmcap
Secretário Geral de formação

Frei Jaime Rey Escapa Ofmcap
Vice-secretário Geral de formação

SIGLAS E ABREVIATURAS**1. Sagrada Escritura**

At	Atos dos Apóstolos
Cl	Carta aos Colossenses
1Cor	Primeira Carta aos Coríntios
2Cor	Segunda Carta aos Coríntios
Ef	Carta aos Efésios
Fl	Carta aos Filipenses
Ex	Livro do Êxodo
Gl	Carta aos Gálatas
Gn	Livro do Gênesis
Hb	Carta aos Hebreus
Jo	Evangelho segundo João
Jó	Livro de Jó
1Jo	Primeira Carta de João
Lc	Evangelho segundo Lucas
Mc	Evangelho segundo Marcos
Mt	Evangelho segundo Mateus
Mq	Profecia de Miqueias
1Pd	Primeira Carta de Pedro
1Rs	Primeiro Livro dos Reis
Rm	Carta aos Romanos

2. Documentos do Concílio Vaticano II

AG	Ad Gentes
DV	Dei Verbum
GS	Gaudium et Spes
LG	Lumen Gentium
PC	Perfectae Caritatis
PO	Presbyterorum Ordinis
SC	Sacrosanctum Concilium

3. Documentos do Magistério

AL	<i>Amoris Laetitia</i> . Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco (19 de março de 2016)
CVer	<i>Caritas in veritate</i> . Carta encíclica do Papa Bento XVI (29 de junho de 2009)
ChrisV	<i>Christus vivit</i> . Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa Francisco (25 de março de 2019)
CCEO	Código dos Cânones das Igrejas Orientais
CIC	Código de Direito Canônico
ColabForm	Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, <i>A colaboração inter-institutos para a formação</i> (8 de dezembro de 1998)
DC	<i>Deus caritas est</i> . Carta encíclica do Papa Bento XVI (25 de dezembro de 2005)
Economia	Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, <i>Economia a serviço do carisma e da missão. Boni dispensatores multiformis gratiae Dei. Orientaciones</i> (6 de janeiro de 2018)
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i> . Exortação apostólica do Papa Paulo VI (8 de dezembro de 1975)
EG	<i>Evangelii Gaudium</i> . Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco (24 de novembro de 2013)
GEx	<i>Gaudete et Exsultate. Sobre o chamado à santidade no mundo atual</i> . Exortação apostólica do Papa Francisco (19 de março de 2018)
Justiça	Comissão JPIC, União de Superiores Gerais e União Internacional de Superiores gerais, <i>Um itinerário formativo para uma vida religiosa profética, “Guia-nos em tua justiça”</i> (Is 5,9), Bolonha 2010
LS	<i>Laudato Si</i> . Sobre o cuidado da casa comum. Carta encíclica do Papa Francisco (24 de maio de 2015)
NMI	<i>Novo Millennio ineunte</i> . Carta apostólica do Papa João Paulo II (6 de janeiro de 2001)
Partir	Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, <i>Instrução Partir de Cristo: um renovado compromisso da vida consagrada no terceiro milênio</i> (19 de maio de 2002)
PdV	<i>Pastores dabo vobis</i> . Exortação apostólica pós-sinodal do Papa João Paulo II (25 de março de 1992)
PI	Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, <i>Orientações sobre a formação nos institutos religiosos</i> (2 de fevereiro de 1990)
RFund	Congregação para o Clero, <i>O dom da vocação presbiteral. Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis</i> (8 de dezembro de 2016)

RM	<i>Redemptoris missio</i> . Carta encíclica do Papa João Paulo II (7 de dezembro de 1990)
VC	<i>Vita Consecrata</i> . Exortação apostólica pós-sinodal do Papa João Paulo II (25 de março de 1996)
VD	<i>Verbum Domini</i> . Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Bento XVI (30 de setembro de 2010)
VG	<i>Veritatis Gaudium</i> . Sobre as universidades e faculdades eclesiásticas. Constituição Apostólica do Papa Francisco (27 de dezembro de 2017)
VidaFra	Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, <i>A vida fraterna em comunidade</i> “ <i>Congregavit nos in unum Christi amor</i> ” (2 de fevereiro de 1994)
VinhoNovo	Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, <i>Para vinho novo, odres novos. Do Concílio Vaticano II: a vida consagrada e os desafios ainda abertos. Orientações</i> (6 de janeiro de 2017)

4. Escritos de São Francisco

Adm	Admoestações
AP	Anônimo Perusino
CSol	Cântico do Irmão Sol
2CtFi	Carta a todos os fiéis (2ª revisão)
CtAn	Carta a Santo Antônio
CtGo	Carta aos Governadores dos povos
CtLe	Carta a Frei Leão
CtMi	Carta a um Ministro
CtOr	Carta a toda Ordem
DpAl	Ditado da Perfeita Alegria
ELD	Exortação ao Louvor de Deus
LDA	Louvores a Deus altíssimo
LHo	Louvores para rodas as Horas
OCr	Oração diante do Crucifixo
OfP	Ofício da Paixão
REr	Regra para os eremitérios
RB	Regra bulada
RNB	Regra não bulada
SdVM	Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria

Test	Testamento
TestS	Testamento de Sena

5. Escritos de Santa Clara

2CtIn	Carta 2 a Inês de Praga
3CtIn	Carta 3 a Inês de Praga
4CtIn	Carta 4 a Inês de Praga
RSC	Regra de Santa Clara
TestC	Testamento de Santa Clara

6. Biografias de São Francisco de Assis

1Cel	Primeira Vida, de Tomás de Celano
2Cel	Segunda Vida, de Tomás de Celano
EP	Espelho de Perfeição
Fior	<i>I Fioretti</i> de São Francisco
JuOf	<i>Officium Sancti Francisci (Juliano de Spira)</i>
LM	Legenda Maior, de São Boaventura
LTC	Legenda dos três companheiros
Scom	<i>Sacrum commercium Sancti Francisci cum domina Paupertate</i>

7. Pensadores franciscanos

7.1. São Boaventura

Brev	<i>Breviloquium</i>
Itin	<i>Itinerarium mentis in Deum</i>
LV	<i>Lignum vitae</i>
Mag	<i>Christus unus omnium magister</i>
SL	<i>Soliloquium</i>
VM	<i>Vitis mystica</i>

7.2. Bem-aventurado João Duns Scotus

Ord	<i>Ordinatio (Quaestiones Oxonienses in Libros Sententiarum)</i>
Rep Par	<i>Reportata Parisiensia</i>

8. Documentos da Ordem e para a Ordem

Const	Constituições dos Frades Menores Capuchinhos
CorriveauFrat	J. CORRIVEAU, <i>Fraternidade evangélica</i> . Carta circular n. 11 (2 de fevereiro de 1997)
CorriveauFrat.Mu	J. CORRIVEAU, <i>A fraternidade evangélica em um mundo que mudança. Identidade, missão, animação</i> . Carta circular n. 20 (31 de março de 2002)
CorriveauFrater.Pob	J. CORRIVEAU, <i>Viver a pobreza em fraternidade. Uma reflexão sobre o VI Conselho Plenário da Ordem</i> (31 de maio de 1998)
CorriveauPob	J. CORRIVEAU, <i>Os pobres, nossos mestres</i> . Carta do ministro geral sobre o VI CPO (2 de dezembro de 1999)
CorriveauTes	J. CORRIVEAU, “ <i>Eis que vos envio por todo o mundo, para que deis testemunho com palavra e obras</i> ”. Carta circular n. 9 (3 de fevereiro de 1996)
JöhriLev	M. JÖHRI, <i>Levanta-te e caminha!</i> Carta circular n. 8 (29 de novembro de 2010)
JöhriReacen	M. JÖHRI, <i>Reacendamos a chama do nosso carisma!</i> Carta circular (8 de dezembro de 2008)
JöhriMis	M. JÖHRI, <i>A missão no coração da Ordem</i> . Carta circular (29 de novembro de 2009)
JöhriIdent	<i>Identidade e pertença capuchinha</i> . Carta circular (4 de outubro de 2014)
JöhriDom	<i>O dom irrenunciável dos irmãos leigos para a nossa Ordem</i> . Carta circular (5 de abril de 2015)
JöhriOrac	<i>São Francisco de Assis: um homem transformado em oração</i> . Carta circular (4 de outubro de 2016)
Mjpic	Manual capuchinho de justiça, paz e integridade da criação
OCG	Ordenações dos Capítulos Gerais da Ordem
Post2004	<i>Formação para a vida franciscana. O pós-noviciado</i> . Documento final do encontro internacional sobre o pós-noviciado, Assis 5-25.9.2004, em <i>Analecta Ofmcap</i> 120 (2004) 1015-1026

9. Conselhos Plenários da Ordem

I CPO	<i>Vida fraterna, pobreza e minoridade</i> (Quito 1971)
II CPO	<i>A oração</i> (Taizé 1973)
III CPO	<i>Vida e atividade missionária</i> (Mattli 1978)
IV CPO	<i>A formação</i> (Roma 1981)
V CPO	<i>Nossa presença profética no mundo</i> (Garibaldi 1986)
VI CPO	<i>Viver a pobreza em fraternidade</i> (Assis 1998)
VII CPO	<i>Nossa vida fraterna em minoridade</i> (Assis 2004)
VIII CPO	<i>A graça de trabalhar</i> (Roma 2016)



APRESENTAÇÃO

E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples e o Senhor Papa confirmou. E os que vinham para abraçar este gênero de vida distribuíam aos pobres o que acaso possuíam. E eles se contentavam com uma só túnica remendada por dentro e por fora, com um cingulo e as calças. E mais não queríamos ter (Test 14-17).

RATIO
FORMATIONIS

“*Jesus no coração, Jesus nos lábios, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos*” (1Cel 115). Ter os mesmos sentimentos de Jesus ao jeito de são Francisco é o critério último e fundamental de todo nosso projeto formativo. **Formar é conformar-nos** a forma de vida do santo Evangelho, caminho autêntico de santidade.

1. OBJETIVO

A *Ratio Formationis Generalis (RF)* tem como finalidade fortalecer, ao longo de todo o processo formativo, nossa única identidade carismática; quer dizer, os valores compartilhados e aceitos por todos, que a sua vez se encarnam nos distintos contextos culturais.

Na *RF* são apresentados somente os princípios gerais. É obrigação de cada circunscrição elaborar a própria *Ratio Formationis Localis* à luz destes princípios gerais.

2. ESTRUTURA

O texto está dividido em três capítulos e três anexos. O primeiro capítulo entrelaça a história de Francisco com a nossa, tendo por pano de fundo a vida de Jesus, que ilumina e **inspira carismaticamente** o presente e o futuro da nossa formação.

O segundo capítulo apresenta as cinco dimensões constitutivas de toda *RF* desde o ponto de vista eclesial. Todo processo de formação deve integrar, de modo equilibrado, as dimensões que nos configuram: humana, espiritual, intelectual, profissional, etc. Estas dimensões, tendo em conta os princípios básicos da antropologia franciscana, e os próprios valores culturais e carismáticos, nos permitem descobrir a especificidade de nossa vocação e forma de vida.

O terceiro capítulo introduz, de forma processual e iniciática, as dimensões, nas distintas etapas da formação. Apresenta-se **a natureza** de cada etapa, **os objetivos** a alcançar – marcados com forte acento cristológico –, **as dimensões** –com uma ênfase especial no *proprium* franciscano–, **os tempos** específicos e **os critérios** de discernimento. Incorporam-se temas de particular interesse: **o trabalho**, em sintonia com as preocupações de nossa Ordem expressas no VIII CPO; a **economia** permeada por uma aprendizagem de habilidades que permitam uma gestão fraterna e transparente do dinheiro; **a justiça, a paz e a ecologia**, seguindo as recomendações do papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si'*, assim como as indicações do recente manual de JPE da nossa Ordem; **as novas tecnologias de informação e de comunicação**, relacionadas com as significativas mudanças antropológicas que se estão produzindo em nosso mundo.

A *RF* contém ainda três anexos que abordam monograficamente as questões da cultura, o estudo e a maturidade humana, especialmente a afetivo-sexual.

3. ESTILO

O capítulo I apresenta a figura de são Francisco desde uma linguagem poética, para que, através de seu caráter universal e simbólico, possa inspirar nossa forma de vida nas diversas culturas. Por sua vez, o capítulo II, de acordo com os conteúdos mais pedagógicos, usa uma linguagem de caráter exortativo, reservando uma linguagem mais normativo-propositiva para o capítulo III e os anexos.

Uma *RF* para toda a ordem não pode abusar da linguagem normativa; por isso intencionalmente, a partir de um texto com narrativa sóbria e suficientemente denso, mantém-se uma certa tensão entre

a norma, a exortação, a proposta, e o desejo, de maneira que se respeite a tensão natural entre as propostas gerais de uma *Ratio* e as propostas concretas de um projeto formativo local.

4. METODOLOGIA

A expressão texto *a caminho* é a que melhor descreve a intenção de usar uma metodologia dinâmica e participativa. Através de distintas maneiras recolhemos as propostas, sugestões e intuições de todos os irmãos. Trata-se de um texto coletivo, incompleto e aberto a fases sucessivas de elaboração de um documento definitivo.

Mais que dizer o que tem que fazer, apresentamos um texto que oriente e ajude a descobrir a sensibilidade e as tendências atuais em âmbito formativo e dê pistas para ser significativos e autênticos no mundo de hoje. Há que se evitar os princípios ideológicos que impedem que a reflexão tenha como ponto de partida e de chegada a realidade.

5. CHAVES DE LEITURA

Trinitária-cristológica: O protagonista é Jesus, o Filho de Deus. O **seguimento** é o pano de fundo de como se interpreta a vida de São Francisco e construímos nossa identidade.

Antropológica: A antropologia franciscana é dinâmica e positiva, tendo o **relacional-experiencial** como sua categoria interpretativa fundamental.

Franciscana: A categoria relacional faz da **fraternidade** o espaço próprio de crescimento e integração de nossa identidade carismática. Desde a liberdade, a responsabilidade há de construir-se com autenticidade a vida pessoal e fraterna.

Capuchinha: A conversão e a **sobriedade** são as categorias que melhor definem a interpretação capuchinha da realidade, onde a simplicidade converte-se em caminho de busca do essencial. Também pertence ao nosso carisma a categoria da **reforma**, compreendida como exigência existencial de contínua atualização e renovação.



FRANCISCO, NOSSO IRMÃO

O Senhor concedeu a frei Francisco iniciar a fazer penitência, conduzindo-o para o meio dos leprosos. Com eles usou de misericórdia e, depois de escutar a voz do Crucifixo de São Damião, abraçou a vida evangélica a fim de seguir os passos de Cristo, com ardente desejo de conformar-se a Ele em tudo. Assim o verdadeiro amor de Cristo transformou o amante em imagem do amado (Const 3,1).

FRATILIO
FORMATIONIS

1. Somente vivendo se aprende a viver. As experiências e os encontros que fazemos em nosso caminho constituem um processo dinâmico que forma a nossa própria identidade. Construir a si mesmos é um desafio apaixonante, não isento de dificuldades. Todavia, nós, cristãos, temos um modelo: Jesus, o Filho de Deus que, percorrendo as veredas da nossa existência fez-se nosso irmão revelando-nos assim a nossa meta última e definitiva: ser irmãos para encontrarmos-nos como filhos do mesmo Pai, filhos de Deus. A fraternidade é o caminho. Francisco permanece fascinado pela humanidade e humildade do Deus altíssimo que, em Jesus, se faz pobre e crucificado. Por isso, faz do Evangelho a nossa forma de vida: sermos irmãos para sermos mais homens e, como Jesus, testemunhá-lo na autenticidade da nossa vida vivida em fraternidade.

TestC 1-5

CtOr 28;
Adm 1,16;
1Cel 84, 115;
2Cel 211;
LTC 2; LM 9,2
Test 14-15

I. O SILÊNCIO

Sumo, glorioso Deus, ilumina as trevas do meu coração e dá-me fé direita, esperança certa e caridade perfeita, (bom) senso e conhecimento, Senhor, para que faça teu santo e verdadeiro mandamento (OCr 1-3).

2. Bem-aventurados aqueles que escutam o silêncio: seus olhos se enchem de luz e seus passos se direcionam rumo às profundidades do coração. Quem se deixa tocar pelo silêncio coloca-se em relação mais profunda com o mundo, abre-se à paz e vive de modo mais autêntico.

No silêncio se intui a presença do Mistério e se aprende que, para deixar-se encontrar por ele, é necessário converter-se e buscar a verdade de si mesmo, zelando pelo espaço interior que ultrapassa os limites do que é superficial e permite uma relação fecunda com os outros: neles, descobrimos também quem somos nós. O silêncio é fonte de desejo, diálogo, beleza, e quando se torna contemplação é ocasião para acolher o sussurro da voz de Deus¹.

1Cel 6; 10; 71; 91;
LM 5,6; LP 56;
EP 55
Ex 3,1-15
Gn 12,1

1Rs 19,3-15

I.1. O sentido

3. Deus, amando, cria o ser humano e o convida a viver, doa-lhe a liberdade, dando-lhe desta maneira a capacidade de construir a si mesmo. Esta lógica da criação nos ensina que viver consiste em assumir a responsabilidade do caminho, em dar forma à própria existência, buscando descobrir a nossa vocação: o que o mundo está esperando de nós, o dom que o Criador nos dá. A vida é dom que exige a nossa responsabilidade.

RNB 23,1

4. O coração do Evangelho é a forma de vida de Jesus, que escolheu não consumir a própria existência em benefício próprio, mas vivendo para os outros². Nele, descobrimos que a vida consiste na arte do encontro. Jesus, abrindo-se a Deus e fazendo de si mesmo uma porta aberta ao encontro com os outros, ensina-nos qual é o paradoxo do cristão: *Quem se apega à sua vida, perde-a; mas quem faz pouca conta de sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna.*

Fl 2,6-11;
2CtIn 19-20

Jo 12,25

5. Quem não gostaria de ser um grande cavaleiro? Em sua juventude, Francisco não sonha com outra coisa: ser o maior, o mais poderoso, o mais admirado. Parece-lhe que tem todas as respostas, até que um dia se encontra diante da guerra e experimenta o sofrimento e a sombra da

¹ Cf. FRANCISCO DE OSUNA, *Terceiro abecedário da vida espiritual*, Vozes, Petrópolis 2013; BERNARDINO DE LAREDO, *Subida al monte Sión*, en *Mistici Francescani*, Vol IV, Fonti e recherche, Edizione EFR, Padova 2010.

² Cf. H. SCHÜRMAN, *¿Cómo entendió y vivió Jesús su muerte? Reflexiones exegéticas y panorama*, Sígueme, Salamanca 1982.

morte. Os sonhos se transformam em pesadelos. Cai prisioneiro na batalha de Collestrada e no cárcere de Perúgia descobre que o mundo não é como ele pensa. À experiência do cárcere segue a doença, a crise e a perda de significado: diante dos olhos são-lhe previstos apenas conflitos e inimigos, fragmentos de um mundo despedaçado. Sente-se perdido.

1Cel 3; LTC 4;
2Cel 4

6. Quando as coisas perdem significado, a vida se preenche de medos que se apropriam de nós e nos impedem de saber quem somos. Assim, surgem sentimentos que não conhecíamos e que ofuscam nosso caminho: a ânsia de poder, o desejo desordenado de competição, a tentação da exclusão. A falta de significado se torna solidão, e esta, transformada em egoísmo, impede-nos de ver quem somos. Contudo, no fundo do coração humano sempre palpita o desejo de Deus³.

2CtF 63-71

I.2. A busca

7. O homem descobre quem é quando se põe em caminho. A itinerância (o movimento ao exterior e ao interior, o contato com outras pessoas, outras culturas e outras ideias) pertence ao aspecto mais profundo da condição humana. É esta postura que nos mantém atentos diante do conformismo e do comodismo, dos quais Deus, seduzindo-nos com o dom de uma vida sempre nova e aberta, nos protege.

Gn 12,1

RB 6,1-3

8. Seguir Jesus significa viver como Ele viveu: anunciando o Reino de Deus, estando sempre em caminho. O modelo de vida itinerante nos enraíza naquilo que é fundamental. A nossa tradição franciscana nos convida ao seguimento de Cristo pobre e despido, e nos faz descobrir que a pobreza liberta daquilo que é supérfluo, e sua nudez nos introduz no mistério da verdade: *Nudus nudum Christum sequi*.

RB 6,2

LM 2,4;
Const 60,5

9. A vida de Francisco é cheia de perguntas: por que os homens se matam uns aos outros? Por que a pobreza e a exclusão? Por que o sofrimento? No caminho rumo à Apúlia, em sua tentativa de se tornar cavaleiro, um sonho o desperta: *a quem queres servir; ao servo ou ao Senhor?* Francisco compreende que quem foge de si mesmo jamais pode encontrar-se. Deve abandonar a sua armadura, descer de seu cavalo e de seu orgulho, passar-se por covarde e fracassado e recomeçar. Desvelar o significado daquele sonho de Espoleto irá ocupá-lo por toda a vida .

LTC 6

2Cel 6; AP 6

10. Viver significa não se cansar de buscar o caminho. O horizonte permanece aberto para recordar-nos que o significado da vida se constrói passo a passo, que o caminho é cheio de pegadas que desvelam uma parte do mistério. É nossa tarefa ir em busca com paixão e caminhar com confiança.

I.3. O mistério

11. O mistério é a parte ainda não alcançada da realidade. Por detrás daquilo que se vê, há muito mais. O homem fracassou na tentativa de reduzir a existência às forças da própria razão. Do mesmo modo, a fé não está isenta do perigo de construir imagens idolátricas de uma divindade na medida das nossas necessidades⁴.

12. Para não cair nesta tentação, é necessário confrontar a nossa experiência com aquela que Jesus teve do Pai. É isso que vemos no Evangelho: quando Jesus encontra, quando anuncia e

³ Cf. A. GESCHÉ, *O sentido (Deus para pensar VII)*, Paulinas, São Paulo 2005.

⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *fides et ratio*. Sobre as relações entre fé e razão, libreria editrice Vaticana, Città del Vaticano 1998.

quando se retira no monte para rezar, é envolto pelo Mistério do Pai, e Dele, desvela o amor incondicionado e gratuito, sempre aberto.

Lc 9,28-36

13. Não sem sofrimento, Francisco deve abandonar suas velhas imagens de um Deus que arma como cavaleiros os fortes, que justifica o poder de poucos, que aniquila quem pensa de maneira diferente, que alimenta o ódio diante do inimigo. Só então experimenta a escuridão da noite, a solidão e a ausência de Deus. No silêncio e contemplando as criaturas, Francisco começa a intuir a presença do Criador.

Gn 1,24-31

2Cel 7; LTC 6

I.4. A beleza

14. O ser humano apresenta uma atração natural por tudo o que é belo, porque o encontro com a beleza ajuda a superar a experiência da fragmentação. A beleza do mundo nos abre a uma relação de interdependência, que nos faz irmãos de todos. Por isso, não se trata de algo superficial: o contato com a autêntica beleza nos permite conhecer quem somos e o que fazemos na vida.

Itin 2,8

15. Se observarmos bem, veremos como o Evangelho também nos fala da relação de Jesus com as criaturas: nelas, ele encontra um lugar para contemplar Deus. A descoberta que Jesus faz da beleza do mundo – a harmonia dos seres, a sua absoluta dependência de Deus – ajuda-o a construir um mundo fraterno, que está próximo a tudo o que existe. A forma de vida de Jesus é a beleza mais plena: a sua autenticidade, a sua liberdade interior, as suas mãos sempre abertas, os seus olhos cheios de misericórdia e ternura. A vida de Jesus é a mais bela.

16. Francisco escuta o Evangelho, e a partir dele lê a Criação, onde descobre o desejo que Deus tem de estabelecer relação com todas as criaturas. Em cada uma delas, contempla os diversos modos nos quais Deus se faz presente e, junto com elas, torna-se testemunha fascinada do Deus Criador, ao qual se dirige exclamando: *Vós sois beleza!*⁵.

1Cel 22; LTC 25;
AP 11; LTC 29
1Cel 80-82;
2Cel 165;
LM 8,6; Brev 1,2

LDA 4.5

II. O ENCONTRO

Que não haja nenhum frade no mundo, que tenha pecado tanto quanto puder pecar que, depois que tiver visto teus olhos, nunca se retire sem a tua misericórdia, se buscar misericórdia (CtMi 9).

17. Homem nenhum é uma ilha. Deus nos criou únicos e irrepetíveis, mas não autossuficientes. O individualismo (a tentação de reduzir a realidade à própria visão) destrói a capacidade de relação e, transformando o outro em objeto de autoafirmação e domínio, impede a autêntica realização da pessoa. A interdependência exige reconhecer a diversidade do outro e acolhê-la como dom e riqueza. Sem relações livres e abertas, a vida carece de significado, porque é na descoberta da alteridade que se constrói a própria identidade.

Gn 2,18,20

Os encontros são as experiências mais importantes da vida de Francisco. Nada acontece por acaso, mas tudo acontece em tempos e lugares concretos: Francisco, quando está buscando a sua estrada, é conduzido às periferias de Assis; fora dos muros da cidade, na pequena ermida de São Damião, pode ouvir melhor a Palavra e também se encontrar com os leprosos e seguir Cristo pobre e nu.

Test 2

LTC 1-35

⁵ Cf. L. DE ROSA, *Dalla teologia della creazione all'antropologia della bellezza. Il linguaggio simbolico, chiave interpretativa del pensiero di San Bonaventura da Bagnoregio*, Cittadella, Assisi 2011.

II.1. A Palavra

18. No Evangelho, Francisco encontra a sua *forma de vida*. Não inventa nada, mas descobre que se trata de viver como viveu Jesus: *o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho*. Jesus, como pregador itinerante, anuncia a boa nova do Reino: o amor gratuito de Deus que não exclui ninguém. Precisamente, o Evangelho – o livro que narra os encontros de Jesus, a maior parte com pobres, doentes e excluídos – nos propõe, como centro de vida, a capacidade do encontro. As Bem-aventuranças e o convite à misericórdia resumem bem em que consiste o encontro com o mundo ao qual Jesus nos chama.

Test 14

Mt 5,3-12
Mt 9,10-13

19. A Francisco, basta o Evangelho, ele vive *nas e das* Escrituras, e habita nelas como na sua casa: este é o ponto vital de referência e de discernimento daqueles que seguem Jesus. Ele se faz presente em meio a nós cada vez que fazemos memória da sua Palavra e procuramos iluminar a nossa vida. O próprio Francisco, enamorado das palavras de Jesus, alerta seus irmãos quanto à tentação de cobrir a vida *desnuda e simples* do Mestre, e nos convida a viver evangelicamente e *sine glossa*.

2Cel 102;
LM 11,11Cel 6
Test 38-39

20. Francisco *não é um ouvinte surdo do Evangelho*, mas um homem que busca dar vida àquilo que escuta. Dele aprendemos que a Palavra de Deus pode ser entendida na sua profundidade somente quando se põe em prática, que viver dela gera um novo estilo de relação: a fraternidade. Viver como irmãos é o espelho dos valores do Reino, o seu anúncio mais belo, a forma mais autêntica de compartilhar o desejo de Deus. A acolhida fraterna da diversidade constitui o modo mais crível de contemplar e narrar a história do nosso Deus, que se faz menor e irmão no mistério da encarnação do Filho⁶.

1Cel 22

1Cel 38; LM 6,5

II.2. O leproso

21. Arriscar-se em pôr o próprio coração na miséria humana do outro: esta é a dinâmica da misericórdia. Algumas feridas da guerra marcam a memória afetiva de Francisco até o fim. O olhar suave da misericórdia de Deus o ajuda a conhecer, acolher e integrar as próprias cicatrizes e as próprias sombras. Somente quem experimentou a misericórdia pode praticá-la. Trata-se de algo que muda completamente os nossos modos de relacionar-nos: da acusação e do juízo, que geram culpabilidade, somos conduzidos rumo à empatia e à compreensão, que convidam à responsabilidade. Compartilhar a vida com os leprosos é uma autêntica escola para Francisco. A partir daquele momento, gratuidade e misericórdia serão os fundamentos do novo projeto de vida evangélica inspirado pelo próprio Deus.

Mq 6,8

1Cel 17; LTC 11

22. *Como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo*. Por muito tempo, Francisco se sente inseguro diante dos leprosos e se protege: constrói muros, distancia-se deles, esconde-se. Não se trata do medo do contágio físico, mas de algo mais profundo; é o medo de incorrer na mesma sorte do leproso, ou seja, não ser aceito, ser excluído, não ter nenhum direito, não ser conhecido e amado por ninguém, ser invisível, não ser nada nem ninguém.

Test 1-3

23. Francisco beija o leproso, ainda que beijar signifique deixar-se beijar. Não se trata de um ato de pura vontade, para superar a repugnância. O seu beijo é expressão de uma experiência afetiva

⁶ Cf. D. DOZZI, *Así dice el Señor. El Evangelio en los escritos de San Francisco*, Arantzazu, Oñati 2003.

sincera, que acaba erradicando os medos e muda o próprio universo afetivo. Tudo começa a ter um outro significado: o amargo se faz doce, realiza-se a passagem da necessidade de ser conhecido pelos outros a ter um bom conhecimento de si mesmo. Graças aos leprosos, Francisco começa a conhecer-se e experimenta o significado da gratidão. Beijar o Evangelho ou beijar um leproso é a mesma coisa, perceber a palavra de Jesus e perceber o grito da carne daqueles que sofrem é a mesma coisa: aquele que fala e aquele que beija é sempre Jesus⁷.

Mt 25,31-46;
1Cel 17; 2Cel 9;
LTC 11; LM 1,5

24. Em meio aos leprosos, longe de qualquer falsa segurança, surge a autêntica segurança interior. É o paradoxo evangélico: quanto menor for o poder, maior a liberdade. Lá onde não há nada a perder, da mão da gratuidade nasce a autêntica segurança. Francisco aprende aqui uma outra lição decisiva que caracterizará a sua existência e a de seus irmãos: a incompatibilidade entre fraternidade e poder. Quem quiser ser frade menor deve servir e renunciar a qualquer tipo de domínio sobre o outro.

VII CPO 19
Mc 10,42-45;
RNB 3,9; 6,3;
16,6;
SdVM 16-18;
2CtIn 47

II.3. O Filho, pobre e desnudo se fez nosso irmão

25. Jesus, despido, pobre e crucificado, vive na ermida semidestruída de São Damião, em meio aos leprosos e suscita proximidade e solidariedade em quem o contempla. Não é o juiz que condena, mas o irmão que compartilha as nossas dificuldades. *Nasce pobre, vive mais pobre e morre paupérrimo e nu na cruz*. Não reserva para si a sua condição de Filho, pelo contrário, faz-se nosso irmão, mostrando-nos que a fraternidade é o melhor caminho para descobrir a Deus.

2Cel 10; LTC 3;
LM 2,1; LTC 13

26. Francisco quer seguir mais de perto Jesus, percorrendo passo a passo, de Greccio (experiência do presépio) até o Monte Alverne (experiência do Calvário), todas as etapas da sua vida. O seguimento do Mestre ocupa sempre o centro: *Tinha Jesus de muitos modos: levava sempre Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus em todos os outros membros*.

4CtIn 19-23;
VM 2,3
Fl 2,6; CtOr 14
1Cel 84-87;
LM 107
1Cel 94-96;
2Cel 217;
LTC 69-70;
LM 13,1-3
1Cel 115

27. O amor, mais que o pecado, é o centro do mistério da encarnação. O Altíssimo e Onipotente, de modo misterioso, desvela-se a nós como o infinitamente pequeno, despojado de qualquer poder. Deus é dom total, dedicação absoluta. Não reserva nada de si para si mesmo. A cruz, *Árvore da Vida*, recorda-nos o empenho de Jesus pela justiça e pelos excluídos. Identifica-se com eles, de modo tal que acaba como eles: pregado num madeiro, como um amaldiçoado fora da cidade. A sua vida e a sua morte dizem claramente que Deus não faz parte de um sistema que exclui. É isso que nos ensina a Ressurreição: a palavra definitiva de amor que Deus pronuncia sobre a vida de Jesus. Assim a compreende Francisco⁸.

OpF 7,9
CrO 28-29
Ord. III, d.20,
q.un., n.10

Gl 3,13

II.4. Os pássaros e as flores

28. Um grande obstáculo para o seguimento de Jesus é o medo, que consiste em levar no presente um mal que pensamos nos possa acontecer no futuro, permanecendo assim bloqueados para seguir adiante. O contrário do medo é a confiança: a afirmação serena e alegre do presente que nos encaminha rumo ao que está por vir. *Olhai os pássaros dos céus... Olhai os lírios do campo*. Pássaros – símbolo da liberdade – e flores – imagem da providência – são propostos por Jesus

Mc 10,32

Mt 6,26,28

⁷ Cf. F. ACCROCA, *Tutto cominciò tra i lebbrosi. Gli inizi dell'avventura spirituale di Francesco d'Assisi*, Porziuncola, Assisi 2014.

⁸ Cf. G. IAMMARRONE, *La cristologia francescana. Impulsi per il presente*, Messaggero, Padova 1997.

como modelos do discípulo confiante, aquele que se sente sustentado pela bondade de Deus e busca viver a profundidade de cada momento.

29. Em Francisco, é-nos revelado uma nova forma de santidade. Enamora-se das flores, fala com os pássaros e tem encontros próximos com as criaturas; sente-se um deles em seu meio. Ao invés das pedras dos espaços fechados, ele prefere o claustro do mundo, cheio da cor das flores, que testemunham a beleza do Criador, e da música dos pássaros que cantam a glória de Deus. Cansado dos discursos vazios de experiência, Francisco aprende dos lírios e dos pássaros um novo modo de falar, uma palavra livre e gratuita, confiante e capaz de convidar à confiança absoluta no Senhor.

2Cel 165;
LM 9,1; LP 88;
EP 118
Scm 63
1Cel 58-61; 80-82;
2Cel 165;
LTC 20-21;
LM 12,3-4; 8,6
Mt 6,7-8

III. O DESEJO

Nada mais, portanto, desejemos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade e deleite a não ser o Criador (RnB, 23).

30. A busca de sentido desperta o mundo do desejo. Trata-se de uma chave que põe em ato todo o nosso ser, abrindo-nos ao encontro com a realidade. O desejo se reveste sempre de experiências concretas, mantém-nos atentos à força da vida e nos une a Jesus, impulsionando-nos a compartilhar seus sentimentos, a sermos como ele. Francisco, *homem de desejos*, permite que Deus transforme o seu desejo de ser cavaleiro em um desejo ainda mais alto: ser como Jesus.

Itin, Pról. 3
Fl 2,5

III.1. O olhar

31. *Parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos.* Desviar o olhar e permanecer cegos é sempre uma tentação. Quem pode dissipar a tendência que temos em olhar somente a nós mesmos? A conversão consiste precisamente em mudar o nosso modo de olhar, passando da indiferença à compaixão e permitindo que o que vemos nos toque e nos transforme.

Test 1
Lc 10, 30-37;
Test 1-3

32. Nada escapa aos olhos de Deus: Ele vê os pobres e *escuta* seu lamento, transforma-os na pupila dos seus olhos. Deus nos vê através deles. São os paradoxos do Evangelho: somos vistos por aqueles que não queremos ver. Somente quando Francisco se deixa ver pelos olhos do Deus dos leprosos, é capaz de abrir os seus próprios olhos e aprender a ver.

Ex 2,23-25

33. O Cristo de São Damião se transforma no espelho no qual Clara e Francisco nos convidam a olhar. Em seus olhos, os nossos se enchem de misericórdia. No modo de olhar de Jesus, passamos do silêncio à escuta, da solidão à solidariedade, da contemplação à compaixão. Assim inicia o processo de transformação dos nossos desejos: começa-se a olhar as coisas como Jesus e se termina por vê-las como Ele. E mais: termina-se por ser um outro Jesus. E mais: você mesmo se transforma em outro espelho, e quem o vê, vê Jesus⁹.

3CtIn 12-13;
OCr
CtMi 9-11

34. A contemplação convida ao seguimento e o seguimento à contemplação. Ambas as realidades dão força ao significado da nossa vida de irmãos. Juntos, a partir do espaço de fraternidade, de maneira profética, prolongamos o olhar de Deus sobre o mundo, denunciando o que é injusto e transformando-nos em testemunhas da esperança e da alegria do Evangelho¹⁰.

4CtIn 15-27

⁹ Cf. J.C. PEDROSO, *Abrace o Cristo pobre. A espiritualidade de Santa Clara, Centro Franciscano de Espiritualidade*, Pericicaba 2012.

¹⁰ Cf. T. MATURA, *En oración con Francisco de Asís*, Arantzazu, Oñati 1995.

III.2. A fraternidade

35. *O Senhor me deu irmãos.* A Francisco foi revelado que, para poder viver como Jesus, são imprescindíveis os irmãos. Deus nos criou diversos e irrepetíveis, únicos. A fraternidade não nega a identidade pessoal, ao contrário, protege-a do individualismo; não destrói a pessoa, mas a enriquece, dando-lhe um espaço mais amplo. A nossa identidade de irmãos se constrói somente partindo-se da relação.

Test 14

36. O projeto de Clara e de Francisco consiste em seguir Jesus como irmãos e irmãs, através de estilos diferentes e complementares. Enquanto Francisco recupera o modelo apostólico (itinerância, pregação e fraternidade), Clara se concentra na escuta e no serviço a Jesus segundo o estilo de Marta e Maria na casa de Betânia¹¹.

RSC 6,3-4

Lc 10,38-42

37. A nossa identidade carismática se exprime no modo de viver as relações. A pobreza nos faz pôr ao centro aquilo que é fundamental, evitando que as coisas materiais se transformem em obstáculos entre nós: *E aqueles que vinham para assumir esta vida davam aos pobres tudo o que podiam ter; e estavam contentes com uma só túnica, remendada por dentro e por fora, com o cordão e calções. E mais não queríamos ter.* Todos os frades são iguais: todos têm o dever de trabalhar com as próprias mãos, a pregação não é exclusiva dos clérigos, o lugar de origem não importa. A fraternidade garante a liberdade e favorece a gratuidade das relações interpessoais, que requerem, de modo incondicional, a todos os frades, a renúncia a qualquer tipo de poder. Para Francisco, sem liberdade, sem criatividade e sem responsabilidade, não existem autênticas relações fraternas: *De qualquer modo que te parecer que agrada ao Senhor Deus, e seguir seus vestígios e pobreza, que o faças com a bênção de Deus e a minha obediência.*

Test 16-17
RNB 7,1-9;
RB 5,1-4;
Test 20-22
VII CPO 4

CtLe 3

38. As dificuldades experimentadas por Francisco nas relações fraternas tornam críveis as palavras que ele dirige a um frade que lhe pede ajuda: os problemas fraternos não se resolvem fugindo para um eremitério, nem querendo que os outros sejam cristãos melhores. Somente assim abrem-se espaços de gratuidade que nos libertam da ânsia de expectativa e de domínio. O segredo para viver à altura destas exigências está na contemplação, espaço irrenunciável no qual os nossos olhos se enchem de misericórdia: *Que não haja nenhum frade no mundo, que tenha pecado tanto quanto puder pecar, que, depois que tiver visto teus olhos, nunca se retire sem a tua misericórdia, se buscar misericórdia.*

CtMi 7

CtMi 9

III.3. A Igreja

39. *E o Senhor me deu tão grande fé nas igrejas.* A fidelidade criativa e a pertença minorítica do projeto franciscano dão um novo ar evangélico à Igreja. Santa Maria dos Anjos, a Porciúncula, berço de nossa Ordem, é rodeada de profundas conotações afetivas: aqui nascem os frades menores e as irmãs pobres; aqui a fraternidade se reúne em torno a *Maria, feita Igreja*. Este espaço de encontro e de repouso, memória das origens, é segundo Celano, o lugar mais amado por Francisco. A Porciúncula recorda sempre aquilo que é pequeno e essencial, é o modelo da eclesiologia franciscana e o sacramento de uma igreja de irmãos que anunciam o Evangelho vivendo em fraternidade.

Test 4

1Cel 21-22;
LM 2,4
SdVM 1

1Cel 106

40. *Nada vejo corporalmente neste mundo do mesmo altíssimo Filho de Deus, a não ser o seu santíssimo corpo e seu santíssimo sangue.* A Igreja, corpo místico de Cristo, nasce da Eucaristia¹². É

Test 10
LG 4

¹¹ Cf. N. KUSTER, *Francisco y Clara de Asís. Una biografía doble*, Editorial Estudios Franciscanos, Madrid 2014.

¹² Cf. JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia, Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja*, Libreria Vaticana,

o símbolo que resume toda a vida e a mensagem de Jesus: o dom total e gratuito de si. O Lavapés, o gesto fundacional da Igreja, evidencia o seu significado e a sua vocação mais profunda: o serviço como modo específico de ser no mundo. Trata-se de uma autêntica experiência de amor e de justiça, na qual ver e tocar o corpo de Jesus nos ajuda a vê-lo e tocá-lo no corpo dos pobres e, deste modo, desmascarar qualquer falsidade espiritual. A Eucaristia é para nós fonte da vida eclesial e raiz, eixo e coração de nossa vida fraterna.

Jo 13,1-17

Adm 1,1-22

Const 48,1

41. O sentido da Igreja não é o de anunciar si mesma, mas o de ser anúncio de Jesus. A dimensão missionária está no coração do nosso projeto: ser capuchinho significa estar disposto a *ir aonde ninguém quer ir*, sempre segundo o estilo de Francisco, que se pôs a caminho para encontrar o sultão Al-Kamil e construir a paz por meio do diálogo e do respeito¹³. Dele, aprendemos que o Evangelho não se impõe, propõe-se, e toma como ponto de partida o reconhecimento da verdade que habita no outro. O testemunho da nossa vida fraterna é, sem dúvida, o modo mais crível para anunciá-lo: *quando vão pelo mundo, não litiguem nem contendam com palavras, nem julguem os outros; mas sejam amáveis, pacíficos e modestos, mansos e humildes, falando a todos honestamente, como convém*.

Mt 28,18-20

JôhriMis 1,7

1Cel 57; LM 9,8

EG 14

RB 3,10

III.4. O mundo

42. Deus pôs o mundo em nossas mãos: lugar onde acontece a nossa salvação. As nossas estruturas socioeconômicas e culturais estão em processo de transformação. Existem desafios inadiáveis: pôr fim às escandalosas desigualdades que excluem grande parte da humanidade, realizar um desenvolvimento sustentável que respeite o ambiente, encontrar modalidades de diálogo entre as diversas religiões, para que Deus não seja pretexto para se fazer guerra, construir uma sociedade na qual a interculturalidade esteja entre as nossas maiores riquezas.

EG 59

43. Somente com o amor podemos tratar os desentendimentos e as feridas do mundo, favorecendo uma cultura do encontro, que rompa a lógica da posse e do domínio e nos forme na lógica da gratuidade. Trata-se de passar do *direito a ser* ao *dom de ser*, superando assim a contraposição amigo/inimigo, incompatível com a espiritualidade franciscana que reconhece no outro um irmão, jamais uma ameaça¹⁴.

LS 16

44. A nossa maneira de compreender a pobreza aprofunda as suas raízes na experiência da gratuidade e da interdependência, que favorece de modo natural uma cultura da solidariedade que ajuda a recuperar o sentido comunitário da existência. Os novos tempos exigem que abandonemos a cultura do consumo e proponhamos novos estilos de vida sustentáveis, conscientes da fragilidade do ambiente e da vida dos pobres. É possível um mundo sem muros, sem guerras, sem pobreza. As estruturas devem favorecer o encontro entre as pessoas e jamais devem deteriorar a nossa criatividade carismática: o que somos, e não o que temos, é o melhor tesouro que podemos oferecer¹⁵.

CorriveauFrat.
Pob 3.4;
VI CPO 21

Città del Vaticano 2003.

¹³ Cf. JACOBO DA VITRY, *Lettera seconda*, FF 2202; GIORDANO DA GIANO, *Crònica* 10, FF 2332.

¹⁴ Cf. O. TODISCO, *La solidarietà nella libertà, Motivi francescani per una nuova democrazia*, Cittadela Assisi 2015.

¹⁵ Cf. A. MAALOUF, *O Mundo Em Desajuste - Quando Nossas Civilizações Se Esgotam*, Difel, San Paolo 2011.

IV. O CÂNTICO

Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor, e suportam enfermidades e tribulações
(CSol 10).

45. Bem-aventurada a luz do sol e da lua! O *Cântico das Criaturas* é a música de fundo que acompanha Francisco por toda a vida. Brota luminoso ao fim de seus dias, na noite mais escura. O poema é expressão simbólica da sua profunda experiência de sofrimento físico e espiritual. Por meio de uma linguagem sacra, Francisco exprime a si mesmo, no mesmo momento em que faz de suas palavras uma expressão da harmonia do mundo. Tudo canta o poder, a beleza e a bondade de Deus, o mundo se manifesta belo na sua simplicidade, as criaturas existem de maneira gratuita, distantes do desejo de possuir. Reconciliação do homem consigo mesmo, com os outros, com o universo e com Deus: este é o Cântico, uma celebração alegre da vida, do perdão e da paz¹⁶.

CSol 1-14

IV.1. A cegueira

46. Francisco jamais vê como realizado o sonho de paz de sua viagem à Damietta. As cruzadas sempre acabam mal. A este sentimento de fracasso soma-se uma doença dos olhos, que termina por deixá-lo completamente cego: conjuntivite tracomatosa, uma dor insuportável que torna intolerável a presença da luz.

1Cel 98,101;
LP 83
2Cel 166;
LM 5,9; LP 86;
EP 89

A este sofrimento, soma-se outro maior: o aumento do número de irmãos convictos de que o Evangelho não seja suficiente para guiar a vida. Querem normas práticas que possam orientá-la com maior precisão, pedem regulamentos e glosas para cobrir a nudez do Evangelho.

LP 17

Francisco, cego fisicamente e cheio de sombras dentro de si, encontra-se submetido a uma forte tensão entre as exigências de muitos irmãos e a defesa da sua intuição original.

47. O desânimo e as dúvidas pesam no coração de Francisco. Deseja ver e não pode. Não sente ter a força e a clareza necessárias para guiar os frades. Renunciando ao seu papel de guia espiritual, no fim, distante dos frades, refugia-se num eremitério. De novo, como em anos passados, a cegueira existencial o inunda totalmente, as sombras crescem e acontece algo mais triste: a doçura de viver em fraternidade transformou-se em algo um tanto amargo.

2Cel 133;
LP 11; EP 45

EP 1

48. Quando a tentação de voltar atrás é sempre maior e sente que perdeu as pegadas do Mestre, Francisco retorna ao silêncio e, tocado novamente por este, escuta como no início do seu caminho a palavra do Evangelho: Jesus o convida a despir-se, à confiança, à coragem das origens. Neste momento da vida deve encarar uma última batalha, a decisiva: renunciar ainda uma vez, definitivamente, a ser cavaleiro, abandonar toda forma de domínio e de poder, e abraçar a minoridade. O Evangelho o impulsiona a retomar a trilha do único caminho: a fraternidade¹⁷.

1Cel 91;
LM 13,1
1Cel 91-92;
LM 13,2

IV.2. A ferida

49. Francisco não esquece que tudo começara com um beijo. As feridas dos leprosos curaram aquelas do seu coração e foi entre eles que fez os primeiros passos em sua vocação de irmão. Também Jesus, o Mestre, fez-se discípulo de uma mulher ferida e aprendeu dela a arte de lavar os pés. Assim funciona a gratuidade: dar sem esperar retribuição, dar pela alegria de dar, dar tudo, sem reservas.

1Cel 17; 2Cel 9;
LTC 11; LM 2,6

Mc 14,3-9

¹⁶ Cf. E. LECLERC, *O Cântico das Criaturas Ou os Símbolos da União*, Voces, Petrópolis 1977.

¹⁷ Cf. E. LECLERC, *Sabedoria dum pobre*, Editora Franciscana Braga, Braga 2019.

Quando os conflitos fraternos são mais tensos e as feridas se abrem novamente, Francisco, em sua memória, recupera a história daquele beijo e, ainda uma vez, aí encontra a sua cura.

50. As chagas no corpo de Francisco são as marcas de Jesus, a sua plena participação no Mistério Pascal, os sinais de sua identidade: o amor o torna igual ao Amado. O significado é claro: quando você toca e ama os homens, você toca e ama Jesus; e ele toca e ama você. Tudo volta a ter significado. Tudo – até a fragilidade dos frades – é visto como graça. Em seu próprio corpo, agora chagado como o corpo de Jesus, Francisco chega a uma certeza: não é possível viver sem irmãos¹⁸.

1Cel 94-96;
LTC 4;
LTC 69-70;
LM 13,3
1Pd 2,24

IV.3. A alegria

51. Todos buscamos ser felizes: é uma tendência inata, sem a qual não é possível viver. Contudo, não faltam propostas de alegria a baixo custo, uma alegria instantânea, fugaz. É uma felicidade desvalorizada, uma falsa alegria que desemboca na desilusão, na frustração e na tristeza. Na narrativa da *Verdadeira e perfeita alegria*, Francisco abre o coração e nos oferece a sabedoria da sua vida: a verdadeira alegria não consiste no *sucesso*. É necessário tempo para compreender a profundidade deste pensamento, uma vez que parece que a experiência diga o contrário: isto é, que somente no aplauso, no reconhecimento, na satisfação, é natural se sentir contente.

DpAl 1-15

52. Como pode agir um frade menor quando não se vê estimado pelos irmãos, quando o consideram de pouca importância, quando não se sente amado por eles? A resposta de Francisco surge da sua própria experiência. Nisto está a verdadeira e perfeita alegria: se o seu coração não se perturba, se perseverar em sua vocação de continuar a ser irmão de todos, sem se apropriar de nada (nem mesmo daquilo que pensa merecer), então você terá para sempre vencido as sombras da tristeza¹⁹.

DpAl 15

53. A origem e o horizonte da alegria franciscana estão no encontro com Jesus. A experiência da Páscoa – o encontro com o Ressuscitado – conduz a uma Vida aberta a todos, dá-nos forças para não renunciar ao sonho de uma fraternidade de irmãos que caminham no mundo, oferecendo um estilo de relação inclusiva, livre e fonte de liberdade. De modo especial, a relação com os pobres nos faz chegar ao coração do Evangelho e nos faz ver que, realmente, *aquilo que somos diante de Deus, isso somos e nada mais*. O seu amor incondicional e fiel é a razão da nossa verdadeira alegria.

Jo 14,6

CoriveauTest 4,1-7

Adm 19, 2

IV.4. O Testamento

54. Quando se aproxima o fim da vida, cresce em Francisco a consciência de que Deus é bondade: *Deus é o Bem, o Sumo Bem, o Bem total*. Mesmo as feridas e os limites existenciais fazem parte da nossa condição de criaturas e não ofuscam a consciência em compreender que tudo o que foi vivido foi recebido de graça. Somente baseando-se nesta confiança, a morte se transforma em irmã.

LDA 3

CSol 12

55. Pouco antes da morte, Francisco pede que lhe seja lida a narrativa do Lava-pés, e é aí que entrega aos frades a sua última vontade: amor gratuito, fidelidade à Pobreza e obediência à Igreja. Não se apropria de nada. Cheio de gratidão, restitui tudo o que recebeu. A irmã morte não

Jo 13,1-20

1Cel 110;
LM 14,6;
TestS 1-5

¹⁸ Cf. P. MARANESI, *La fragilità in Francesco d'Assisi. Quando lo scandalo della sofferenza diventa grazia*, Messaggero, Padova 2018.

¹⁹ J.M. CHARRON, *De Narciso a Jesús. Francisco de Asís en busca de su identidad*, Arantzazu, Oñati 1995.

lhe tira coisa alguma, pois quando vai encontrá-la, ela encontra somente seu corpo nu sobre a terra nua e em seus lábios, o Cântico. Assim morre Francisco: nu e cantando.

1Cel 110;
LM 14,6;
LP 99; EP 121

56. No *Testamento*, Francisco nos entrega a sua memória e os elementos mais importantes da nossa identidade. Os primeiros Capuchinhos buscam compreender o Pobrezinho a partir deste texto, por isso foram chamados de os *frades do Testamento*. Para nós, a reforma constitui um elemento carismático basilar. A nossa fidelidade consiste em não nos cansarmos de crer que o sonho do Evangelho é possível e em retornar à Porciúncula, junto à Mãe, Santa Maria dos Anjos, coração da nossa fraternidade, para não esquecer o significado da nossa vida. *Comecemos, irmãos.*

1Cel 103; LM 14,1



CAPÍTULO III

AS DIMENSÕES FORMATIVAS NA PERSPECTIVA FRANCISCANO-CAPUCHINHA

Como a formação tende à transformação de toda a pessoa em Cristo, deve prolongar-se por toda a vida tanto em ordem aos valores humanos quanto à vida evangélica e consagrada. Por isso, a formação envolve a pessoa toda, em todos os aspectos de sua individualidade, nos comportamentos e nas intenções; e compreende a dimensão humana, cultural, espiritual, pastoral e profissional, com toda a atenção para favorecer a integração harmoniosa dos diversos aspectos (Const 23,2).

FRATILIO
FORMATIONIS

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

57. A reforma capuchinha tentou interpretar, uma vez mais, a forma de vida franciscana. O segredo é retornar sempre de novo ao irmão Francisco, *Forma Minorum*²⁰. Não para repetir literalmente as suas experiências, mas para recriar suas genuínas intuições nos novos contextos culturais. Fidelidade e criatividade são as chaves para seguir mais de perto e amar Jesus mais intensamente. Levando em conta sempre a *Regra* e o *Testamento* de Francisco, os Capuchinhos se propõem a recuperar uma vida mais fraterna e mais simples, em lugares solitários, mas não distantes do povo, vivendo em estruturas simples que não comprometam a liberdade, buscando o silêncio que permite escutar em fraternidade a palavra do Evangelho, colocando-a em prática a serviço dos mais humildes²¹.

VC 37; PC 2

Const 5,1-5

58. A formação continua a ser uma prioridade na Igreja e na Ordem. A Exortação Apostólica Pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (1992), em sintonia com as áreas fundamentais do crescimento humano, indica as quatro dimensões que jamais devem faltar em um projeto formativo integral: humana, espiritual, intelectual e pastoral. Em seguida, um outro documento pós-sinodal, *Vita Consecrata* (1996), acrescenta a dimensão carismática, específica para a formação à vida religiosa.

PdV 43-59;
Rfund 199-200

VC 65

59. A dimensão carismática põe em evidência a especificidade de cada família religiosa, ou seja, os valores próprios que, com suas diferenças, enriquecem a constituição própria da Igreja. Por sua vez, os valores carismáticos, em forma dinâmica e criativa, dão o caráter específico às demais dimensões. Trata-se de uma tarefa sempre em andamento, que garante o significado da nossa forma de ser e de viver na Igreja. Por outro lado, os nossos valores carismáticos estão em estreita sintonia com os grandes valores humanos do amor, da liberdade e da justiça, vividos em perspectiva evangélica.

60. A *bondade* é o fio carismático que põe todas as dimensões em relação entre si. A antropologia franciscana, caracterizada pelo seu dinamismo e otimismo, abre todo o processo formativo propondo um caminho (*itinerarium*) no qual o desejo (*desiderium*) profundo e sincero do bem (*bonum*) ocupa o centro do coração, convidando-nos a nos esvaziarmos (*paupertas*) de tudo o que impede a manifestação da bondade original. Somente a não apropriação garante relações de *liberdade* e de *gratuidade* (*gratis*)²².

61. O *método integrativo* exige que todas as dimensões, com suas respectivas forças carismáticas, estejam presentes de modo iniciático e progressivo nas diversas etapas do processo formativo. A formação na vida consagrada deve ter sempre a prioridade, evitando que a formação intelectual, em vista dos ministérios ordenados, acabe por desnaturalizar a nossa forma de vida carismática.

Const 32,2

²⁰ JuOF, *Última antífona das segundas Vésperas*.

²¹ Cf. A. FREGONA, *I frati cappuccini nel primo secolo 1525-1619. Approccio critico alle fonti storiche, giuridiche e letterarie più importante*, Messaggero, Padova, 2006.

²² Cf. J. B. FREYER, *Homo viator. L'uomo alla luce della storia della salvezza. Un'antropologia teologica in prospettiva francescana*, EDB, Roma 2008.

I. DIMENSÃO CARISMÁTICA: O DOM DE SER FRADE MENOR

E devolvamos todos os bens ao Senhor Deus Altíssimo e sumo e reconhecamos que todos os bens são dele e demos graças por tudo a ele, de quem todos os bens procedem (RNB 17,17).

I.1. O nosso carisma como dom

62. A gratuidade está no coração do franciscanismo. Recebemos tudo gratuitamente para que gratuitamente o doemos. O processo formativo nos ajuda a reconhecer com gratidão e acolher com responsabilidade o dom precioso da própria vida e da vocação. Os dons não são para nosso benefício próprio, mas antes, para os outros. A consagração exige que nos doemos segundo o estilo de Jesus, que ofereceu a sua vida livre e generosamente pelo bem da humanidade. A fraternidade é o lugar primeiro de doarmo-nos e nela também nos fazemos responsáveis pelos diferentes dons dos irmãos. Mt 10,8
Jo 10,18
VFC 54

63. O primado do Bem está no centro da visão franciscana da vida. Aos olhos de Deus, o nosso mundo é bom. Este otimismo antropológico e criacional, ao invés de alimentar uma posição ingênua diante das sombras e dores que o pecado origina, insere-nos de forma mais plena na interioridade do quanto acontece, e nos convida a fazer emergir o bem que, sepultado pela injustiça, é próprio de toda criatura, especialmente do homem. A nossa vocação de irmãos se realiza em consolidar e difundir o bem. Itin VI; LDA 13

64. O desejo de ser e de viver como Jesus em uma fraternidade em meio ao nosso mundo, em simplicidade e alegria, é o maior dom recebido. Fraternidade e minoridade são as marcas da nossa identidade: ser irmãos de todos sem excluir ninguém; acolher preferencialmente os menores da nossa sociedade; ser livres diante de toda tentação de poder; ser ricos de afetos e sentimentos; viver uma sã tensão entre contemplação (lugar onde se elabora o desejo do Bem) e missão (lugar onde se compartilham de modo solidário e gratuito os bens recebidos). A nossa forma de vida capuchinha é um presente de Deus à Igreja e ao mundo. VII CPO 7
CorriveauFrat 2

I.2. A fraternidade

65. Deus é relação de Pessoas. O Bem se comunica através do amor entre as Pessoas Divinas. O Criador não se apropria de nada para si mesmo, pelo contrário, deseja compartilhá-lo conosco. O Pai, fonte de todo bem, oferece-nos no Filho um modelo e um projeto de humanidade e no Espírito Santo, a sua força e a sua criatividade para realizá-lo. À imagem e semelhança da Trindade, construamos a nossa identidade compartilhando a bondade recebida e estabelecendo entre nós relações fundadas no amor, na liberdade e na justiça. LS 238
2CtFi 4-9
VFC 21.25

66. Sem relações não existe fraternidade. Por isso, o nosso primeiro compromisso e vocação é nos tornarmos frades menores, segundo o estilo de Jesus, que não se apropriou da sua condição de Filho, mas se fez irmão de todos sem excluir ninguém. As relações fraternas nos oferecem um espaço de crescimento humano e espiritual, no qual aprendemos a viver, contemplar, estudar, refletir, discernir e decidir todos juntos em fraternidade. Fl 2,6
Partir 33; PI 19

I.3. A minoridade

67. Jesus nos apresenta um Deus que ama fazer-se pequeno e revelar-se aos humildes e aos simples. É na cruz, mistério de revelação da pequenez de Deus, onde o amor se realiza verdadeiramente no esvaziar-se total e no doar-se incondicionado. Este é o fundamento da minoridade. Trata-se de algo qualitativo, não quantitativo, que por sua vez dá forma às nossas maneiras de desejar, desmascarando a tentação de ser e de fazer coisas grandes. Francisco descobre nos pobres e nos crucificados a arte de construir relações de gratuidade e uma nova maneira de considerar o mundo, centrada no que é fundamental. Nesta mesma direção, a reforma capuchinha consegue conjugar de modo singular a sobriedade com a busca do essencial.

Mt 11,25
OfP 7,8-9;
RNB 23,3;
Adm 6,1-2
VII CPO 19
LTC 6.8.10;
2Cel 5,8;
LM 1,2,6;1,6

68. O essencial sempre tem a ver com as relações. A acolhida, o diálogo e a aceitação da diversidade são indispensáveis para poder construir relações transparentes e inclusivas em nossas fraternidades. Minoridade é também abertura mental e flexibilidade diante de toda ideologia cultural ou religiosa que ameaça a nossa identidade carismática, impedindo o testemunho da vida fraterna e a colaboração em diversos níveis entre nós²³.

I.4. A contemplação

69. O olhar contemplativo de Deus repousa sobre os pobres de coração, sobre os aflitos, sobre aqueles que não possuem nada, sobre aqueles que têm fome e sede de justiça, sobre os misericordiosos, sobre os puros de coração, sobre aqueles que trabalham pela paz e sobre os perseguidos por causa do bem. Contemplar significa desejar ter o olhar de Deus conseguindo ver o que outros não se arriscam a olhar. Quem escuta a voz de Deus, prepara o ouvido para escutar os lamentos dos pobres. A reforma capuchinha nasce com o profundo desejo de retornar aos eremitérios e aos lugares afastados que favorecem o encontro com Jesus pobre e crucificado, onde o silêncio se transforma em serviço e consolação para os doentes de peste e a contemplação se torna compaixão.

Ex 34

Mt 5,3-10

Solil., Pról. 4

VII CPO 31;
Const 15,4; 50,3

70. A oração afetiva em fraternidade significa compartilhar espaços e tempos afetivos para agradecer comunitariamente os dons recebidos. A oração é louvor e agradecimento que nasce da contemplação, quando descobrimos a bondade de Deus que habita em nós. A prática da contemplação purifica e transforma as nossas imagens de Deus até chegar ao Deus da gratuidade que, por sua vez, fundamenta a gratuidade com a qual construímos as nossas relações fraternas. Sem contemplação, não há fraternidade.

Const 46,6
ELD 1-17;
LHo 1-11

Mt 5,45
JöhriOrac 3

I.5. A missão

71. *De graça recebestes, de graça deveis dar.* Uma autêntica fraternidade menor e contemplativa torna-se sensível às necessidades e aos sofrimentos dos homens e se abre à busca de novos caminhos de justiça, de paz e de cuidado da criação. A nossa missão é a de descobrir todo o bem que há ao nosso redor para zelar por ele, ajudá-lo a crescer e compartilhá-lo em primeiro lugar com aqueles que, injustamente, são privados dos bens da terra destinados a todos.

Mt 10,8

RNB 9,2
2Cel 85-92;
LM 8,5; 7,6;
LP 113-114;31-34;
LS 48-52

72. A vida fraterna é o primeiro serviço de evangelização; por isso, tudo o que fazemos é expressão de toda a fraternidade. Como Capuchinhos, continuamos a ser enviados lá aonde ninguém

V CPO 21

²³ (http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/november/documents/papa-francesco_20171123_famiglie-francescane.html). Cf. Discurso do Papa Francisco aos membros da família franciscana da Primeira Ordem e da Terceira Ordem Regular, Sala Clementina, quinta-feira 23 noviembre 2017.

quer ir, para nos dedicarmos em construir juntos espaços de fraternidade em zonas de conflito e de fronteira para viver o dom da gratuidade.

JöhriMis 1,7

I.6. A reforma

73. A reforma capuchinha não é um fato histórico do passado, mas é uma postura de vida que faz parte da nossa identidade carismática. O desejo de se renovar continuamente convida a olhar adiante, evitando as nostalgias do passado e aceitando os riscos implicados no caminhar rumo a um futuro não escrito. Diante das profundas mudanças sociais, a resposta cristã não é o medo que nos fecha na ingênua segurança do tradicionalismo; ao contrário, somente a fé e a confiança nos ajudam a discernir o caminho. Somos chamados a nos levantar e caminhar para voltar a recomeçar, com o Evangelho e as intuições de Francisco e Clara no coração.

Const 125,1

II. DIMENSÃO HUMANA: APRENDER A SERMOS IRMÃOS DE TODOS

*Quanto é o homem diante de Deus
tanto é e não mais (Adm 19,2).*

74. A antropologia franciscana enfatiza o caráter dinâmico de tudo o que é criado. Em seu dinamismo, cada criatura é chamada a atingir a sua plenitude²⁴. A identidade se exprime no próprio momento em que estamos vivendo. Daí surgem as perguntas em relação a quem quero ser, como quero viver e quais valores quero encarnar. Depende de nós de qual modo queremos nos inserir neste mundo e como participar do desígnio da sociedade atual, da cultura e da Igreja. Deus nos cria capazes e responsáveis por construir a nossa identidade pessoal e institucional²⁵.

II.1. O homem, imago Dei

75. *Façamos o homem à nossa imagem e segundo a nossa semelhança... E Deus viu tudo quanto havia feito e eis que tudo era muito bom.* Longe de qualquer tipo de pessimismo antropológico, o pensamento franciscano intui com entusiasmo a bondade de cada ser. Falamos de *graça original*, isto é, da bondade que Deus pôs em cada um de nós, da capacidade de reconhecer em Deus a fonte de todo o bem e, conseqüentemente, o bem que Ele realiza através de todas e de cada uma de suas criaturas²⁶.

Gn 1,26.31

Const 156,1

76. Deus, *Sumo Bem*, através do mistério da encarnação nos fez partícipes da sua bondade, propondo-nos o seu Filho como modelo antropológico de referência e fonte de plenitude: a sua liberdade, o seu modo de amar e o seu compromisso com a justiça são para nós motivo de crescimento humano e espiritual. A nossa formação, através de um processo de acompanhamento personalizado, oferece os instrumentos necessários para nos tornarmos autênticos homens livres, maduros afetivamente e compassivos.

LDA 2

77. Na vida religiosa, o caminho de amadurecimento e de purificação das motivações exige o conhecimento de si mesmo, a aceitação da própria realidade psicossocial e a capacidade de doação gratuita. Também Jesus, guiado pelo Espírito Santo, de forma dinâmica e livre, construiu a sua própria identidade, fazendo coincidir as suas opções fundamentais com o plano que Deus

²⁴ Cf. J. DUNS SCOTUS, *Ord.* III, d.32, q.un., n.6 (XV, 433a).

²⁵ Cf. A. GESCHÉ, *O ser humano (Deus para pensar II)*, Paulinas, São Paulo 2003.

²⁶ SÃO BOAVENTURA, *In II Sent.*, 23, 2, 3.

Pai tinha para Ele. Trata-se de ter os mesmos sentimentos de Jesus e de interiorizar os seus valores. Assimilação e transformação são o resultado final do processo formativo.

VC 65
FI 2,4

II.2. Solidão e relação, as dimensões existenciais da pessoa humana

78. Quem não sabe estar só, não sabe viver com os outros, e vice-versa; pois nem a solidão nem a fraternidade são refúgios para quem tem dificuldades no encontro consigo mesmo ou com os outros. A incapacidade de gerir os espaços de silêncio é fonte de conflitos, geralmente de tipo afetivo. A solidão contemplativa torna possível o encontro consigo mesmo e estimula a capacidade de reflexão crítica, condição necessária para o diálogo e a comunicação com os irmãos²⁷.

1Cel 6;10;71;91;
LM 5,6; LP 56;
EP 55

79. Intimidade (*ultima solitudo*) e relação constituem o fundamento da antropologia franciscana²⁸. As relações fraternas nos fazem mais humanos, protegendo-nos do individualismo e da autossuficiência. Sem liberdade não há dignidade humana nem relações afetivas sãs. Querer ser como Jesus e construir um mundo afetivo como o seu, exige conhecer as próprias capacidades para poder gerir melhor os sentimentos, as emoções e os desejos, e orientar toda a nossa vida para o *Bonum*.

80. A liberdade nos liberta de tudo o que impede a presença do bem, e nos torna capazes de amar algo diverso de nós mesmos²⁹. Na vida fraterna, cada um busca antes de tudo o bem do outro, dado que as relações se nutrem do Bem que Deus faz por meio de cada irmão. A consciência crítica torna possível o discernimento entre o bem e o mal, pois recusar-se a pensar e assumir a responsabilidade dos próprios atos gera, em não poucas ocasiões, o crescimento do mal e da indiferença³⁰. O bem verdadeiro sempre é compartilhado e se reconhece pelo seu caráter inclusivo. Chegamos a fazer o bem quando praticamos a misericórdia e a compaixão.

GI 5,1

Adm 8,3

81. Os processos de formação devem prestar mais atenção à dimensão psicoafetiva e sexual. Trata-se de uma realidade rica e complexa que permeia a vida inteira e exige uma abordagem múltipla. A identidade franciscana, expressa nos diversos contextos culturais, se nutre dos seguintes princípios: o silêncio contemplativo, as relações fraternas, o encontro com os pobres, o trabalho manual que põe o nosso corpo em contato com a terra, a paixão pelo Reino, o compromisso com a justiça. Estes elementos, fonte de sã gratificação, são necessários para assumir positivamente toda a nossa energia psicosexual. Cultivar uma autêntica amizade nos ajuda a amar e a deixar-nos amar com liberdade.

Rfund 94

82. Uma vida sem paixão e sem riscos é uma vida triste e enfadonha. Tradicionalmente, o *eros* se traduz em paixão e criatividade, enquanto que a *ágape* exprime melhor a gratuidade nas relações. A *ágape* libera o *eros* do desejo de posse e de poder, que transforma as pessoas em simples objetos de prazer em função da satisfação das próprias necessidades. Por outro lado, o *eros* integrado e canalizado, mas não anulado ou reprimido, permite à *ágape* desejar com paixão: buscar Deus, ser como Jesus, usufruir das relações humanas e da amizade.

IV CPO 52;
PI 39-40
RNB 7,16
2Cel 125;
LP 120; EP 95

1Cel 30; LTC 41;
LM 3,7;
DC 6-7

²⁷ Cf. D. BONHOEFFER, *Vida em Comunhão*, Editora Sinodal, São Leopoldo (RS) 2009.

²⁸ Cf. J. DUNS SCOTUS, *Ord.* III, d.1, q.1, n.17 (XIV, 45a).

²⁹ Cf. J. DUNS SCOTUS, *Ord.* IV, d.49, q.5, n.2 (XXI, 172a).

³⁰ Cf. H. ARENDT, *Eichman em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*, Companhia das letras, São Paulo 1999.

II.3. O ser humano, criatura única e irrepitível

83. A tradição franciscana descobre o valor da pessoa concreta. Deus nos criou únicos e irrepitíveis, com dons e talentos diversos³¹. Cada irmão é uma obra de arte, que através do exercício da responsabilidade pessoal deve descobrir suas próprias capacidades e o modo criativo de compartilhá-las.

Adm 5,1-2

84. Francisco se apresenta como o *homo nudus*³². A nudez é a imagem da criaturalidade. Ser criatura significa aceitar ser pobre para poder ser rico de sentimentos e de experiências. Isso exige que nos despojemos dos próprios medos e inseguranças e assumamos, de forma harmoniosa, as limitações próprias da nossa condição humana. Somente como pobres e desnudos, como Jesus na cruz e Francisco na hora da morte, fazemos experiência da autêntica liberdade.

1Cel 15; 2Cel 12;
LM 2,4; LTC 201Cel 110;
2Cel 214;
LM 14,3,6

85. *Louzado sejas, meu Senhor, por nossa Irmã, a Morte corporal*. Na morte, tudo se torna experiência definitiva e completa. Francisco aceitou a morte cantando (*mortem cantando suscepit*, escreve Celano). Não se trata de uma alegria separada da dor; ao contrário, é o momento no qual tudo se torna transparente³³. A morte é também um dom, pois somente ela nos desperta do sonho de onipotência para viver a riqueza de quem, esvaziando-se, é preenchido de amor e de liberdade.

CSol 12

1Cel 109; LP 7;
EP 123

LP 99; EP 121

III. DIMENSÃO ESPIRITUAL: APRENDER A DESEJAR

Bem-aventurado é aquele religioso que não tem prazer e alegria a não ser nas santíssimas palavras e obras do Senhor (Adm 20,1).

86. O ser humano é constitutivamente religioso, por isso a dimensão espiritual abre e completa a formação. A maravilha e a surpresa nos abrem à busca de sentido. O Deus cristão, através de sua Palavra, vem ao encontro de todos aqueles que o buscam. A sua Palavra, encarnada por obra do Espírito Santo, tem um rosto concreto: Jesus de Nazaré, no qual se manifestam os rostos de Deus e do homem.

VC 19

87. A ansiosa necessidade de satisfazer imediatamente os desejos acaba por anulá-los. Desejar é uma arte. Daquilo que é superficial, chegamos àquilo que é essencial e aí encontramos os autênticos desejos que tecem o significado da existência. Jesus ocupa o centro dos nossos desejos: ser frade menor consiste em ter seus mesmos sentimentos e critérios, o seu estilo de se relacionar, a sua maneira de compreender e de viver a vida, a sua capacidade de orientar todos os desejos para o *Bonum*.

III.1. Espiritualidade da escuta

88. Francisco, *exegese viva da Palavra de Deus*, jamais foi um ouvinte surdo do Evangelho. Propôs-se a seguir Jesus mais de perto e estabeleceu, através do Evangelho, uma relação pessoal e afetiva com Ele, que vai para além de uma abordagem intelectual ou meramente informativa das suas palavras.

1Cel 22

LS 12;
RNB 22,9,16

³¹ Cf. G. IAMMARRONE, *Identità e razionalità della persona nella testimonianza e nel pensiero francescano*, Miscellanea Francescana 111 (2011) 7-44.

³² Cf. M. BARTOLI, *La nudità di Francesco*, Edizione Biblioteca Francescana, Milano 2018.

³³ Cf. R.M. Rilke, *O livro da pobreza e da morte*, Bonecos Rebeldes editora, Lisboa 2007.

89. O fundamento do nosso carisma é a escuta e a prática do Evangelho, que se faz para todos os frades menores o humus da nossa formação: *A regra e a vida dos Frades Menores é esta: observar o Santo Evangelho*. Francisco se apresenta como modelo de vida espiritual (*forma minorum*)³⁴, ajudando-nos a superar de uma parte o fundamentalismo, e da outra, o sentimentalismo devocional, colocando ao centro a dimensão relacional: o encontro pessoal com Jesus vivo e presente na sua Palavra, no pão partilhado da Eucaristia e nos pobres. Sem este encontro, não há experiência de vida.

RB 1,1
2Cel 173;
LM 9,4; LP 106
RNB 22,41

90. Em suas Admoestações, Francisco recorda que diante da Escritura há duas posturas: *a dos que só desejam conhecer as palavras, para serem tidos como mais sábios entre os outros, e a dos que não atribuem ao corpo toda letra que sabem e desejam saber, mas por palavra e exemplo devolvem-nas ao altíssimo Senhor Deus, de quem é todo Bem*. Apropriar-se da Palavra, contentando-se com a mera análise e conhecimento acadêmico, impede de crescer e abrir-se ao aspecto relacional; ao contrário, a dinâmica da restituição – receber e dar – ajuda a crescer e a transformar a própria vida e a das nossas fraternidades.

Adm 7,1-13

91. A Palavra de Deus foi entregue ao Povo de Deus: a Igreja. Deve-se insistir na centralidade do critério eclesial: é a comunidade cristã, e não o indivíduo, o lugar original no qual a Palavra se escuta, se interpreta e se discerne. Para nós, a comunidade cristã é, primeiramente, a fraternidade. A comunhão fraterna entre aqueles que compartilham o sonho do Evangelho é o espaço de discernimento que mais favorece o crescimento humano e espiritual, auxiliando cada irmão, nas diversas etapas da vida, a estabelecer um diálogo entre o mundo que nos circunda e o mundo interior, através de uma dinâmica de personalização que evite toda espécie de subjetivismos.

LG 4

VD 86

III.2. Beleza e liberdade, sequela Christi

92. A vida religiosa, como toda vocação cristã, nasce da escuta da Palavra. A radicalidade evangélica consiste em fazer do Evangelho a própria forma de vida. Somente o amor, a beleza e a bondade explicam o mistério da nossa vocação. Viver no seguimento de Cristo pobre, obediente e casto, é o caminho que forma os núcleos vitais nos quais se exprimem a nossa identidade e a nossa pertença.

Const 169,4
VC 22

93. O espírito das bem-aventuranças é a chave hermenêutica de interpretação simbólica da nossa consagração: felizes aqueles que desejam e sonham em ter um coração pobre (pobreza), humilde (obediência) e puro (castidade), pois a graça do Espírito Santo fará da obediência a fonte da liberdade e da autenticidade, da pobreza a fonte da justiça e da solidariedade que se doa e se compartilha, e da castidade a fonte de uma vida fecunda, rica de relações afetivas e de sentimentos de ternura.

Mt 5,3-12

Partir 24;
Adm 14.16.17;
RB 10,7-8

94. O viver concreto franciscano dos votos religiosos convida a superar o reducionismo materialista da pobreza e a tentação da indiferença, abrindo caminhos de busca do essencial e impedindo que as coisas materiais criem obstáculos em nossas relações fraternas; protege-nos também do reducionismo psicológico da obediência e da tentação do individualismo, criando espaços fraternos de interdependência; e, enfim, coloca-nos em guarda diante do reducionismo biológico da castidade e da tentação da tristeza do coração, propondo uma vida afetiva aberta, capaz de assumir a solidão e fazendo-nos próximos dos pobres e daqueles que sofrem.

RNB 1,1;
RB 1,1;
RSC 1,1-2
CIC 600;
Const 62,1-5
CIC 601;
Const 162,1-2
CIC 599;
Const 169,5;
JöhriReac 2.1

³⁴ JuOf, Última antífona das II Vésperas.

III.3. A contemplação que convida ao seguimento

95. Os processos formativos que não favorecem o silêncio e a interioridade correm o risco de promover uma espiritualidade superficial. O silêncio nos permite ouvir os gritos e lamentos do nosso mundo. Sem silêncio não há oração contemplativa. Quem inicia a formação à nossa vida deve ser capaz de abandonar aquelas imagens de Deus que impedem uma autêntica postura de busca e de escuta.

Const 15,1;
CIC 577

96. A rica tradição capuchinha nos transmitiu diversos métodos de oração mental e afetiva. Entre tais métodos desponta aquele de inspiração claramente bíblica, que faz do leitor não um mero expectador, mas um ator e protagonista habitado da Palavra³⁵.

97. A contemplação franciscana tem algumas características próprias. Contemplamos em fraternidade Cristo pobre e desnudo, que se identifica com os pobres e com aqueles que sofrem. Contemplar, neste caso, significa deixar-se contemplar; olhar, deixar-se olhar; amar, deixar-se amar, renunciando a qualquer vontade de apropriação de quanto foi contemplado. Todo o nosso esforço deve consistir em *não fazer nada*. Ele é o protagonista, não nós. Será o Amor que, pouco a pouco, nos transformará naquilo que contemplamos e nos introduzirá na pedagogia do dom, no qual tudo o que se recebe é, por sua vez, restituído. Os frutos da contemplação são para serem doados, sem esquecer que o fim último de todo ato contemplativo, em perspectiva franciscana, é sempre a compaixão³⁶.

V CPO 7-9

LHo 11

III.4. Vida sacramental, devoções e santidade

98. Os sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação ocupam um lugar fundamental em nossa vida diária. Na Eucaristia, mistério de amor e de justiça, Jesus continua a se fazer *Pão da Vida*, que se doa gratuitamente para alimentar o desejo de nos transformar também em pão que se oferece aos outros. Ao mesmo tempo, conscientes da fragilidade das relações humanas e da tendência à apropriação, o sacramento da Reconciliação nos ajuda a superar qualquer tentação de pessimismo e a pôr toda a nossa confiança na força transformadora do amor.

Jo 6,48

DC 13
2CtFi 22-24;
CtOr 30-33;
Adm 1,1-22;
CIC 246;
Const 52,Iss.114

99. Por meio da Liturgia das Horas, além de nos unirmos à oração universal da Igreja, de alguma forma nos unimos às alegrias e aos sofrimentos do nosso mundo. Os salmos reúnem em uma só voz, as vozes de todos os homens: as experiências, os sentimentos e as emoções humanas, que vão desde a alegria e do louvor ao grito de lamento, sustentado sempre pela esperança. Nada do que é humano nos é estranho. A sensibilidade e a criatividade litúrgica de São Francisco e a sobriedade nas celebrações litúrgicas dos primeiros Capuchinhos nos ajudam a evitar o formalismo e o excesso de palavras.

RNB 3,1-13;
RB 3,1-9;
REr 1-6

100. Santa Maria, *Filha* do Pai, *Mãe* do Filho e *Esposa* do Espírito Santo, é forma da Igreja e modelo de todo discípulo, pois acreditou e pôs em prática os ensinamentos do único Mestre. Com ela, modelo de verdadeira devoção, aprendemos a familiaridade com a Palavra de Deus. O seu *Magnificat*, canto poético inteiramente tecido por fios da sagrada Página, desvela como ela está em sua casa na Palavra de Deus, dela entra e sai com naturalidade. Maria fala e pensa com a Palavra de Deus; a Palavra de Deus se torna palavra sua, e a sua palavra nasce da Palavra

Of, ant 1-2;
SdVM 1-2
Lc 11,28

³⁵ Cf. MARTIAL D'ÉTAMPES (Maître en oraison, 1575-1635), *Traité facile pour apprendre à faire l'oraison mentale. Suivi de l'exercice du silence intérieur*, Sources Mystiques, Éditions du Carmel, Toulouse 2008; I. LARRAÑAGA, *Encontro. Manual de oração*, Edições Loyola, São Paulo 1985.

³⁶ Cf. L. LEHMANN, *Francisco, mestre de oração*, Centro Franciscano de Espiritualidade, Piracicaba 1997.

de Deus. Penetrada intimamente pela Palavra de Deus, Maria se torna mãe da Palavra Encarnada³⁷. Junto com ela, a sabedoria espiritual de Francisco e de Clara são referências fecundas em nosso contínuo caminhar rumo a Cristo.

DC 41; VD 28
SdVM 1,7

101. Também hoje o fim último da nossa vida é o de nos tornarmos santos. A proposta de ser *capuchinho*, *missionário* e santo deu à Igreja e à Ordem numerosos frutos de santidade³⁸. Contudo, a sensibilidade atual nos convida a superar o modelo de santidade heroica individual e a dar maior atenção à vida fraterna como fonte de santidade: comunidades santas comprometidas com o seguimento de Jesus e na criação de projetos de vida fecundos.

GEx 140-146

IV. DIMENSÃO INTELECTUAL: APRENDER A PENSAR COM O CORAÇÃO

*Onde há caridade e sabedoria,
aí não há temor nem ignorância (Adm 27,1).*

102. A *identidade fraca* é uma das características da nossa cultura. As diversas etapas de formação devem ajudar-nos a construir uma estrutura mental (*forma mentis*) que alimente e sustente os diversos modos de dar significado à realidade (*forma vitae*): quem não vive como pensa, acaba pensando como vive. O pensamento franciscano apresenta uma forma peculiar de contemplar e viver a profundidade inesgotável do mistério da realidade. Seu ponto de partida é a reflexão filosófica e teológica da experiência vital de São Francisco.

103. A dimensão intelectual franciscana não se reduz ao estudo, mas assume de modo dinâmico todas as outras dimensões da vida, em uma visão na qual a vontade guia a inteligência rumo ao amor, dando prioridade à vida afetiva no conhecimento da realidade: conhece-se bem somente o que se ama³⁹.

Itin, Pról. 4

IV.1. Aprender a aprender

104. A capacidade relacional, a abertura mental, a tolerância e a flexibilidade são elementos imprescindíveis da personalidade de quem escolhe a vida fraterna. A sabedoria da vida nos convida a assumir as próprias capacidades e os próprios limites; antes, a descobrir que os erros fazem parte o caminho de aprendizagem. A vida em fraternidade exige a tutela dos dons dos irmãos, aceitando a riqueza de sermos diferentes e superando o medo.

Mt 25,25

105. A cultura atual é portadora de desafios antropológicos que requerem uma grande sensibilidade na nossa formação para nos aproximarmos do mistério humano, de modo exigente, crítico e, ao mesmo tempo, humilde. Somos chamados a ser *peritos em humanidade*, sabendo ler e interpretar as expectativas e os temores dos nossos contemporâneos, compreendendo as suas motivações, discernindo as suas dúvidas, acompanhando os sofrimentos, oferecendo, por meio da proposta e do diálogo, a sabedoria do mistério cristão.

GS 1

106. O modo de olhar o mundo não pode ser desligado da vida afetiva. A contemplação se torna uma fonte de conhecimento, que traz consigo ternura e esperança: somente o amor cura

³⁷ Cf. SÃO LOURENÇO DE BRÍNDISI, *Mariale. María de Nazaret, Virgen de la plenitud* (Introducción, notas y revisión Bernardino de Armellada), BAC, Madrid 2004. Esta obra é composta por 84 sermões que abordam todos os aspectos da mariologia, sempre em perspectiva franciscana.

³⁸ S. HARDALES, *Compendio histórico de la vida del Venerable siervo de Dios, el M.R.P Fr. Diego José de Cádiz*, Cádiz 1811, 8).

³⁹ Cf. K. OSBORNE., *The History of Franciscan Theology*, Franciscan Institute Publications, New York 1994.

as feridas do mundo e, ao mesmo tempo, faz-nos conscientes de seus desequilíbrios. O homem, e não o que ele produz, deve estar no centro das atenções, criando uma cultura da fraternidade, que reconheça a necessidade que temos uns dos outros, na qual se reconheça e se valorize a necessidade que temos uns dos outros, e, ao mesmo tempo, assegure a confiança na bondade do ser humano e na sua capacidade de ter compaixão.

EG 71

IV.2. Intuição, experiência, afetividade e relação

107. A tradição franciscana busca superar o dualismo entre vida e estudo. O mistério trinitário ilumina as faculdades humanas, ampliando a visão antropológica. Assim, na *memória*, ligada à pessoa do Pai, reside a *imaginação* e a *criatividade*; na *inteligência*, vinculada ao Filho, repousa a capacidade de raciocinar e a busca de sentido; e, enfim, na *vontade*, associada à pessoa do Espírito Santo, reside a capacidade de desejar, que se exprime sempre através do amor.

CtAn 1-2;
Const 38,5

Itin III,5; VC 22b

108. A inteligência humana assume dinâmica e progressivamente os conhecimentos, as habilidades e as atitudes que de modo intuitivo, dão sentido à própria vida e orientam a vontade, para que o desejo encontre o que é verdadeiro, belo e justo. O saber se torna sabedoria graças aos sentidos, que nos introduzem no mundo da experiência afetiva: a verdade se manifesta somente no amor. Nós não vivemos para nos preenchermos de conhecimentos e fazer muitas coisas. Viver é construir-se e fazer experiência da própria vida.

CVer 5

109. Para a tradição franciscana o ser humano não é apenas um animal racional, é também uma *criatura de desejo*, sempre em relação com o Deus do desejo. Pensar e desejar corretamente, de modo franciscano, consiste em conhecer o *objeto* e a *modalidade*⁴⁰. A purificação das motivações da própria vontade deve favorecer estilos de vida coerentes com as relações fraternas, as práticas pastorais, a visão do mundo, da economia e da política. Tudo isso deve ser incorporado na própria vida de modo gradual, em cada uma das etapas de formação.

Jó 42,2; RNB 9;
Itin., Pról. 3

CtOr 62-65

IV.3. Transformar juntos o mundo através da nossa pobreza

110. A força transformadora da reflexão não pode reduzir-se ao âmbito do pensamento individual. É a fraternidade aquela que sente, pensa, contempla, compromete-se e opera. Nos programas de formação acadêmica deve-se insistir na necessidade de uma metodologia que favoreça dinâmicas de grupo que nos ajudem a pensar juntos, superando a competição, a autossuficiência, o narcisismo intelectual e a estabelecer um diálogo interdisciplinar entre os diversos campos de conhecimento. Trata-se de pensar e operar juntos, pois o conhecimento não é apenas inteligência, mas também experiência de vida, e a vida é feita de relações.

CVer 19

Const 19,2-3;
CIC 668

111. Os pobres tornam-se *lugar* de sabedoria para Francisco. Eles são os nossos mestres. As periferias geográficas e existenciais constituem lugares preferenciais para o encontro entre o estudo e a vida. A coragem, a paixão e a criatividade, com o auxílio da inteligência e da razão, aliam-se com a justiça, a solidariedade e a fraternidade. O maior desafio do mundo contemporâneo é que nenhum ser humano seja excluído. O saber serve para servir.

EG 197-201

⁴⁰ Cf. C. E. SALTO, *La función del deseo en la vida espiritual según Buenaventura de Bagnoregio*, Antonianum, Roma 2014.

112. A formação intelectual tem como ponto de partida o próprio contexto cultural: família, educação, ritos, relações, língua etc⁴¹. A primeira exigência é a de conhecer e amar a própria cultura, sem absolutizá-la e sem perder a capacidade crítica diante de seus limites. A formação à interculturalidade nos desafia: a acolher a diversidade, a saber estar em relação com o outro, a desenvolver a capacidade de diálogo. A interpretação do pensamento franciscano permanece uma questão aberta nas diversas culturas.

113. Escuta humilde, criatividade e sabedoria relacional são os valores que permitiram a São Lourenço de Bríndisi integrar harmoniosamente vida, estudo, santidade e atividade apostólica. Para compreender corretamente a nossa missão e podermos responder aos desafios da cultura de hoje, o Doutor Apostólico nos recorda que, para os capuchinhos, a reflexão deve sempre partir do contato vivo com os problemas reais das pessoas e da frequência à Sagrada Escritura. A centralidade de Cristo na vida ajuda a compreender a dimensão itinerante da missão do nosso irmão Lourenço: ao longo do caminho, ele contempla, pensa, escreve e desempenha a sua atividade diplomática, ajudando os seus contemporâneos a construir a paz e a reforçar o bem⁴².

114. São Boaventura, no *Itinerário da mente para Deus*, indica a postura que deve ter quem encara a prática do estudo e da reflexão do ponto de vista franciscano: *Que não venha a crer que baste a leitura sem a unção, a meditação sem a devoção, a indagação sem a admiração, a atenção profunda sem a alegria do coração, a atividade sem a piedade, a ciência sem a caridade, a inteligência sem a humildade, o estudo sem a graça divina, o espelho sem a luz sobrenatural da divina sabedoria*. Estas palavras estão em perfeita sintonia com a recomendação que São Francisco faz a Santo Antônio e que continua válida também hoje: *Agrada-me que ensines sagrada teologia aos frades, contanto que, nesse estudo não estingas o espírito de oração e devoção, como está contido na regra*.

Itin, Pról. 4;
CtAn 1,3

V. DIMENSÃO MISSIONÁRIA-PASTORAL: APRENDER A ANUNCIAR E A GUARDAR A FRATERNIDADE

*Não façam nem litígios nem contendas,
mas estejam submetidos a toda criatura humana
por Deus e confessem que são cristãos (RNB 16,6).*

115. *Viver juntos como irmãos menores é o elemento primordial da vocação franciscana*, que por sua vez, torna-se o primeiro elemento da evangelização. A fraternidade e a missão são a nossa razão de ser, e não é a eficácia pastoral, mas a qualidade das nossas relações o que nos define carismaticamente e nos faz testemunhas autênticas do Evangelho.

Const 24,7
V CPO 21

V.1. A missão do Filho: fazer-se nosso irmão

116. Em Jesus, o mistério da Trindade se manifesta como amor e comunhão. Deus quis, livre e gratuitamente, compartilhar a sua intimidade. Ele nos escolheu e predestinou para sermos

⁴¹ A transmissão inicial da fé é efetuada através dos vários ritos aprovados na Igreja católica. O Concílio Vaticano II reconhece que tais ritos são patrimônio da Igreja católica, têm a mesma dignidade e direito, e devem ser preservados e promovidos (Cf. SC 3-4). Os ritos abraçam os costumes e os diversos modos de viver e celebrar a fé nas comunidades, com tradições culturais, teológicas e litúrgicas diversas, além da sua estrutura e organização territorial, mas professando sempre a mesma e única doutrina e fé católica, permanecendo em plena comunhão entre si e com a Santa Sé (Cf. Const 179,4; CIC/1983; CCEO/1990).

⁴² Cf. IOANNES PP. XXIII, *Bulla Celsitudo ex humilitate. S.Laurentius Brundisus doctor ecclesiae universilis declaratur*, AAS 51 (1959) 456-461.

membros da sua família⁴³. Nisso consiste a missão do Filho: em se fazer nosso irmão, para que cheguemos a ser filhos de Deus e irmãos entre nós.

Ef 1,11
Const 89,3

117. O Espírito Santo, Senhor e Doador de vida, é o protagonista de toda a missão eclesial. Francisco experimenta Deus como o Sumo Bem que, através do dom do Espírito Santo, torna-nos participantes da sua infinita bondade (*Bonum diffusivum sui*). O Senhor ressuscitado nos envia a ser testemunhas alegres do seu Evangelho e nos promete a força do seu Espírito para sustentar a nossa vocação de discípulos-missionários, Espírito que é luz de inteligência e chama ardente do coração que guia nossos passos na construção de uma nova humanidade na qual Cristo será, certamente, tudo em todos.

RM 21
EG 259-261
Jo 14,15-31

118. O Batismo nos faz discípulos e missionários. A escuta da Palavra, o partir o pão na Eucaristia e a contemplação do rosto de Cristo no pobre são espaços privilegiados de intimidade com o Mestre. Desta intimidade nasce o desejo da missão: construir juntos o Reino dos Céus.

EG 119-121
RNB 14-16;
RB 12,1-4

V.2. A nossa vocação eclesial

119. A missão é a razão de ser da Igreja. O próprio Jesus, lavando os pés aos discípulos, mostra claramente o significado e a missão de toda a comunidade eclesial: amar, lavar e curar as feridas do nosso mundo. Por sua vocação de serviço, a Igreja é chamada a encarnar-se também nas periferias existenciais, criando espaços de humanidade, trabalhando pelo bem comum e a construção da paz.

EN 14
Jo 13,1-11
CVer 7

120. São Francisco, *Vir Catholicus et totus apostolicus*⁴⁴, submete o seu projeto de vida ao discernimento da Igreja que, através de seu magistério, ajuda-nos a compreender a beleza e as exigências da vida evangélica. A Igreja reconhece que o projeto do Pobrezinho não é um sonho impossível: viver como verdadeiros irmãos em meio ao mundo é o modo mais fiel e mais belo de anunciar Jesus e seu Evangelho.

Test 14-15
1Cel 33; LTC 49;
LM 3,9

121. A força carismática da nossa vocação capuchinha, comprometida com a missão da Igreja, faz de nós peritos de comunhão graças ao testemunho das relações. Somos enviados pela fraternidade e a nossa missão tem sentido somente se nos mantivermos em comunhão entre nós e com a Igreja. A pastoral em fraternidade é o melhor antídoto contra o ativismo e o individualismo e nos protege do narcisismo apostólico, das patologias afetivas e do uso impróprio do dinheiro⁴⁵.

VC 46
RNB 16,1-4;
RB 12,1-2;
Const 101,1

V.3. Formados para a missão

122. A missão ocupa um lugar central na história da Ordem; todas as etapas da formação devem tê-la em seu horizonte. Um processo de iniciação contínuo e coerente deve ajudar-nos a encarnar os nossos valores carismáticos, superando as dificuldades e integrando as diferenças culturais.

III CPO 34;
JöhriMis 2,4

123. Os projetos formativos das diversas circunscrições devem favorecer a dimensão pastoral por meio de itinerários diversificados que levem em conta os dons e os carismas de cada irmão.

⁴³ Cf. J. DUNS SCOTUS, *Ord.* III, d.7, q.3, n.3 (XIV, 354b-355a).

⁴⁴ JuOf, *Ant. Primeiras Vésperas 1*.

⁴⁵ Cf. P. MARTINELLI, *Vocazione e forma della vita cristiana. Riflessioni sistematiche*, EDB, Bologna 2018.

Todos os irmãos devem ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades de formação. Deve-se buscar um equilíbrio entre os conteúdos e as experiências, de modo a garantir uma formação integral. Todas as experiências pastorais devem ser acompanhadas e avaliadas.

Const 43,1;
IV CPO 68

124. Ao término do processo da formação inicial, os frades devem ter um suficiente conhecimento do mundo na sua realidade local e universal, e adquirir os instrumentos necessários para fazer um discernimento pastoral nos diversos ambientes socioculturais, prestando atenção à dimensão ecumênica e do diálogo inter-religioso⁴⁶. Um frade menor se distingue pela sua proximidade e solidariedade com os pobres; pelo seu apreço e respeito às diversas culturas, línguas e religiões; pelo seu comprometimento com a justiça social, com a construção da paz e com o cuidado ecológico do planeta.

LS 214-215;
Const 178,2;
CtGo 1

125. O nosso mundo é cada vez mais multiétnico e multicultural. É urgente aprender a situarmo-nos nesta nova realidade. É próprio da nossa missão a criação de espaços de escuta e de diálogo entre fé e razão, entre crentes e não crentes, entre as diversas confissões cristãs e as diferentes religiões. São necessárias abertura e flexibilidade, evitando o fundamentalismo que oculta aquela parte de verdade no amor que está presente nos outros.

VC 102; 1Cd 22;
LM 3,1

126. Os modos de comunicar e de se relacionar estão em contínua transformação. Os projetos de formação devem prestar uma especial atenção quanto ao modo de integrar o pensamento e a ação nas novas linguagens digitais, com inteligência crítica e criativa. Os meios de comunicação social tocam pontos nevrálgicos do nosso mundo cognitivo e afetivo, e nos ajudam a compartilhar experiências, conhecimento, trabalho e entretenimento. O seu uso correto e evangélico exige atenção às dependências, ao uso do tempo, às consequências nas relações fraternas e ao trabalho pastoral e intelectual.

EG 62

127. A nossa vida consagrada possui um caráter escatológico. Somos missionários quando anunciamos como irmãos o Evangelho do encontro e a alegria do serviço; quando humanizamos a terra criando vínculos de fraternidade; quando, com gratidão e admiração, contemplamos a beleza da criação; quando reconhecemos o bem que Deus continua a realizar em cada ser vivo; quando, unidos ao canto de Maria, proclamamos as coisas grandes que Deus continua a fazer em cada um de nós.

LG 46; Ap 21,4

Lc 1,49; LS 246

⁴⁶ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190204_emiratarabi-incontrointerreligioso.html. Cf. *Discurso do Santo Padre Francisco no encontro inter-religioso no Founder's Memorial* (Abu Dhabi), Segunda-feira 4 de fevereiro de 2019.



CAPÍTULO III

AS ETAPAS FORMATIVAS EM PERSPECTIVA FRANCISCANO-CAPUCHINHA

A formação para a vida consagrada é um itinerário de discipulado guiado pelo Espírito Santo, que conduz progressivamente a assimilar os sentimentos de Jesus, Filho do Pai, e a configurar-se com sua forma de vida obediente, pobre e casta (Const 23,1).

RATIO
FORMATIONIS

I. NOSSA FORMAÇÃO: A ARTE DE APRENDER A SER FRADE MENOR

I.1. Os novos contextos socioculturais e eclesiais

128. A construção do mundo é dinâmica. As mudanças são cada vez mais complexas, velozes e profundas. Em ritmo vertiginoso aparecem novos desejos e necessidades, novas formas de sensibilidade, modos de relação também novos. A Igreja e a Ordem, no âmbito da formação, sentem-se interpeladas a participar ativa, crítica e criativamente neste processo de transformação pessoal, social, cultural e religiosa.

LS 18

Const 24,4

129. Hoje, mais do que nunca, a cultura se caracteriza pelo pluralismo antropológico e pelos desafios do mundo digital (*ciberantropologia*). Estar conectados à internet permanentemente influi em nossa maneira de pensar, de recordar e de nos comunicarmos, no modo de compreender a liberdade, na capacidade de reflexão, na gestão do tempo e nos modos de expressar nossa intimidade (*relações afetivas líquidas*). A tecnologia requer também um exame atento.

Const 96,1;
CIC 666

130. Neste contexto de mudanças, o aspecto emocional prevalece sobre o racional; o subjetivismo sobre o sentido de pertença; a defesa do eu sobre a identidade coletiva. Ao mesmo tempo, percebem-se também valores como o respeito às leis, a solidariedade, o compromisso social e o crescente interesse pelo meio ambiente. Precisamos de um novo modelo de desenvolvimento mais equitativo, um mundo sem fronteiras, respeitoso da diversidade, que responda às necessidades básicas: saúde, educação, moradias dignas, água potável, ar puro, fontes de energia renováveis. É necessária uma sociedade que ainda acredite na paz, no fim da pobreza, no desenvolvimento sustentável e na promoção da justiça social.

LS 194

131. O Evangelho nos mostra o valor do ser humano, do encontro e das relações autênticas. Convida-nos à itinerância e ao diálogo com os outros. A surpresa e a admiração estimulam a sensibilidade à experiência religiosa e ao transcendente. Crer é belo, gera esperança e dá sentido à vida.

Lc 9,1-6

I.2. A nossa identidade franciscano-capuchinha hoje

132. A identidade de Deus reside na relação de amor entre as Pessoas divinas. Em Jesus fomos chamados a fazer parte desta família, a sermos filhos no Filho. A vocação humana consiste em reconhecer a presença deste amor livre e gratuito em nossa história pessoal e assumir a responsabilidade de construir nossa própria identidade em relação com Deus, deixando-nos introduzir em seu mistério de amor.

Ef 1,3-6

133. Cristo, nosso modelo antropológico, identificou-se progressivamente com a vontade salvífica do Pai. Junto com seus discípulos, e por meio de gestos e palavras, proclamou a Boa Nova, o amor incondicional de Deus, a fraternidade universal. Sua entrega e fidelidade o levaram à morte na cruz, com a qual expressou seu amor livre e gratuito a Deus e a nós⁴⁷. O Pai o ressuscitou, dando assim força ao projeto do Reino, que, através do Espírito Santo, continua vivo na Igreja e no mundo.

1Tm 2,4

At 13 26-33

Test 1-3;
Const 109,4

134. Francisco, entre os leprosos, se encontra com a misericórdia de Deus. Trata-se de um longo itinerário que abrange a sua conversão em São Damião, repleta de perguntas, e culmina com o dom dos estigmas no Monte Alverne: do encontro com Cristo nos leprosos até a sua plena configuração Nele.

1Cel 17; LTC 11;
2Cel 9; LM 2,6;
1Cel 94;
LTC 4; 69;
LM 13,13;
LDA 1-14

⁴⁷ Cf. J. DUNS SCOTUS, *Ord.* III, d.20, q.un., n.11 (XIV, 738b).

135. À luz de nossa tradição capuchinha, de nossas Constituições e dos últimos documentos da Ordem, podemos apresentar os valores centrais de nossa identidade carismática: a vida fraterna em minoridade; a oração contemplativa; o cuidado e a celebração da criação; a leitura atenta da Palavra; a presença e o serviço entre os pobres e os que sofrem. As implicações oriundas destes valores são: a busca do essencial, a renúncia de si mesmos, a simplicidade de vida, o cultivo atento do amor, a itinerância e a disponibilidade total. Somos chamados à *fidelidade criativa* e a encontrar nas diversas culturas o modo de testemunhar estes valores. Transmiti-los integralmente e com paixão é um dos nossos maiores desafios.

Const 4,2; 5,3-5;
JöhriReac 14-19
Const 109,2

JöhriIdent 1.2-4

136. Em algumas circunscrições de nossa Ordem, a dimensão laical de nossa vocação corre o risco de desaparecer. Nossa única vocação de frades menores sem distinção pode ser vivida em sua dúplici dimensão: clerical ou laical. Esta última é também uma forma de vida plena, tanto em nível humano como espiritual. De modo especial, na promoção vocacional e nos projetos de formação inicial, é necessário apresentar, promover e favorecer esta dimensão de nossa vocação.

VII CPO 7;
JöhriDom 4

I.3. A iniciação à nossa vida

137. Desde 1968, nossas Constituições estabelecem que a formação à nossa vida deve se realizar como um processo de iniciação, em analogia com a iniciação cristã. Esta grande intuição da Ordem necessita ser bem compreendida, para que possa ser posta em prática fiel e criativamente.

JöhriReac 23
Const 26-32

138. O processo de iniciação é um caminho de crescimento dinâmico, personalizado, gradual e integral, que, embora mais intenso nos primeiros anos, dura toda a vida. O objetivo é acompanhar e ajudar o candidato para que a partir de sua vida concreta, com os meios formativos adequados, possa viver um autêntico caminho de conversão, tornando-se discípulo de Jesus. Assim fazendo, conforme o estilo de Francisco, com elementos próprios da tradição capuchinha, de modo livre e radical poderá dedicar-se totalmente ao serviço do Reino de Deus.

IV CPO 57

139. A iniciação à nossa vida exige a separação progressiva de tudo o que se distancia dos nossos ideais, bem como a assimilação de novos valores e a inserção em nossa Ordem. O acento é colocado na transmissão e na aprendizagem progressiva dos valores da vida franciscano-capuchinha.

RB 2,1-4;
JöhriReacen 28
IV CPO 61

140. A iniciação inclui os fundamentos antropológicos, cristãos e franciscanos do nosso carisma. O processo prevê a combinação de experiências cotidianas com outras experiências concretas: diversos serviços fraternos, trabalho manual, presença entre os pobres, experiências missionárias e tempos prolongados de silêncio e contemplação.

Const 26,1

141. É absolutamente necessário um acompanhamento personalizado, que leve especialmente em conta a formação às relações interpessoais e à aquisição de habilidades que o formando incorpora progressivamente em sua participação na vida fraterna. O caminho formativo é pessoal, e deve favorecer aquelas qualidades que tornam único e irrepetível cada irmão no seguimento de Jesus.

EG 169-173

Const 18,2

II. OS PRINCÍPIOS DA FORMAÇÃO

II.1. A fraternidade no centro do projeto formativo

142. A vida religiosa nasce do Mistério da Trindade e se define como *confessio Trinitatis*. Inserida no coração da Igreja universal, é chamada a ser *signum fraternitatis* e peritas em comunhão. O Espírito Santo, fonte dos diferentes carismas, concedeu-nos o dom da *minoridade*, para que sejamos criadores de autênticas relações humanas, anunciando à humanidade a dimensão fraterna das criaturas.

VC 16
VC 46

143. O Senhor me deu irmãos. A fraternidade não é uma ideia de Francisco, mas uma iniciativa de Deus mesmo, para que juntos como irmãos sigamos juntos os passos de nosso Senhor Jesus Cristo. Ninguém se forma sozinho: todos nos formamos em fraternidade.

Test 14
Const 24,4

144. Os espaços de busca, escuta, diálogo e discernimento fazem da fraternidade um lugar privilegiado para o encontro com Deus e para a formação e o acompanhamento dos irmãos. A fraternidade é também, por natureza e missão, lugar de transmissão do nosso carisma. Formar-se significa assimilar progressivamente a forma do frade menor *a partir da e na* fraternidade. Aí se aprende a estabelecer relações horizontais, vivendo do essencial, descobrindo a alegria profunda do seguimento e anunciando o Evangelho com o testemunho da própria vida.

IV CPO 13-22

II.2. O acompanhamento franciscano

145. Jesus, o Bom Pastor, nos conhece pelo nome, protege a nossa liberdade e nos oferece uma vida plena de sentido. É Ele quem toma a iniciativa e nos convida a segui-lo. Caminhando diante de nós, Ele mesmo se faz Caminho e Irmão na viagem da vida.

Jo 10,11-16;
Lc 24,13-35;
Adm 6

146. A Palavra de Deus é sempre a primeira referência no acompanhamento. Escutando-a em fraternidade, aprendemos a ler em chave de graça a nossa vida: sonhos e desejos, fracassos e dificuldades. A vida de Jesus, revelada na Palavra, é o centro do processo formativo.

Partir 24

147. A Carta a Frei Leão contém as chaves essenciais do acompanhamento franciscano. Francisco se coloca no mesmo nível que Frei Leão, falando de sua própria experiência; acompanha-o com ternura materna, deixa-o em total liberdade e o convida a descobrir com criatividade, o seu próprio caminho. Francisco exorta à corresponsabilidade, valoriza o positivo, evita o sentimento de culpa, mostra a direção e ajuda o irmão em seu desejo de viver segundo a forma de vida do Santo Evangelho.

CtLe 1-4

148. Para Francisco, o critério do acompanhamento consiste em atrair o irmão ao Senhor por meio da misericórdia e do amor. Acolhe com respeito e sem medo de corrigir e admoestar, porém, afastando energicamente os irmãos cujas motivações nada têm a ver com o espírito do Evangelho.

CtMi 11;
Adm 3,7-10;
Test 40-49

149. O acompanhamento, sem ser uma imposição, tem como prioridade ajudar a crescer em liberdade, respeitando a singularidade de cada irmão. Acompanhar significa criar espaços que possibilitem a responsabilidade, a confiança e a transparência em todos os âmbitos: a afetividade, o trabalho, o uso do dinheiro, o emprego das novas tecnologias etc⁴⁸.

150. A atitude de deixar-se acompanhar é um critério decisivo de discernimento, também dos formadores, que devem ter capacidade tanto para acompanhar quanto para serem acompanhados.

RFund 44-49;
ChrisV 291-298

⁴⁸ Cf. ORDINE DEI FRATI MINORI, *Jesus ibat cum illis. L'accompagnamento francescano. Approccio formativo*, Assisi 8 - 22 settembre 2013.

151. Em sua sabedoria secular, a Igreja pede a quem tem a responsabilidade pelos formandos, que saibam claramente distinguir o acompanhamento em foro interno daquele em foro externo. Seguindo os cânones 985 e 630§4, o Mestre de noviços, seu Vice e os responsáveis da equipe formadora do Pós-noviciado não escutem as confissões dos próprios formandos.

II.3. O discernimento franciscano

152. *Em verdade eu vos digo, que todas as vezes que fizestes isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes.* A presença de Jesus nos pobres se torna o elemento central do discernimento cristão. As obras de caridade, também chamadas obras de justiça e solidariedade, junto com as Bem-aventuranças, estabelecem os critérios de pertença ao Reino: a pobreza de espírito, a alegria, a misericórdia, a construção da paz, a autenticidade do coração, ser incompreendidos e perseguidos.

Mt 25,40

Mt 5,1-13

ChristV 31

153. No tempo de sua conversão, Francisco compõe uma oração que o acompanhará por toda a vida. A Deus que é Luz, pede fé para ser guiado, esperança para ser sustentado nas dificuldades e amor para não excluir ninguém. Deus o guia pessoalmente até as ruínas da capela de São Damião, onde Cristo vive em meio aos leprosos. Francisco encontra ali o auxílio para continuar caminhando.

OCr 1-3

154. As áreas fundamentais do discernimento, além da Sagrada Escritura e das fontes carismáticas, são a vida fraterna, onde verificamos a capacidade para estabelecer relações humanas maduras, livres e gratuitas; a contemplação, onde purificamos nossas imagens de Deus com a experiência do Deus de Jesus; e a minoridade, onde pomos à prova nossa capacidade de comprometer a própria vida com a vida dos que sofrem e os menores de nosso mundo.

2Cel 193

155. Na sua Carta a um Ministro – evangelho franciscano da misericórdia –, Francisco convida-nos a viver sempre em constante atitude de discernimento. O amor radical manifesta-se quando consideramos como uma graça qualquer situação de dificuldade, e fazemos dela fonte de conhecimento; quando renunciamos a reduzir o outro à nossa própria imagem e semelhança; quando distinguimos entre o eremitério lugar de fuga que alimenta o individualismo e a autossuficiência e o eremitério lugar de encontro com Deus no silêncio, que nutre o sentido das relações fraternas⁴⁹.

CtMi 1-11

III. OS PROTAGONISTAS DA FORMAÇÃO

III.1. O Espírito Santo

156. O Espírito Santo, Ministro Geral da Fraternidade, é o primeiro formador. A vida capuchinha consiste em se deixar modelar e conduzir pelo Espírito, que infunde em nós os sentimentos de Cristo e o desejo de nos configurarmos Nele, pobre e crucificado. A fraternidade nasce e cresce sob a mão misericordiosa do Espírito, que nos estimula a buscar e discernir os caminhos que Ele quer para cada um dos irmãos e para toda a fraternidade.

Const 24,1;
IV CPO 78

Post2004 3,1

157. Os formadores são um instrumento necessário ao longo do processo formativo, contudo, deve-se ter presente o papel primordial do Espírito Santo, que mostra sempre o horizonte belo e estimulante do Evangelho.

Const 40,1

⁴⁹ Cf. J. HERRANZ, *El discernimiento en Francisco de Asís: Oh Dios, concédenos querer siempre lo que te agrada*, Frontera/Hegian 66, Vitoria 2009.

III.2. O formando, sujeito fundamental da formação

158. Consequentemente, cada irmão, sob a ação do Espírito Santo, é protagonista de sua formação. O processo de iniciação parte do trabalho sobre si mesmo. Isto exige abertura, esforço, transparência, reconhecimento dos próprios limites, capacidade de aceitar sugestões e desenvolvimento da criatividade.

IV CPO 79
Const 24,5

III.3. A Igreja, Mãe e Mestra

159. A Igreja conserva e atualiza, através da ação do Espírito Santo, a memória da paixão, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. A graça batismal nos insere no Povo de Deus, e nos ensina a exercer o nosso sacerdócio batismal com criatividade, a nossa vocação profética com coragem e a nossa verdadeira dignidade com humildade. Somos membros do Corpo místico de Cristo em um estado permanente de formação, aprendendo uns dos outros a nos revestirmos dos mesmos sentimentos de Cristo Jesus. A Igreja, acolhendo com misericórdia todos os seres humanos no estilo do Mestre, torna-se o Sacramento universal de salvação: daí a importância de aprender a acompanhar e discernir em comunhão com toda a Igreja.

LG 9-19

LG 8

LG 48

III.4. A fraternidade formativa

160. A fraternidade formativa é o lugar indispensável onde é realizado o processo de iniciação à nossa vida. Aí experimentamos a beleza e a exigência dos valores recebidos e reforçamos o nosso empenho pessoal.

Const 24,
IV CPO 80

161. A Ordem, através das diversas circunscrições, é a primeira instância formativa. A responsabilidade da formação, começando pelo Ministro Geral e pelo Ministro Provincial ou Custódio, compete a todos os irmãos. A Província inteira e cada fraternidade concreta são formadoras e são chamadas a acolher e formar em nosso estilo de vida os novos membros.

Const 28,2

162. As fraternidades formativas específicas são criadas em função das etapas formativas. Os irmãos chamados a constituí-las devem aderir ao projeto formativo, ressoar o carisma capuchinho e viver no dia a dia os valores e aspectos essenciais. É desejável a presença de algum irmão idoso, com autoridade moral e coerência de vida, como figura significativa de referência.

Const 27,1-2

163. A fraternidade avalia periodicamente os irmãos em formação através da revisão de vida, dos capítulos locais e das avaliações ao menos semestrais, para oferecer ao mestre e aos próprios formandos os elementos sobre os quais precisam trabalhar.

OCG 2/15,1

164. Cada circunscrição avalie quantos candidatos possam estar em uma casa formativa, para que sejam formados adequadamente. Não se considera adequada à formação uma casa que tenha menos de 3 a 5 formandos. O número muito excessivo de formandos não facilita uma formação personalizada. Em cada casa, o número de formadores e a consistência da fraternidade da casa formativa deverão ser adequados ao número de formandos. Só assim será possível o acompanhamento personalizado e um ambiente formativo sadio e fraterno. A abertura à colaboração entre as diversas Circunscrições e Conferências da Ordem tornará possíveis as atualizações necessárias no âmbito formativo.

III.5. A equipe formativa

165. Os formadores têm como tarefa prioritária acompanhar os formandos no discernimento da autenticidade do chamado à nossa vida e ajudar a fraternidade, especialmente na pessoa do Ministro Provincial, a avaliar as capacidades dos mesmos.

166. A formação é um horizonte aberto que exige respeito ao mistério de Deus inerente a cada pessoa. A equipe formativa concretiza o que se pretende de cada candidato e clarifica os objetivos e os meios para consegui-lo. Toma como ponto de partida o que já se alcançou na etapa anterior e prepara o formando para a etapa seguinte. Deste modo se respeita a progressividade necessária no processo.

167. A equipe formativa compartilha os mesmos critérios, evitando que exista disparidade de ação entre os formadores que a compõe. Ninguém atua individualmente, mas todos trabalham em coordenação entre si e em comunhão com as distintas instâncias formativas da circunscrição: o Secretariado e o Conselho de Formação, o animador da Formação Permanente e o responsável pelo cuidado da Pastoral Vocacional.

168. É importante que as equipes formativas sejam compostas por formadores que vivem nossa única vocação de irmãos em suas distintas expressões: laical e clerical.

169. A formação dos formadores é uma das prioridades da Ordem. Os Ministros e Custódios prestem atenção à escolha dos formadores, e ofereçam-lhes os meios necessários para melhorar e enriquecer suas competências.

III.6. Perfil do formador

170. O formador é um irmão convicto da beleza de nossa forma de vida, que vive alegre a própria vocação, compartilha a experiência de sua busca de Deus, é livre e dócil ao Espírito, evita os extremos do psicologismo e do espiritualismo e vive aberto à Palavra.

TestCI 1-4
Const 28,2-3

171. Chamado a exercer uma verdadeira paternidade espiritual, o formador, evitando a postura paternalista, acompanha o formando nos processos de aprendizagem da liberdade e da autenticidade de vida. Ajuda a fazer crescer no formando os dons de Deus, favorecendo a sinceridade, a criatividade e a responsabilidade.

172. O formador deve ser maduro cristã e humanamente, mostrando-se capaz de integrar positivamente os limites e as dificuldades da própria personalidade. Deverá ter uma imagem real de si mesmo, uma sadia autoestima e um suficiente equilíbrio afetivo; aceitar o fato de não ter todas as respostas, nem todas as qualidades; ser aberto à colaboração, deixando-se completar pelas qualidades dos demais irmãos, sempre disposto a continuar aprendendo a ser um autêntico frade menor.

IV CPO 81

173. O formador cria espaços de escuta e diálogo com os irmãos da fraternidade formativa e com os formandos; evita assumir a formação como um trabalho individual; sabe trabalhar em equipe e pedir ajuda; é hábil para iniciar e acompanhar processos; oferece com realismo as ferramentas necessárias que tornam possível o caminho franciscano e a compreensão do nosso carisma; tem um forte sentido de pertença e é sensível às situações de pobreza e marginalidade.

III.7. Os pobres

174. Os pobres são nossos mestres. Graças a eles podemos entender e viver melhor o Evangelho. Quando tocamos o Corpo de Cristo no corpo chagado dos pobres, confirmamos a comunhão sacramental recebida na Eucaristia. A Sua presença preenche a nossa vida de sentido.

ChrisV 171
V CPO 91

175. O Senhor conduziu Francisco em meio aos leprosos. A primitiva fraternidade fez desta experiência a escola da misericórdia e da gratuidade, onde a amargura se transforma em doçura da alma e do corpo e na qual os olhos que se detêm em Cristo Mestre são capazes de reconhecê-lo e servi-lo nos pobres.

176. O pobre se converte em nosso verdadeiro formador quando nos arriscamos a compreender a realidade a partir de seu ponto de vista e fazemos nossas as suas prioridades. Os frutos não se deixam esperar: o olhar se concentra no essencial; vivemos melhor com menos; a confiança e o abandono à providência nas mãos do Pai se fazem reais e concretas opções de vida.

IV. AS ETAPAS DA FORMAÇÃO EM PERSPECTIVA FRANCISCANO-CAPUCHINHA

177. Os números seguintes apresentam algumas pautas para as etapas de nosso processo formativo. É necessário passar de uma formação baseada em atividades a uma formação que crie atitudes evangélicas. Por detrás da formulação de cada etapa, há um propósito de pensar o caminho formativo de modo iniciático. A assimilação dos aspectos teóricos influirá na profundidade com a qual se vivem as experiências e da autenticidade destas dependerá o sucesso dos objetivos a que nos propomos. Todos os elementos estão em relação entre si.

178. O objetivo último do itinerário formativo é o seguinte: todos os frades, com o auxílio de Deus Pai e iluminados pelo Espírito Santo, seguindo os passos de nosso Senhor Jesus Cristo no estilo de nossos irmãos Francisco e Clara, vivam com responsabilidade na liberdade evangélica, capazes de relações afetivas maduras e comprometidos na construção de um mundo mais justo e fraterno.

RNB 1,1
Const 23,1

179. Sabendo-se que a fraternidade em sua totalidade tem a missão de iniciar os candidatos, é necessário garantir que ela esteja em contínua formação, renovando-se, especialmente nos valores carismáticos, e sentindo-se profundamente motivada à nossa forma de vida.

180. Os valores carismáticos se transmitem através de experiências e conteúdos que requerem categorias tiradas do próprio contexto cultural para serem assumidos de forma personalizada e autêntica. Sem uma adequada apropriação destes valores, corre-se o risco de enfraquecer os futuros processos de colaboração. Por este motivo, durante o período da formação inicial, não se dê início a processos de colaboração fraterna.

IV CPO 29;
VinhoNovo 39

IV.1. A formação permanente (FP)

181. O ícone evangélico de Emaús nos apresenta dois companheiros que, após a morte de Jesus, abandonam Jerusalém e se põem a caminho. Da insegurança e do desconcerto, passam ao encontro com o Ressuscitado, que põe no centro de suas vidas o Pão e a Palavra. Ele transforma sua tristeza em alegria e ainda os torna seus discípulos e anunciadores do Reino.

Lc 24,13-35

182. Dos discípulos de Emaús, aprendemos a possibilidade de recomeçar sempre e a necessidade de jamais dar por concluída a nossa formação. A pessoa inteira é sujeito de renovação em

todas as etapas de sua vida. Por isso, a formação permanente, processo sempre em ato, é uma exigência intrínseca à nossa vocação.

IV.1.1. Natureza

183. A formação permanente é o processo de renovação pessoal e comunitária e de coerente atualização das estruturas e atividades, para nos tornar idôneos a viver constantemente nossa vocação segundo o Evangelho na realidade concreta de cada dia.

Const 41,2;
CIC 661

184. Há dois tipos de formação permanente: a ordinária, que se concentra no cotidiano e através da qual se deve verificar a qualidade de nossa vida, e a extraordinária, que acompanha e ilumina as experiências diárias. Ambas se desenvolvem em três níveis: pessoal, local e provincial.

VC 71

IV.1.2. Objetivos da formação permanente

185. Criar e proteger espaços de liberdade no seguimento de Jesus que nos permitam continuar a aprender com as experiências e fortaleçam a responsabilidade pessoal.

186. Cuidar da vida afetiva, construindo relações interpessoais autênticas, livres e profundas, crescendo nos mesmos sentimentos de Cristo, a fim de que seja garantida uma vida plena de sentido.

187. Favorecer, sob o exemplo de Jesus, uma maior sensibilidade no âmbito da solidariedade e um compromisso mais ativo com a construção da justiça, no diálogo ecumênico e inter-religioso, na busca da paz e o respeito pela Criação.

Const 144,6

IV.1.3. Dimensões

188. Dimensão espiritual:

- manter uma relação de intimidade com Deus na vida diária que estimule nosso modo de pensar e viver segundo a forma do Santo Evangelho;
- cultivar uma espiritualidade que através do silêncio interior e da escuta da Palavra, leve a descobrir Deus na realidade de cada dia;
- Reler nosso carisma franciscano a partir das necessidades e dos desafios de nosso tempo, para acolher em nós a novidade do Espírito e colaborar para transformar a realidade com a força do Evangelho.

189. Dimensão humana:

- cuidar da própria vocação, administrando com responsabilidade o tempo e a formação pessoal e comunitária;
- enfrentar com criatividade os desafios da vida, tomando consciência em cada momento vital dos limites e dons recebidos;
- fortalecer os sentimentos de estima e de comunhão, valorizando os nossos irmãos e criando espaços de encontro e de comunicação.

190. Dimensão intelectual:

- consolidar um estilo franciscano de estudo, compartilhando experiências e conhecimentos adquiridos que nos ajudem a crescer em fraternidade;
- colocar no centro da formação permanente a dimensão bíblico-pastoral e a dimensão carismática franciscana;

- alargar e renovar a própria visão do mundo, enriquecendo-a com o diálogo fraterno e as diversas perspectivas atuais.

191. Dimensão missionária-pastoral:

- evangelizar com a vida e a palavra a partir do testemunho das relações fraternas;
- colaborar nas tarefas pastorais da Igreja, respondendo às necessidades mais urgentes;
- tomar consciência da importância de acompanhar espiritualmente os homens e mulheres de hoje.

192. Dimensão carismática

- intensificar a vida fraterna para que favoreça uma melhor realização de nosso projeto de vida;
- privilegiar a escuta ativa e afetiva como um dos elementos fortes de nosso estilo relacional carismático;
- recuperar o espírito da reforma capuchinha para descobrir a beleza da simplicidade.

IV.1.4. Meios

193. Os meios ordinários que a fraternidade local oferece são os seguintes:

- a vida litúrgica, escola dos valores cristãos e franciscanos;
- os capítulos locais, a revisão de vida e a correção fraterna, a partilha à mesa e as recreações, espaços que ajudam a criar relações sadias e abertas;
- a leitura e a reflexão, momentos imprescindíveis para crescer humana e espiritualmente;
- o uso apropriado dos meios de comunicação social, instrumentos de atualização.

194. Os meios ordinários oferecidos pela fraternidade provincial são os seguintes: exercícios espirituais, semanas de formação, encontros, seminários e celebrações.

195. Os meios extraordinários são: períodos de estudo, cursos de espiritualidade bíblica e franciscana, períodos sabáticos etc.

IV.1.5. Tempos

196. A formação deve prestar atenção às diversas etapas da vida. A seguinte proposta é indicativa⁵⁰:

- *primeira idade adulta*: tempo caracterizado pelo entusiasmo e pela atividade. Momento para aprender novos modos de viver o carisma assumindo responsabilidades e deixando-se guiar pela fraternidade;
- *a idade adulta do meio*: tempo caracterizado pela busca da essencialidade e da interioridade. Há também o risco da desilusão e do individualismo;
- *a idade adulta avançada*: tempo de plenitude e da transmissão das experiências vividas às gerações futuras. Tempo para acolher a irmã morte com esperança cristã.

⁵⁰ Cf. A. CENCINI, *Formação permanente. Acreditamos realmente?*, Paulus Editora, São Paulo 2012.

IV.1.6. Outros temas de formação

197. *O trabalho*: é uma graça que permite nos sentirmos realizados humana e profissionalmente. Os frades são verdadeiras testemunhas e formadores vivendo um equilíbrio sadio entre a atividade e a vida fraterna.

VIII CPO 9

198. *A economia*: todos os frades devem ser conscientes da realidade econômica da própria Província e de sua administração, que deve ser exercida segundo critérios solidários.

Economia 97;
VI CPO 29

199. *Justiça, paz e ecologia*: é tarefa da formação permanente promover um estilo de vida atento ao consumo solidário e socialmente responsável. Pode-se viver melhor com menos. Além disso, em todas as fraternidades e serviços ministeriais, devem-se estabelecer políticas e práticas de proteção a menores e adultos vulneráveis.

Justiça 50-53

200. *Meios de comunicação e novas tecnologias*: a formação permanente deve ajudar os frades a tomar consciência da existência de uma realidade virtual e das suas consequências. Os meios digitais a serviço da evangelização favorecem uma sociedade mais humana e inclusiva. Porém, a dependência digital é um risco que não deve ser subestimado.

VIII CPO 70

IV.1.7. Para uma cultura da avaliação

201. O momento da avaliação deve verificar os valores que proclamamos, as escolhas assumidas e a realidade da nossa vida pessoal e fraterna.

202. Compete ao capítulo local avaliar o projeto da fraternidade. É aconselhável avaliar periodicamente o caminho que se está percorrendo.

203. Sugere-se que, no decorrer das visitas canônicas, o Visitador Geral, o Ministro Provincial ou o Custódio acompanhem, estimulem e verifiquem pessoalmente com cada um dos frades o projeto pessoal e comunitário de FP.

204. Poderia ser oportuno elaborar uma normativa que, em nível de Circunscrição, promova atualizações formativas para ministérios pastorais específicos (ministério da reconciliação, pregação, catequese, etc.). A FP é um direito e um dever para todos.

IV.1.8. Outras indicações

205. Cada circunscrição deve ter um plano de formação permanente que responda à própria realidade. Para esta finalidade, promova-se a colaboração entre as circunscrições.

206. É importante ter particular zelo pela formação dos frades em seus primeiros anos de formação permanente (depois de cinco e dez anos da profissão perpétua).

207. *Os ministros e os guardiães considerem como um dever principal e ordinário de seu ofício pastoral promover a formação permanente dos frades que lhes são confiados.*

Const 42,2

208. Cada circunscrição ou grupo de circunscrições devem ter um frade ou grupo de frades encarregados pela FP.

209. O Secretariado Geral para a formação colabora com a FP oferecendo atividades, cursos e capacitações às circunscrições que não podem realizá-las.

Const 25,7

IV.2 A iniciação à nossa vida

210. A formação inicial põe as bases do desenvolvimento dinâmico da identidade da pessoa consagrada, que continua se consolidando durante toda a vida.

IV.1.2. A etapa vocacional

211. Abraão é ícone do ser humano aberto à Deus. O relato de seu chamado evidencia os elementos chave de toda vocação: em primeiro lugar, o convite ao homem para sair do círculo fechado daquilo que já se conhece e pôr em jogo sua vida, confiando em Deus; em segundo lugar, a indicação de que a vocação é um processo dinâmico que ativa todas as dimensões da pessoa, em especial, sua capacidade relacional e sua busca do bem.

Gn 12,1-9

212. A imagem de Abraão nos recorda que a todo homem compete responder ao chamado de Deus. Para cada um Ele tem uma proposta e convida todos a caminhar com confiança e a buscar com coragem. Toda vocação é um dom do Espírito Santo para edificar a Igreja e servir ao mundo. É tarefa da comunidade cristã suscitar, acolher e cultivar as vocações. É necessário promover a responsabilidade de todos para criar uma cultura vocacional.

CIC 233

IV.2.1.1. Natureza

213. *Deus, em sua bondade, chama todos os cristãos na Igreja à perfeição da caridade nos diversos estados de vida, a fim de que, mediante a santidade pessoal, se promova a salvação do mundo.*

Const 16,1

214. *A solicitude pelas vocações nasce principalmente da convicção de vivermos nós mesmos e de propormos aos outros um gênero de vida rico em valores humanos e evangélicos, o qual ao mesmo tempo que presta um autêntico serviço a Deus e aos homens, favorece o desenvolvimento da pessoa.*

Const 17,1

IV.2.1.2. Objetivos

215. Criar espaços de discernimento que permitam tomar decisões vocacionais com liberdade e responsabilidade.

ChrisV 136-143

216. Propor caminhos de crescimento afetivo no estilo relacional de Jesus, convidando a viver a lógica do dom de si.

217. Apresentar uma visão de mundo a partir das coordenadas da espiritualidade franciscana.

IV.2.1.3. As dimensões

218. Dimensão espiritual:

- oferecer a ajuda necessária para que o processo de discernimento vocacional seja consequência de uma escolha pessoal de fé;
- incentivar a oração, a vida sacramental e a leitura diária da Palavra de Deus;
- descobrir através do olhar interior um caminho de abertura à transcendência e à beleza da criação.

ChrisV 246

219. Dimensão humana:

- expressar um conhecimento de si mesmo adequado à própria idade;
- eixar-se acompanhar no caminho do discernimento vocacional;

- mostrar desejos de pertencer a um grupo e habilidades para estabelecer relações.

220. Dimensão intelectual:

- apresentar os princípios e fundamentos da experiência de vida cristã;
- oferecer uma primeira aproximação crítica ao Mistério de Cristo,
- iniciar um primeiro contato com a vida de São Francisco e Santa Clara, apresentando de modo simples os valores do carisma franciscano.

221. Dimensão missionária-pastoral:

- se o candidato participa de alguma atividade pastoral, encorajá-lo a continuar; caso contrário, indicar-lhe algum serviço eclesial;
- dar a conhecer, de forma geral, os serviços pastorais e apostólicos que se realizam na Ordem, na Província ou Custódia;
- iniciar à leitura do Evangelho, privilegiando textos que apresentem com maior clareza a pedagogia pastoral de Jesus no anúncio do Reino de Deus.

222. Dimensão carismática:

- ajudar a escutar os desejos profundos do coração e as motivações da escolha da nossa vida;
- fazer da oração o espaço fundamental do discernimento vocacional;
- apresentar a vida capuchinha, radicada sobre uma sólida eclesiologia e uma adequada teologia da vida religiosa que valorize todas as vocações dentro do Povo de Deus.

ChrisV 284

IV.2.1.4. Tempos

223. O tempo de discernimento antes do ingresso pode variar, mas, em todo caso, deve favorecer seja que o candidato conheça nossa proposta de vida, seja que os responsáveis pelo acompanhamento percebam nele sinais de consistência vocacional.

IV.2.1.5. Critérios de discernimento

224. Os critérios, que apresentamos em seguida, referem-se à totalidade da pessoa, compreendida a partir da ótica da fé:

Const 18,3

- saúde física e psíquica;
- maturidade adequada, especialmente nos campos afetivo e relacional;
- idoneidade à convivência fraterna;
- capacidade para conciliar idealismo e concretude;
- flexibilidade em nível cognoscitivo e relacional;
- disponibilidade à mudança;
- confiança nos formadores;
- adesão aos valores da fé.

225. Socialmente, são consideradas jovens as pessoas compreendidas entre 16 e 29 anos. A experiência no trabalho vocacional nos diz que, para além dos 35-40 anos, torna-se difícil conformar-se aos hábitos específicos – especialmente ao senso de abertura – requeridos pela vida religiosa⁵¹.

⁵¹ Cf. XV Assembleia Geral Ordinária. Sínodo dos Bispos, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, I, 1

IV.2.1.6. Outras indicações

226. Procure-se que o candidato conheça, mesmo em linhas gerais, nossa identidade específica dentro da Igreja, para evitar o ingresso de candidatos que queiram ser apenas sacerdotes. IV CPO 21
227. Estabelecer orientações e critérios específicos para o acompanhamento vocacional de adolescentes, jovens ou adultos, segundo as características da própria cultura e as possibilidades reais de acolhida. Os seminários menores e os centros de orientação vocacional existentes na Ordem, além do voluntariado, são uma boa oportunidade para fazer experiência de nossa vida. OCG 2,2
228. Em cada fraternidade, haja um frade responsável pela pastoral juvenil e vocacional devidamente preparado para realizar o acompanhamento sistemático dos candidatos. Cada Circunscrição deve ter um Secretariado de Animação Vocacional. Const 17,3-4
229. Para que os candidatos possam adquirir progressivamente as qualidades necessárias para a admissão à nossa vida, é necessário que, em cada circunscrição ou grupo de circunscrições, predisponham-se estruturas adequadas, capazes de oferecer aos formandos, antes do início do postulado, um caminho formativo personalizado (acolhida, pré-postulado, aspirantado, seminário menor), que pode durar ao menos um ano, segundo as necessidades e os ritmos de amadurecimento de cada um. Os formadores devem verificar o alcance dos objetivos pré-fixados na etapa vocacional, sobretudo, uma devida maturidade humana, particularmente afetiva e relacional. Const 18,3.e;
PI 63

IV.3. As etapas da formação inicial

IV.3.1. O postulado

230. O ícone evangélico do Batismo nos apresenta Jesus como aquele em quem Deus se compraz. Ele, sendo Filho, fez-se nosso irmão para que sendo irmãos aprendamos a ser filhos de Deus. A fraternidade é a grande escola na qual Deus nos revela nossa identidade: o dom de ser filhos e irmãos. Mc 1,9-11
231. O Batismo de Jesus nos mostra que Deus pousa seu Espírito sobre cada um de nós e nos marca com seu amor. No postulado aprofunda-se a relação pessoal com Deus e se adquire uma maior consciência do que implica o seguimento de Jesus, comprometendo-se em um processo de discernimento vocacional em nossa família religiosa.

IV.3.1.1. Natureza

232. *O postulado é o primeiro período da iniciação no qual se faz a escolha de nossa vida.* Const 30,1
233. *Nesse período, o postulante conhece nossa vida e faz um ulterior e mais cuidadoso discernimento de sua vocação. A fraternidade, por sua vez, conhece melhor o postulante e certifica-se quanto ao desenvolvimento de sua maturidade humana, principalmente afetiva, e quanto à sua capacidade para discernir sua vida e os sinais dos tempos segundo o Evangelho.* Const 30,2

IV.3.1.2. Objetivos

234. Ajudar o postulante a adquirir o conhecimento de si mesmo e a autonomia necessária que lhe permita integrar de forma madura a própria história e a realidade pessoal, com suas luzes e sombras.

(Documento preparatório).

235. Aprofundar a relação pessoal com Jesus Cristo, contemplando suas atitudes de amor, bondade, compaixão e misericórdia.

236. Suscitar a sensibilidade pelas causas sociais que geram a injustiça, a violência, a pobreza e a violação dos direitos humanos.

IV.3.1.3. As dimensões

237. Dimensão espiritual:

- fazer, com a ajuda do acompanhamento, uma narração autobiográfica em chave de fé, para tomar consciência do chamado de Deus;
- deixar-se introduzir progressivamente ao mistério da Eucaristia e ao sacramento da Reconciliação;
- iniciar a aprender a oração litúrgica da Igreja e a oração contemplativa.

238. Dimensão humana:

- compreender e administrar as próprias emoções, prestando uma especial atenção aos aspectos afetivos;
- cuidar de si mesmo a partir do ponto de vista físico e psicológico, de modo a configurar uma sã autoestima;
- acolher os elementos para a elaboração do *Projeto Pessoal de Vida*, tomando como ponto de partida a própria biografia.

239. A dimensão intelectual:

- aprofundar o Catecismo da Igreja Católica;
- conhecer a pessoa de Jesus mediante um programa de estudo sistemático do Evangelho;
- ler uma hagiografia e uma biografia moderna de São Francisco e Santa Clara.

240. Dimensão missionária-pastoral:

- consolidar, através do acompanhamento, os critérios de fé para a vida apostólica;
- dedicar-se a uma primeira experiência de trabalho apostólico e de serviço aos pobres;
- crescer na sensibilidade missionária e social, prestando atenção nos sinais dos tempos.

241. A dimensão carismática:

- aproximar-se da pessoa de Francisco, descobrindo nele um modo original e belo de encarnar as intuições evangélicas.
- apreciar a vida fraterna, a minoridade, o silêncio e a beleza da criação.
- cultivar um espírito de disponibilidade às necessidades do mundo e da Igreja.

IV.3.1.4. Tempo

242. O tempo é variável, segundo as necessidades dos candidatos. Nos últimos anos, devido às mudanças socioculturais, eclesiais e familiares, existe uma tendência a prolongar o tempo do postulado, com o desejo de facilitar o discernimento e permitir um maior amadurecimento humano e cristão. Nossa legislação estabelece o mínimo de um ano, mas, na maioria das áreas geográficas da Ordem, estende-se por dois anos.

243. O tempo do postulado inicia quando o candidato é admitido pelo Ministro Provincial.

IV.3.1.5. Outros temas de formação

244. *O trabalho*: durante o tempo do postulado, é importante ajudar os postulantes a descobrir o trabalho como graça e oportunidade, incentivando a disponibilidade para realizar trabalhos simples e domésticos.

VIII CPO 7

245. *A economia*: os postulantes devem ser introduzidos nos princípios da espiritualidade franciscana, ou seja, a gratuidade e a lógica do dom, que exigem abandonar a cultura do consumo e da exclusão.

Economia 16

246. *Justiça, paz e ecologia*: quem escolhe nossa forma de vida, compromete-se a salvaguardar o meio ambiente e a colaborar de forma criativa na solução dos problemas que atingem o planeta.

Justiça 56-58

247. *Meios de comunicação e novas tecnologias*: é necessário formar os candidatos para um uso maduro, seguro e útil dos meios digitais. É oportuno que os postulantes não administrem suas contas nas redes sociais, distanciando-se da fraternidade.

ChristV 86-90

IV.3.1.6. Critérios de discernimento

248. Para avaliar a idoneidade, leve-se em conta os seguintes critérios:

CIC 597 §§1-2;
Const 18,2

- equilíbrio psicofísico (exame médico e avaliação psicológica), solicitando-se a documentação médica e a certidão negativa de antecedentes criminais;
- capacidade de iniciativa e corresponsabilidade;
- reto uso da liberdade e do tempo;
- disposição para o serviço e o trabalho;
- capacidade de escolha livre e responsável;
- conhecimento e vivência da fé cristã;
- clareza suficiente das motivações;
- abertura ao acompanhamento formativo;
- aptidão para viver em comunidade;
- disponibilidade para seguir Cristo em pobreza, obediência e castidade.

IV.3.1.7. Outras indicações

249. É preferível que durante o tempo de postulado não se realizem estudos acadêmicos, justamente para dar prioridade a outros estudos, cursos ou seminários que estejam em sintonia com os objetivos desta etapa.

250. O lugar deve favorecer a integração na fraternidade, o recolhimento e a meditação; que seja simples, possibilite trabalhos manuais e o contato com os pobres. É importante que o candidato não seja tirado de seu contexto cultural.

251. Aconselha-se que os postulantes vivam na mesma fraternidade e com o mesmo mestre, para que o acompanhamento personalizado resulte mais profundo e eficaz.

252. Com o postulado, inicia-se o caminho de agregação à Ordem. É o momento de esclarecer outras possíveis pertencas: família, grupos de amigos, movimentos eclesiais, partidos políticos, tribos, raças etc., para dar espaço à nova identidade evangélica adquirida em nossa família capuchinha.

JöhriIdent 2.3.3

253. Ao término do postulado, faça-se um encontro entre as equipes formativas do postulado e do noviciado, no qual se apresentará uma documentação informativa sobre cada um dos formandos segundo as cinco dimensões.

254. Desde os primeiros dias de admissão à fraternidade, os postulantes devem conhecer as políticas e os procedimentos da própria circunscrição para a prevenção dos abusos sexuais em relação aos menores e adultos vulneráveis.

Após uma abordagem explicativa deste tema, deverão assinar um documento que ateste que eles estão plenamente conscientes destas políticas e que estão dispostos a segui-las e a receber uma formação regular sobre este assunto no decurso da formação inicial e permanente.

IV.3.2. O noviciado

255. O ícone evangélico de Betânia nos apresenta uma casa de portas abertas. Aí, aprende-se a escutar como Maria e a servir como Marta. Não são coisas diversas. O fruto da escuta é sempre o serviço, e não há serviço que não nasça da escuta. Trata-se de um caminho bonito de aprendizagem no qual Cristo, o Mestre, convida-nos a escutar sua Palavra viva no Evangelho e a servi-lo nos irmãos, de modo especial, nos mais pobres.

Lc 10,38-42

256. Como em Betânia, no noviciado se aprende a dirigir a vida na direção de Jesus: escutando suas palavras e aprendendo Dele, que se fez servo de todos, a bonita arte do serviço.

IV.3.2.1. Natureza

257. *O noviciado é um período de mais intensa iniciação e de experiência mais profunda da vida evangélica franciscano-capuchinha em suas exigências fundamentais; isso requer uma decisão firme e madura de provar nossa forma de vida religiosa.*

Const 31,1;
CIC 646

IV.3.2.2. Objetivos

258. Rer a própria história em chave de graça e como lugar de salvação, da gratuidade do amor e da compaixão de Deus.

259. Reforçar a centralidade de Cristo na própria vida, buscando encarnar seus sentimentos e atitudes, contemplando o mistério de sua divina humanidade.

260. Aprofundar o seguimento de Cristo, opondo-se a um mundo consumista que gera exclusão; educar-se no diálogo comunitário para acolher a diversidade como riqueza e integrar os diversos modos de ver, pensar e agir dos outros.

IV.3.2.3. As dimensões

261. Dimensão espiritual:

- assumir como própria a vida espiritual capuchinha, centralizada na Eucaristia, na Liturgia das Horas e, especialmente, na oração mental, com a ajuda da lectio divina e das sãs tradições da Ordem;
- educar-se ao hábito do silêncio interior;
- aprofundar a dimensão teológica dos votos, contemplando a Pessoa de Jesus Cristo, pobre, obediente e casto.

Const 31,3

262. Dimensão humana:

- relacionar-se com os irmãos, compartilhando mais profundamente a própria história pessoal;
- integrar o desenvolvimento afetivo-sexual, estabelecendo relações sadias, maduras e de plena doação;
- exercitar-se no discernimento pessoal e comunitário como meio para sintonizar-se com o plano salvífico de Deus;

263. Dimensão intelectual:

- complementar o estudo do Catecismo com a teologia da vida religiosa e os valores próprios de nossa vida;
- estudar uma introdução geral e sistemática da Bíblia e da Liturgia;
- aprofundar os conteúdos e a espiritualidade dos Escritos de São Francisco (Regra, Testamento, etc.), das Constituições dos Frades Menores Capuchinhos, dos Conselhos Plenários e de outros documentos da Ordem.

264. Dimensão missionária-pastoral:

- descobrir em nossa missão carismática uma via para colaborar na construção de um mundo mais evangélico e fraterno;
- ter encontros com irmãos da Circunscrição, que encarnam em sua vida a missão de Jesus;
- vivenciar qualquer atividade de serviço entre os pobres e necessitados.

265. Dimensão carismática:

- aprender entre os irmãos a arte da fraternidade;
- descobrir que ser frade menor capuchinho é nosso modo peculiar de ser Igreja, construindo espaços de acolhida, de encontro e de ternura;
- acolher e transmitir, com fidelidade criativa, os valores carismáticos.

IV.3.2.4. Tempo

266. O *Código de Direito Canônico* (CIC) estabelece que o tempo de duração, para que o noviciado seja válido, é de doze meses, transcorridos sem interrupção, na casa do noviciado, e jamais superior a 18 meses. A ausência que superar quinze dias deve ser suprida, e a superior a três meses invalida o noviciado.

Const 31,6;
CIC 647,3;
648,1; 653,2

IV.3.2.5. Outros temas de formação

267. *O trabalho manual*: é um dos nossos valores carismáticos e faz parte da nossa espiritualidade. Deus põe em nossas mãos a obra da criação, convidando-nos a cuidar dela. Ao mesmo tempo, trabalhando juntos, reforça-se o vínculo de interdependência entre irmãos.

VIII CPO 10

268. *A economia*: os noviços aprenderão o uso evangélico dos bens, formando-se ao desapego do dinheiro e dos bens materiais, descobrindo o valor da solidariedade e cultivando um coração generoso.

Economia 1

269. *Justiça, paz e ecologia*: durante o noviciado, não se deve fechar os olhos diante da realidade do mundo. Os direitos humanos, o cuidado do ambiente, a fome e a guerra exigem uma resposta solidária, mística e profética.

Justiça 60-62

270. *Meios de comunicação e novas tecnologias*: recomenda-se o uso limitado de telefones celulares e computadores, que deveriam estar em uma sala comum. Uma vida centrada no essencial nos protege da escravidão tecnológica.

LS 47

IV.3.2.6. Critérios de discernimento

271. Oferecemos alguns critérios de discernimento para admissão à primeira profissão:

CIC 642

- nível adequado de maturidade humana e afetiva e capacidade de ter boas relações interpessoais;
- espírito de iniciativa e participação ativa e responsável na própria formação;
- capacidade de aceitar as diferenças e de viver em fraternidade;
- evidente responsabilidade no trabalho;
- abertura à Palavra de Deus;
- vida de oração e contemplação;
- flexibilidade e diálogo com os formadores;
- sentido de pertença à fraternidade e à Ordem;
- serviço aos pobres e marginalizados da sociedade;
- compreensão dos votos e capacidade de vivê-los;
- conhecimento suficiente do carisma franciscano-capuchinho.

IV.3.2.7. Outras indicações

272. número ideal de noviços deve ser não inferior a 4, e o número máximo deve garantir um acompanhamento pessoal e não massificado. Por isso, propõe-se um máximo de 15.

273. Ao término do noviciado, deve haver um encontro entre as equipes formativas do noviciado e do pós-noviciado, para que se possa transmitir a situação de cada irmão, em relação às metas alcançadas e aos principais campos de crescimento que ele deverá encarar no pós-noviciado.

IV.3.3. O pós-noviciado

274. A morte de Jesus na Cruz nos ensina que só quem se doa totalmente é capaz de amar até o extremo. A cruz é ícone de gratuidade, de disponibilidade e de entrega. É a escola do sentido da vida, onde aprendemos que o grão de trigo, quando cai e morre, produz muito fruto.

Jo 19,30

Jo 12,24

275. Na cruz, Francisco descobriu a pobreza e a nudez de Jesus, e concebeu sua própria vida uma tentativa de viver de modo cada vez mais pobre e desnudo. O pós-noviciado, último estágio da formação inicial, deve servir para que os irmãos conformem suas vidas segundo aquela do Mestre.

IV.3.3.1. Natureza

276. *O pós-noviciado, que começa com a profissão temporária e termina com a profissão perpétua, é a terceira etapa da iniciação. Nesse período, os frades caminham para uma maior maturidade e se preparam para a escolha definitiva da vida evangélica em nossa Ordem.*

Const 32,

277. *O itinerário formativo do pós-noviciado deve ser o mesmo para todos os frades em razão de sua essencial relação com a consagração religiosa e a profissão perpétua. E como, em nossa vocação,*

a vida evangélica fraterna ocupa o primeiro lugar, também durante esse período deve ser-lhe dada prioridade.

Const 32,2

IV.3.3.2. Objetivos

278. Viver a liberdade e o dom de si mesmo, sobre os quais se funda a consagração religiosa.
279. Consolidar a comunicação, o conhecimento recíproco, a transparência nas relações e a corresponsabilidade fraterna.
280. Testemunhar a solidariedade, a justiça e a verdade ao lado dos que sofrem.

IV.3.3.3. As dimensões

281. Dimensão espiritual:

- consolidar a centralidade da consagração da própria vida;
- descobrir na oração e na Palavra a presença de Deus e a ação constante do Espírito;
- viver em uma sadia tensão o equilíbrio entre ação e contemplação.

282. Dimensão humana:

- reforçar uma estrutura afetiva que favoreça a interdependência e ajude a superar o individualismo;
- integrar, baseando-se no acompanhamento, as exigências espirituais, físicas, intelectuais e afetivas;
- programar o tempo em um sadio equilíbrio entre o serviço e as necessidades pessoais e comunitárias e o serviço aos pobres.

283. A dimensão intelectual:

- consolidar um juízo crítico, aberto e evangélico;
- aprofundar o estudo da Sagrada Escritura, teologia, liturgia, história e espiritualidade da Ordem. Todos os frades, independentemente da opção clerical ou laical, devem receber as bases suficientes para poder fundamentar a própria vida de consagração e serviço à Igreja;
- ter um conhecimento suficiente da história da Ordem e da própria Circunscrição.

284. Dimensão missionária-pastoral:

- aprender a programar e avaliar os compromissos pastorais em fraternidade;
- viver experiências de missão em situações de fronteira;
- buscar na programação o equilíbrio entre a ação, a vida espiritual, a vida fraterna e o estudo.

285. Dimensão carismática:

- consolidar o seguimento de Cristo, encarando também as dificuldades;
- construir uma identidade carismática sem fissuras, configurando a própria vida à do Mestre;
- reler a realidade a partir do mistério da Cruz, onde o amor se concretiza na liberdade, na desapropriação de si e no dom.

IV.3.3.4. Tempos

286. O pós-noviciado tem uma duração mínima de três anos, podendo-se estender por até seis. Se o frade ou os responsáveis pela formação considerarem oportuno, e de maneira excepcional, pode-se prorrogar até nove anos.

CIC 655; 657,2;
Const 34,2

287. Integrar e consolidar nossos valores carismáticos exige um caminho paciente e progressivo. Aqui, devem-se levar em conta os princípios da personalização.

IV.3.3.5. Outros temas de formação

288. *O trabalho*: o pós-noviciado é tempo oportuno para conhecer e fazer experiência das distintas formas de trabalho possíveis na Ordem. O critério último de discernimento não pode ser nem a autorrealização, nem as urgências institucionais, mas vontade de Deus Pai.

JöhriReac 9;
VIII CPO 11

289. *A economia*: devem-se consolidar os critérios para o uso transparente e ético de nossos bens, vivendo-se a solidariedade entre nós e com os pobres, o consumo responsável e uma economia atenta ao social. É desejável que os pós-noviços participem do balanço da fraternidade.

Economia 19

290. *Justiça paz e ecologia*: com um estilo de vida simples, os pós-noviços devem se exercitar no diálogo, no respeito e na estima pela diversidade. O amor a Cristo deve-se traduzir no desejo de construir a paz no mundo e abraçar a causa do Reino em favor dos pobres.

Justiça 63-66

291. *Meios de comunicação e novas tecnologias*: Favoreça-se um senso crítico e positivo para um adequado uso dos meios de comunicação. É conveniente organizar cursos e seminários específicos, a elaboração de diretrizes normativas nos diversos contextos culturais e as possibilidades de criar e gerir recursos pastorais e de evangelização através das novas tecnologias.

V CPO 58;
RFund 182**IV.3.3.6. Critérios de discernimento**

292. Alguns dos critérios sobre a idoneidade admissão à profissão perpétua:

- capacidade de assumir um compromisso definitivo e de viver os conselhos evangélicos;
- maturidade afetiva;
- experiência pessoal de Deus e vida de oração;
- iniciativa pessoal e responsabilidade pela própria vida;
- capacidade de viver e trabalhar em fraternidade;
- serviço aos demais, especialmente aos mais pobres;
- senso de justiça, paz e respeito à criação;
- suficiente liberdade interior e prática da pobreza;
- senso de pertença à fraternidade, à Ordem e à Igreja.

IV.3.3.7. Outras indicações

293. Evitar fraternidades formativas massificadas e optar por fraternidades que fortaleçam a identidade e o senso de pertença e favoreçam o acompanhamento.

294. Com a profissão perpétua, completa-se a iniciação à nossa vida. O frade, professo perpétuo, deve alimentar o desejo de crescer.

IV.3.4. A formação inicial específica

295. As Constituições dividem a nossa formação em duas fases: a inicial e a permanente. A primeira fase, que termina com a profissão perpétua, inclui a iniciação à consagração e oferece a possibilidade de começar neste período a preparação para um ministério.

Const 23,4;
JöhriReac 23

296. As Constituições estabelecem dois princípios inequívocos. O primeiro diz que a vida fraterna evangélica e a formação à consagração devem ter prioridade durante o tempo da iniciação; o segundo afirma que a formação inicial é igual para todos. Como consequência, a iniciação à vida consagrada e a formação específica às ordens sagradas não devem ser confundidas, pois não são equiparáveis.

Const 32,2;
CIC 659

297. Ao interno das diversas sensibilidades e modelos de organização do pós-noviciado existentes na Ordem, percebe-se uma certa tensão entre as dimensões carismática e clerical. A reflexão e o diálogo – em coerência com o IV CPO, o documento *Formação à vida franciscana capuchinha no pós-noviciado* (Post2004), as Constituições e as reflexões dos últimos Ministros Gerais – nos ajudarão a encontrar um equilíbrio adequado entre as duas dimensões.

CorriveuTest 3,1-8;
JöhriReac 33-36

298. O estado da vida religiosa, pela sua natureza, *não é nem clerical nem laical*. Portanto, tem seu valor próprio, independente do ministério sacro. A identidade da Ordem Franciscana nos remete à nossa forma de vida evangélica, definindo-nos como Ordem de irmãos e não como congregação clerical. Por isso, a única vocação de frades menores, vivida em suas expressões laical ou clerical, além de garantir um processo formativo comum a todos, abre possíveis e distintos caminhos para a formação específica: um itinerário para aqueles que receberam o dom de viver a vocação religiosa segundo a dimensão presbiteral, e outros percursos para aqueles que receberam o dom de vivê-la na dimensão laical.

CIC 588 §1
VC 60

VIII CPO 42

299. Faz-se necessário, por um lado, aprofundar as modalidades de viver o sacerdócio a partir das exigências próprias da nossa identidade carismática, levando-se em conta o caráter próprio da nossa fraternidade; e por outro, atualizar as modalidades de viver a opção laical, aumentando as oportunidades formativas para os irmãos e ajudando cada frade a desenvolver a graça de trabalhar.

Const 39,4;
CorriveuFrat 3,1-4

Const 37,4

300. A fraternidade formativa, junto com o irmão em formação, deve discernir e verificar, por meio do acompanhamento personalizado, as motivações na decisão de viver a própria vocação, orientada ou ao dom do ministério ordenado, ou ao do ministério fraterno.

301. A formação comum de base para todos os frades deve incluir o estudo introdutivo à Sagrada Escritura, à teologia, à liturgia, à história e à espiritualidade franciscana. É desejável que haja o reconhecimento acadêmico dos estudos feitos para todos aqueles frades que, sucessivamente, continuarão o percurso das ordens sagradas.

Const 32,3

IV.3.5. A formação em colaboração

302. A nossa vocação comum vai além de qualquer barreira e, acolhendo a riqueza e a originalidade de cada cultura, transforma-a, criando espaços de comunhão. A nossa Ordem é uma fraternidade universal, constituída de uma rede de fraternidades provinciais e locais. Por isso, se não quisermos ser vítimas do provincialismo, devemos construir estruturas mais flexíveis e dinâmicas, que favoreçam a integração entre as Circunscrições e uma maior abertura, além de um sentido de pertença à Ordem.

303. É importante superar o provincialismo também em nível formativo, favorecendo o diálogo, o conhecimento recíproco e a colaboração. Os princípios que devem guiar a colaboração na formação dentro da Ordem são os seguintes:

- a convicção de que não somos movidos pela necessidade, mas pela mística da fraternidade;
- a busca prioritária do bem do formando;
- o melhor uso das capacidades pessoais dos formadores;
- um emprego mais racional das estruturas materiais e dos recursos econômicos.

OCG 2/8

304. Para potencializar a colaboração formativa, propõe-se a criação de estruturas formativas dependentes não das Províncias, mas da Conferência que tem a tarefa de cuidar da fraternidade formativa. Verifique-se a oportunidade de estender tal princípio à colaboração entre Conferências.

OCG 2/5

305. Conclusão. Maria, Mãe e Mestre, soube acolher a Palavra, meditá-la em seu coração e pô-la em prática. Foi a primeira discípula, escutando o Mestre e transformando o amor em serviço. O Onipotente continua a realizar grandes obras em cada um de nós. Também hoje, na escola de Nazaré, aprendemos a viver em fraternidade, com alegria e simplicidade, para sermos testemunhas da ternura e da presença de Deus no mundo.

CtOr 26-28

ChristV 43-48



ANEXOS

RATIO
FORMATIONIS



ESTE É O NOSSO CLAUSTRO: O MUNDO INTEIRO

SC 63

Para que a Regra e as intenções de nosso Pai e legislador possam ser fielmente observadas em todas as partes do mundo, cuidem os ministros para que se procurem diligentemente as modalidades mais aptas, mesmo pluriformes, para a vida e o apostolado dos frades, conforme a diversidade das regiões, das culturas e das urgências dos tempos e lugares.

Const 7,4

I. UNIDADE CARISMÁTICA NA DIVERSIDADE CULTURAL

I.1. Algumas considerações gerais

1. O mundo cresce na diversificação. No hemisfério sul, a população é muito jovem e aumenta rapidamente, enquanto no hemisfério norte, releva-se um progressivo envelhecimento e decréscimo demográfico. 60% da população mundial vive na Ásia (4.400.000.000), 16% na África (1.200.000.000), 10% na Europa (738.000.000), 9% na América Latina e Caribe (634.000.000) e os 5% restantes na América do Norte (358.000.000) e na Oceania (39.000.000). Atualmente, mais de 50% da população vive em zonas urbanas¹. Entre as urgências às quais responder imediatamente, emerge um duplo desafio: abordar com critérios humanos e cristãos os fluxos migratórios em aumento e criar espaços de integração e diversificação que favoreçam a convivência e a coesão social entre os povos.

2. A nossa Ordem não é estranha às mudanças demográficas. África e Ásia crescem notavelmente; a Europa Oriental e a América Latina se mantêm estáveis, enquanto a Europa Ocidental e a América do Norte sofrem sensível diminuição de frades. No mundo capuchinho, não existe uma cultura hegemônica, nem geograficamente nem culturalmente (no passado, era a europeia). Manter viva a identidade carismática e a unidade da Ordem requer que os frades pertencentes a culturas diferentes aprendam a se encontrar. O diálogo autêntico favorece a pluralidade de interpretações do único carisma, que se reconhece e se compreende através das diversas linguagens e visões do mundo.

LG 12,1;
EG 130

Const 100,5

¹ NAÇÕES UNIDAS, *Estatística da população mundial 2017*, Nova York 2018 (www.unfpa.org).

3. A colaboração é um sinal de unidade e de comunhão em um mundo sempre mais globalizado, mas que, ao mesmo tempo, requer sempre maior atenção e sensibilidade às diferenças étnicas. A verdadeira colaboração se compreende somente a partir da mística da fraternidade, capaz de assumir as diferenças, integrando-as em uma síntese harmoniosa que gera um sentimento maior de pertença. A superação do provincialismo e do etnocentrismo, bem como a formação à interculturalidade, tornam possível uma colaboração real, efetiva e duradoura.

EG 131
Const 100,6

I.2. Do multiculturalismo à interculturalidade

4. A cultura é o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam um grupo social. Ela engloba os estilos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Através da cultura, discernimos os valores, fazemos escolhas, exprimimo-nos, tomamos consciência de nós mesmos, reconhecemos-nos como um projeto ainda aberto e buscamos incansavelmente o sentido da existência. Toda a estrutura cultural busca satisfazer as necessidades fundamentais, ao menos em três aspectos: o material (casa, alimentação), o relacional (parentes, amigos e colegas) e simbólico (arte, beleza e espiritualidade).

GS 53

5. O nosso mundo é caracterizado por interdependências recíprocas, e daí vem que a relação seja o elemento fundamental que caracteriza o ser humano: a relação consigo mesmo, com os outros, com o ambiente e com Deus. É precisamente no âmbito relacional que construímos e compreendemos a nossa identidade: os modos de fazer e pensar, os sentimentos, os valores, as regras e os sinais de pertença que se transmitem de uma geração a outra em cada cultura.

6. Existem diversos modelos de relação entre as diferentes culturas². Um primeiro modelo é o colonial, onde uma cultura se impõe a uma outra, exigindo a renúncia às próprias raízes. Produz-se uma falta de fidelidade à própria cultura, motivada pelo desejo de serem aceitos em um novo grupo de pertença. Neste modelo, as diferenças são vividas como ameaça. Um segundo modelo é o multicultural, onde as diversas culturas coexistem no mesmo espaço geográfico, renunciando a todo tipo de troca. Podemos falar de pluralismo cultural, não de integração, mas de tolerância. Em terceiro lugar, o modelo intercultural é aquele no qual as culturas se encontram sem perder a própria identidade. As diferenças se integram como riqueza e geram novos tipos de relação. O ponto de partida é conhecer e amar a própria cultura para poder reconhecer as diferenças das outras. Este modelo é conatural à missão da Igreja e ao estilo de vida da nossa Ordem.

I.3. Levar o Evangelho ao coração de cada cultura

7. A criação é um canto à bondade e à beleza. Deus levou a criação tão a sério, que, cada criatura, única e singular, é expressão essencial da multiforme variedade. A biodiversidade do planeta é o melhor reflexo da sua criatividade. Deus não cria em série; justamente na sua paternidade, encontra-se a origem de toda diversidade. O ideal do amor não consiste na fusão dos diferentes, mas na relação fecunda entre as diferenças. A alteridade, o desafio do encontro com o outro, no reconhecimento de outros modos de ser e de viver, é o que torna possível a fraternidade.

Gn 1,31

Gn 4

8. A Encarnação de Jesus não é um fato abstrato, é um evento acontecido num tempo e num espaço concreto. A posição crítica de Jesus em relação ao modo de pensar e agir das autoridades

² CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar para o diálogo intercultural na escola católica. Viver juntos para uma civilização do amor*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2013.

religiosas, faz dele um judeu marginal³. Para Jesus, a salvação é oferecida universalmente, não apenas para o povo judeu; é gratuita, não pode ser comprada. Jesus põe em questão certas instituições sacras, como algumas práticas do templo, e rompe os esquemas de uma pertença étnica, fundada na carne e no sangue, ampliando assim os horizontes relacionais. A parábola do bom samaritano, o encontro com o centurião, a água partilhada no poço de Sicar, o diálogo com a mulher siro-fenícia, juntamente com outros encontros e milagres vividos e realizados além das fronteiras da terra de Jesus, culminarão na exigência cristã mais difícil de se praticar: a amor ao inimigo.

Lc 14,16-28
Lc 18,10-14
Mt 21,13
Lc 10,25-37
Mt 8,5-11
Jo 4,9

Mc 7,24-30

9. Pentecostes simboliza a abertura do Evangelho às culturas. O Espírito Santo, fonte de liberdade e unidade, para poder transmitir a memória sempre viva de Jesus, elimina todas as fronteiras da raça, das leis discriminatórias e das normas separatistas ligadas às tradições hebraicas. Através do diálogo sincero e do discernimento dos sinais dos tempos, o Espírito Santo continua a guiar a Igreja para que, na assimilação de diferentes culturas, aprenda a viver com pluralidade a Boa Nova.

At 2,1-4

Gl 2,1-10;
At 15,1-34

I.4. A Igreja, escola de interculturalidade

10. A Igreja, a partir da celebração do Concílio Ecumênico Vaticano II, mostrou a firme vontade de abrir-se e dialogar com o mundo contemporâneo. Desde então, até a recente Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a Igreja continua a se empenhar na tarefa de evangelizar as culturas para poder inculturar o Evangelho e continuar a anunciar o Reino de Deus e a sua justiça.

11. A catolicidade da Igreja depende da sua real abertura às culturas. É preciso sair ao encontro dos outros sem deixar de ser nós mesmos, mas sempre abertos a acolher a diversidade. O cristianismo não possui um modelo cultural único, traz consigo também o rosto de diversas culturas nas quais foi acolhido e onde foi plantado. Nos diversos povos que experimentam o dom de Deus na própria cultura, a Igreja manifesta a sua catolicidade e mostra a beleza deste rosto multiforme. A imagem que melhor representa a Igreja não é um centro com uma esfera imóvel, mas um poliedro que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade.

NMI 40

EG 236;
RB 1,2,12,3

12. O consumismo, o narcisismo e o individualismo são expressões daquela cultura dominante que, nem sempre, compreende quem renuncia a uma vida cômoda e autossuficiente, como também quem constrói relações de intimidade inclusivas e não centradas exclusivamente na dimensão biológico-genital. Uma vida religiosa atenta e sensível às modalidades expressivas da cultura na qual se encontra inserida, é sempre uma vida fecunda, capaz de propor modos alternativos de compartilhar os trabalhos e os recursos (a pobreza), de amar e de se deixar amar (castidade) e de participar de projetos elaborados em comum (obediência).

VC 87

VinhoNovo 38-40

I.5. Os irmãos não se apropriem de nada, nem de casa, nem de lugar, nem de coisa alguma (RB 6,1)

13. O movimento franciscano foi protagonista do processo de transformação da sociedade feudal à sociedade burguesa, participando de modo crítico e ativo na construção de uma sociedade mais livre, fraterna com igualdade de direitos para todos. O encontro entre São Francisco e o sultão Al-Kamil nos recorda que o diálogo e o encontro, se autênticos, são capazes de superar

³ Cf. J. P. MEIER, *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus histórico*, Volume 3, Imago, Rio de Janeiro 1997.

qualquer muro ou fronteira, interior ou exterior, que impeçam a cultura da paz. A Regra insiste na importância da dimensão relacional, que consente ver no outro um irmão: *que não façam nem litígios nem contendas, mas estejam submetidos a toda criatura humana por Deus e confessem que são cristãos.*

RNB 16,6

14. Viver *sine proprio* e recorrer à *mensa Domini*, que é a mesma coisa, não possuir nada (expropriação) e acolher com gratuidade o que for dado (mendicidade), são elementos essenciais para compreender a pobreza franciscana, que torna possível viver a interculturalidade. Expropriar-se dos próprios pensamentos e desejos permite o encontro com outros modos de pensar. A mística da itinerância franciscana, com a passagem de um ambiente cultural a outro, aprendendo a deixar-se educar, é feita de despojamento e liberdade, de leveza e sobriedade, de esforço e abertura⁴.

RB 1,2

Test 22

I.6. Os capuchinhos e o contínuo retorno a São Francisco

15. Memória, tradição, história, transmissão, símbolos, sonhos e promessas constituem a alma e a linguagem da cultura capuchinha. Compartilhamos uma visão do mundo que se exprime através de elementos materiais, estilos de relação e aspectos simbólicos que nos tornam diferentes e nos ajudam a manter viva a identidade: o desejo de voltar a São Francisco, a simplicidade e a pobreza, o modo de partilhar o que temos juntamente com o uso comunitário dos bens, a gestão da autoridade e do poder, o modo com o qual nós estamos em meio ao povo, o nosso hábito e a maneira simples de vestir, a localização e a essencialidade das nossas construções, a simplicidade dos meios de transporte, a relação sadia com os meios de comunicação e as novas tecnologias etc.⁵. Os nossos santos capuchinhos são a melhor expressão da nossa identidade⁶. Torna-se um desafio, cada dia mais urgente, desenvolver uma maior sensibilidade aos modelos culturais de santidade.

16. A cultura capuchinha no presente é marcada por diversas culturas que, de maneiras diferentes, possibilitam-na e a condicionam. A transmissão dos elementos essenciais e comuns de uma cultura a outra exige conhecer tanto a cultura local, como aquela capuchinha⁷. Transmite-se apenas aquilo que se ama e se vive com paixão. Não todos os valores são compreendidos do mesmo modo em todas as culturas; por este motivo, para garantir a transmissão do carisma e o sentimento de pertença a uma única Ordem, os nossos estilos de presença têm como ponto de partida e horizonte a vida evangélica fraterna.

17. A reflexão acerca da interculturalidade foi e ainda é um dos maiores desafios que devemos encarar para o futuro. No III CPO sobre *A vida e a atividade missionária* (Matli – Suíça 1978), no V CPO sobre *A nossa presença profética no mundo* (Garibaldi – Brasil 1986), na Assembleia de Lublin, que se dedicou de maneira monográfica ao tema *Identidade capuchinha e culturas* (Lublin – Polónia 1992)⁸ e no encontro internacional *Fraternidade evangélica num mundo multiétnico* (Adis Abeba – Etiópia 2004)⁹, encontramos pistas de reflexão e sugestões práticas que nos ajudam a descobrir novos aspectos da nossa identidade, presentes em diversas culturas.

⁴ Cf. L. C. SUSIN, *Vida religiosa consagrada em processo de transformação*, Paulinas, São Paulo 2015.

⁵ Cf. G. POZZI, *Devota sobriedade. L'identità cappuccina e i suoi simboli*, EDB, Bologna 2018.

⁶ Cf. C. CARGNONI, *Sulle orme dei santi. Il santorale cappuccino: santi, beati, venerabili, servi di Dio*, Istituto Istorico dei Cappuccini, Roma 2000.

⁷ Cf. L. IRIARTE, *Fisionomia espiritual de los capuchinos. Rasgos fundamentales de su espiritualidad*, en *Estudios Franciscanos* 79 (1978) 267-292.

⁸ *Analecta Ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum* 108 (1992) 1-117 (suplemento ao n.º 4).

⁹ *Analecta Ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum* 120 (2004) 1095-1101.

18. A constituição de fraternidades interculturais exige discernimento e acompanhamento atento; não basta pôr sob o mesmo teto frades de diversas culturas. Para uma vida fraterna intercultural são necessárias algumas atitudes pessoais e uma sólida espiritualidade. Estes requisitos, para viver em uma fraternidade intercultural, exigem uma boa e sólida formação específica¹⁰.

II. DA RATIO FORMATIONIS GENERALIS À RATIO FORMATIONIS LOCALIS. ORIENTAÇÕES PARA COMEÇAR

19. Na elaboração de projetos e percursos formativos, é necessário observar com flexibilidade algumas normas e critérios comuns que nos ajudem a compartilhar acertos e limites na atuação da *Ratio Formationis*.

20. A cultura capuchinha é capaz de pensar, sentir e dialogar com outras culturas, respeitando as diversas formas de manifestar os afetos, as emoções, os sentimentos, a percepção do tempo e do espaço, a estética, a gastronomia, a higiene, as formas de organização e os demais valores sociais e étnicos.

II.1. A metodologia

21. O método da formação intercultural tem, como ponto de partida, a espiritualidade da *kenosis*, que exige reconhecimento e respeito pelas diferenças; escuta e diálogo; abertura e interação diante de outras culturas.

22. É necessário ter uma consciência crítica e clara dos valores carismáticos não negociáveis que devem ser transmitidos a cada cultura.

23. Prestar atenção, por um lado, à progressividade da iniciação de conteúdos e experiências; e, por outro lado, à integração de todas as dimensões em perspectiva carismática, definindo o peso específico que elas devem ter nas diferentes etapas.

II.2. Os protagonistas

24. Compete ao secretariado de formação de cada circunscrição providenciar a adaptação dos princípios gerais da *RF* à realidade do próprio contexto, e à reflexão, verificação e avaliação dos projetos das diferentes casas de formação.

25. Cada irmão e cada fraternidade de formação deve conhecer e participar ativamente da preparação e da revisão do projeto formativo da Circunscrição ou da Conferência. O Ministro Provincial/Custódio, com o seu Conselho, é o primeiro responsável pelo encorajamento, pela preparação e pela atuação do projeto formativo.

26. O Ministro Geral e seu Conselho, através do Secretariado Geral de Formação e do Conselho Internacional de Formação, têm a tarefa de avaliar e aprovar os projetos formativos e a sua adequação aos princípios gerais da *RF*.

¹⁰ Cf. P. MARTINELLI, *Interculturalità e formazione alla vita consacrata*, in UNIONE SUPERIORI GENERALI, 73° conventus semestralis. *Nella storia verso il futuro. Cambiamenti geografici culturali nella vita consacrata. Sfide e prospettive*, Litos 2009, 77-105.

II.3. Os conteúdos

27. Os conteúdos não são transmitidos de modo abstrato, mas são mediados por categorias culturais que permitem a sua compreensão e por estruturas apropriadas que concretizam a experiência. As imagens e experiências de Deus, de Cristo, do ser humano, da Igreja, do mundo, da sociedade, de São Francisco ou Santa Clara, modelam a nossa visão pessoal e comunitária da vida espiritual e do mundo. A fidelidade criativa exige que essas imagens e experiências sejam verificadas periodicamente, em nível pessoal e comunitário, relendo-as a partir de uma perspectiva cultural.

28. Os valores carismáticos apresentados na *RF* podem ser integrados, com modalidades e intensidades diversas, a partir do critério do relacional. Em seguida, indicamos valores que devem estar presentes em cada cultura.

A) Centralidade da vida fraterna:

- número dos membros da fraternidade, da equipe formativa e dos formandos;
- igualdade entre todos os irmãos, independentemente de sua opção leiga ou clerical;
- modos fraternos de relação e gestão do serviço de autoridade.

B) Vida contemplativa e de oração:

- tempos de oração pessoal, comunitária e litúrgica;
- formação ao silêncio, à meditação e à escuta de Deus e do mundo;
- centralidade da espiritualidade bíblica: presença da Palavra de Deus na oração.

C) Vida em minoridade:

- aceitar com humildade os limites pessoais dos irmãos nas relações fraternas;
- critérios de essencialidade: ter o mínimo necessário e não o máximo permitido;
- as casas de formação devem estar em ambientes populares que favoreçam o relacionamento com pessoas simples.

D) Missão:

- as experiências pastorais, acompanhadas e desempenhadas com outros irmãos, devem ser expressão de toda a fraternidade, evitando-se o individualismo;
- a missão nasce de um relacionamento íntimo e afetivo com o Mestre vivido em fraternidade, que evite o protagonismo ou o narcisismo pastoral;
- as atividades pastorais devem estar de acordo com a nossa vocação de menores, nos formando para estarmos dispostos a ir aonde ninguém quer ir.

29. O acompanhamento:

- definir as áreas de acompanhamento e distinguir entre acompanhamento, direção espiritual, confissão e terapia psicológica. Ao âmbito formativo, corresponde fundamentalmente o acompanhamento pessoal e carismático;

- é a fraternidade que acompanha “carismaticamente”, sem esquecer que a qualidade do acompanhamento depende da formação específica dos formadores;
- o mundo relacional adquire especial complexidade nos âmbitos culturais. Valores como respeito e tradição não devem impedir a confiança e a sinceridade necessárias para que o acompanhamento seja eficaz.

30. *Discernimento:*

- além dos critérios de discernimento da Igreja e da Ordem, devem ser incorporados os critérios específicos de cada contexto cultural, especialmente aqueles que se referem ao discernimento vocacional e motivações;
- o amor e o conhecimento da própria cultura e daquela capuchinha são imprescindíveis para aplicar os critérios do discernimento;
- o discernimento carismático aplica-se não apenas ao conteúdo, mas também à metodologia e às estruturas formativas;

31. *A formação de formadores:*

- os formadores devem ter condições para trabalhar em equipe, especialmente nas áreas de acompanhamento e discernimento;
- devem possuir uma sólida formação nas áreas da teologia, da vida religiosa e do franciscanismo;
- devem ter experiência na área da formação humana: técnicas e estratégias de discernimento e acompanhamento humano-espiritual.

32. *Colaboração (entre circunscrições e conferências):*

- respeitar a tensão entre a identidade e o sentido de pertença das Circunscrições e as novas estruturas de colaboração da Ordem;
- garantir que o processo de colaboração seja fruto da reflexão e participação de todas as partes interessadas;
- acompanhar e avaliar os processos de colaboração com irmãos e organismos não pertencentes às Circunscrições colaborantes.

II.4. Os tempos

33. Deve ser redigido um protocolo que preveja os espaços para a formação, a animação, o acompanhamento e a avaliação necessários para uma implementação eficaz da *RF*. O Secretariado Geral de Formação, os membros do Conselho Internacional de Formação e os delegados de formação das Circunscrições são os primeiros responsáveis pela ativação do mencionado protocolo nos próximos dois anos.



ANEXO II

ONDE HÁ CARIDADE E SABEDORIA, AÍ NÃO HÁ TEMOR NEM IGNORÂNCIA

Adm 27,1

Por isso os frades, nos estudos que fazem, cultivem a mente e o coração de modo a progredir na vocação, segundo o pensamento de São Francisco; pois a formação para qualquer tipo de trabalho é parte integrante de nossa vida religiosa.

Const 38,5

I. RATIO STUDIORUM

I.1. Considerações preliminares

1. A vida é um processo de formação que jamais tem fim. O desejo de aprender e a vontade de transformar o que se aprendeu em serviço são o coração do nosso modo carismático de estudar. O franciscanismo é uma modalidade de compreender a vida, com um passado sólido, carregado de intuições válidas para o presente e para o futuro, portador de conteúdos e metodologias próprias.
2. Os modos de aprender estão em constante transformação. O acesso generalizado às novas tecnologias nos oferece parâmetros de compreensão, possibilidades de relações e estilos de transmissão dos nossos valores, radicados na tradição do pensamento franciscano. Reforçando a formação intelectual da Ordem, respondemos de modo mais adequado aos desafios do futuro.
3. A nossa *Ratio Studiorum* tem um caráter sapiencial. O objetivo último do estudo é a vida, concreta: orientar a vida à busca do bem. A pessoa é, ao mesmo tempo, aquela que aprende e que ensina. A reflexão e o estudo são fundamentais para quem quiser aprender a viver a partir do bem e orientado a este.

I.2. Mudanças de paradigma no âmbito do estudo

4. O sistema tradicional de ensino baseou-se por muito tempo na compreensão e na repetição das ideias do docente; o melhor estudante era aquele que repetia com maior precisão o que tinha lido ou escutado. Esta metodologia de ensino está dando lugar a outros métodos que potencializam a participação, a criatividade, a capacidade crítica e a colaboração entre estudantes.

5. A seguir, assinalamos algumas das características positivas que foram propostas pelo *Processo de Bolonha*¹ e que todos os centros de estudo da nossa Ordem deverão assumir progressivamente:

- introduzir metodologias de ensino mais ativas em função dos conteúdos, das competências e das habilidades que o estudante deve adquirir para a realização do seu *itinerário* acadêmico-formativo;
- renovar os programas acadêmicos, as estruturas e os sistemas de avaliação;
- favorecer o acompanhamento com percursos personalizados e o trabalho em equipe;
- estabelecer canais de comunicação do conhecimento, promovendo o compartilhamento dos espaços de reflexão e dos resultados das pesquisas;
- promover a mobilidade dos estudantes e docentes.
- promover o trabalho em equipe dos docentes entre os diversos departamentos;
- ativar controles de qualidade com diversos sistemas de avaliação e através da elaboração de uma memória acadêmica que reflita a atividade docente e as publicações;
- regular a homologação e o reconhecimento dos títulos e dos créditos (*ECTS European Credit Transfer System* – Sistema Europeu de Transferência e Acumulação de Créditos).

6. A Igreja, na Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* (VG), sobre as Universidades e as Faculdades eclesiais, propõe:

- uma visão unitária do mundo que supere a fragmentação do saber;
- uma visão antropológica relacional integral, na qual as pessoas ocupam o centro, de modo a oferecer alternativas ao individualismo competitivo;
- uma compreensão interdisciplinar e solidária do conhecimento, que faça frente ao avanço do utilitarismo e do pragmatismo.

7. As universidades não são depósitos de um saber útil que deva ser transmitido pelos professores aos estudantes, mas *laboratórios culturais* destinados a transformar a realidade, mediante a criação e a experimentação de novas ideias e projetos. Esta mudança de paradigma deve ser guiada por quatro critérios fundamentais:

VG 1-6

- **a contemplação**, que nos introduz, do ponto de vista espiritual, intelectual e existencial, ao coração do kerygma e nos permite viver o risco e a fidelidade também em situações existenciais e pastorais difíceis;
- **o diálogo**, que exige comunhão e comunicação para criar uma autêntica cultura do encontro;
- **a interdisciplinaridade**, como princípio intelectual que reflita a unidade do saber na diversidade e no respeito das suas múltiplas expressões;
- **o trabalho em rede** entre as diversas instituições eclesiais em nível internacional.

¹ A Declaração de Bolonha é um acordo educacional assinado em 1999 pela maioria dos governos europeus, e ao qual a Santa Sé aderiu em 2003. A Congregação para a Educação Católica, através da AVEPRO (Agência da Santa Sé para a Avaliação e a Promoção da Qualidade das Universidades e Faculdades Eclesiais: www.avepro.gluco.it), assume como tarefa desenvolver uma cultura de qualidade dentro das instituições acadêmicas diretamente dependentes da Santa Sé. A qualidade dos programas de estudo deve ser considerada um valor intrínseco e necessário no âmbito universitário).

I.3. Jesus, o Mestre

8. A verdade não é uma ideia abstrata, mas uma pessoa concreta: Jesus, o verbo de Deus, Aquele que faz da sua vida um ensinamento. Jesus observa a realidade ao seu redor e, sucessivamente, a partir do silêncio e da solidão, contempla com o coração o que viu com os olhos. Da contemplação nascem a vontade e a decisão de transformar a realidade, anunciando os valores do Reino: o amor, o bem, a verdade, a justiça, a liberdade, a reconciliação.

Mt 5,3-12

9. Jesus escolhe os seus discípulos, e forma com eles uma comunidade na qual se ensina e se aprende compartilhando experiências em fraternidade, de modo pessoal e profundo. O seu estilo é itinerante e aberto a mulheres e homens. Mediante um método dialógico e existencial, ajuda as pessoas que encontra pela estrada a integrar as capacidades e limites, oferecendo sempre horizontes de crescimento.

Lc 6,12-16

10. O ensinamento de Jesus se dá por círculos concêntricos: os Doze, os Setenta e dois, as multidões etc. Graças à vitalidade criativa do Espírito, as comunidades cristãs rezam, refletem, anunciam a boa nova, cuidam dos pobres e dos enfermos e mantêm viva a presença de Jesus na história e na sociedade.

Mt 10,1-20

Lc 10,1-12

Lc 5,3

I.4. O estudo na tradição franciscana

11. São Francisco, na breve carta a Santo Antônio, oferece um precioso quadro para situar o estudo em nossa perspectiva carismática: o espírito de oração e a devoção. Os frutos do estudo, como os da oração, devem se colocar à disposição dos irmãos e a serviço da construção de uma sociedade mais fraterna e mais justa.

CtAn

12. *Paris destruiu Assis*: Com esta sentença, Jacopone de Todi sublinhava como, em não poucas ocasiões, o estudo tenha sido percebido como inimigo da humildade². Ao mesmo tempo, encontram-se testemunhos que narram a vida pobre e simples dos primeiros frades que chegaram a Paris. Seu estilo de vida suscitou o interesse de diversos mestres da universidade, que se agregaram à Ordem, e transferiram suas cátedras às periferias onde estavam localizados os nossos conventos³.

13. No testemunho da *Carta de Grécio*, que precede a narração do texto hagiográfico *Legenda dos Três Companheiros*, e na *Summa Fratris Alexandri*, obra coletiva de pensamento teológico e ponto de referência para o pensamento franciscano, manifesta-se a predisposição carismática ao trabalho intelectual compartilhado. A humildade, virtude evangélica por excelência na nossa espiritualidade, continua a ser o fundamento da vida fraterna e do trabalho intelectual comum. Neste sentido, a presença dos primeiros frades na periferia de Paris, que estavam inseridos entre o povo simples, e que experimentava os problemas da vida diária, imprimirá um caráter peculiar ao modo franciscano de pensar⁴.

LTC 1,1-14

14. Também a reforma capuchinha, em seu início, viveu tensões entre a virtude da humildade e a tarefa do estudo. Contudo, já no capítulo IX das *Constituições de Santa Eufêmia* (1536),

² JACOPONE DA TODI, *Le poesie spirituali del B. Jacopone da Todi, con le scolie e annotatione di Fra Francesco Tèssati da Lignano* 1.1 Sat 10 (Venettis 1617), 431.

³ TOMÁS DE ECCLESTON, *De Adventu Fratrum Minorum in Angliam*, n. 31.

⁴ Cf. M. BARTOLI, *Una università franciscana? Riflessioni sull'incontro tra minorità evangelica e sapienza accademica*, en A. SCHMUCKI – L. BIANCHI (Ed.), *La ricerca della verità in un'apertura alla comunione. Spiritualità franciscana e vita universitaria*, EDB, Roma 2108, 43-57.

apresentam-se as linhas essenciais de uma nova visão do estudo, com uma forte marca cristo-cêntrica e sapiencial e orientada à pregação, em que a contemplação da vida de Cristo, espelho de humildade e de pobreza, é linfa vital⁵.

15. Após a forte tendência eremítica dos primeiros anos, as exigências da pregação levaram os primeiros capuchinhos a instituir programas de estudo. O objetivo será pregar a toda criatura o amor de Deus que se funda nas Escrituras e, sobretudo, na lei do amor contida no Evangelho. Os frades capuchinhos tinham bem claro como o estudo da Escritura transforma as nossas imagens de Deus e nos ajuda a abandonar a espiritualidade do medo⁶.

I.5. O estudo na nossa perspectiva carismática

16. Intuição, relação, experiência e afetividade são as pilstras que sustentam a vitalidade do pensamento franciscano. Diante de uma cultura do *pensamento único* (fortemente ideologizado) e do *pensamento fraco* (alimentado pelo relativismo), a nossa alternativa consiste no *pensamento humilde*, que se oferece, não se impõe e se enraíza nos princípios do bem e da gratuidade⁷. A nossa proposta carismática é uma cultura da colaboração, do acordo, do encontro, do serviço aos mais pobres e marginalizados.

Pensar juntos: construir a fraternidade evangélica

17. O estudo não é um exercício de indivíduos isolados que competem para serem os melhores. Como irmãos, estudamos juntos no contexto da fraternidade. Os espaços de reflexão comunitária não anulam a riqueza da própria individualidade, mas nos protegem da autossuficiência e do individualismo. Somos chamados a conjugar o estudo com a vida, para aprender a pensar, decidir e avaliar juntos. É preciso partir das primeiras etapas da formação, para poder trabalhar de modo eficaz nos vários níveis de responsabilidade: conselhos provinciais, grupos de formação, grupos de animação pastoral, conselhos acadêmicos etc. A participação nas decisões é o caminho que mais favorece a realização dos projetos da fraternidade⁸.

Afinar a escuta: escutar a Palavra de Deus

18. A contemplação nutre o estudo e o estudo alimenta a contemplação. A escola franciscana fala do estudo contemplativo ou, em outras palavras, da capacidade de se aproximar da realidade a partir do mundo dos afetos. As dimensões intelectuais e espirituais se completam. Escutar em fraternidade a Palavra de Deus nos torna mais sensíveis e nos permite compreender com o coração as preocupações, as angústias, os sonhos das pessoas. O estudo nos ajuda a dar resposta aos problemas concretos, a partir da hermenêutica franciscana, que descobre a presença do Deus Trinitário na beleza do Mistério Pascal e da criação e na trama das relações humanas.

⁵ Cap. IX, 121-125: Livros e biblioteca (121); Estudo das letras e das Escrituras (122); Exortação aos estudantes para que estudem em pobreza e humildade (124); Primeiro a oração, depois a lição (125). O art. 1 das mencionadas Constituições ordena que se leiam três vezes por ano os quatro evangelhos, isto é, um a cada mês.

⁶ Cf. F. ACCROCCA, *L'ombra di Ochino. I Cappuccini, la predicazione e lo studio agli inizi della nuova riforma* in F. ACCROCCA, *Francesco e i suoi frati. Dalle origini ai Cappuccini*, Roma 2017, 399-424.

⁷ Cf. O. TODISCO, *Il dono di essere. Sentieri inesplorati del medioevo francescano*, Messaggero, Padova, 2006.

⁸ Cf. M. BARTOLI- J.B. FREYER- N. RICCARDI- A SCHMUCKI, *"Tu sei il summo bene". Francesco d'Assisi e il bene comune*, Edizione Biblioteca Franciscana, Milano 2017.

Abrir os olhos: a compaixão pela dor do mundo

19. Os pobres são os nossos mestres. Também o estudo nos ajuda a mudar o nosso olhar. A minoridade não é apenas uma qualidade de vida, mas sobretudo um ponto de observação (um modo de observar a realidade): tentar olhar o mundo a partir das periferias, com os olhos dos pobres. Responder à dimensão social da evangelização é parte integral da missão da Igreja, que faz escolhas em favor dos últimos e por aqueles que a sociedade marginaliza. O estudo nos torna responsáveis e nos ajuda adquirir as competências necessárias para construir a paz, mediar conflitos e combater a pobreza e a desigualdade.

VG 37

20. A especificidade carismática do estudo dentro da perspectiva franciscana, tanto nos seus conteúdos como nas metodologias, deve responder sempre ao nosso desejo de contemplar, juntos, como irmãos menores, o mistério da realidade a partir das periferias com os olhos dos pobres.

II. PROGRAMA DE ESTUDOS: NÚCLEOS TEMÁTICOS PARA CADA ETAPA

21. Os núcleos indicados a seguir devem ser incorporados de modo gradual, orgânico e sistemático aos projetos formativos de cada Circunscrição.

22. A fim de fortalecer nossa identidade carismática, todos os irmãos, independentemente de sua opção laical ou clerical, devem aprender os conteúdos fundamentais das matérias bíblica, teológica e franciscana, distribuídas progressivamente nas diversas etapas de formação.

23. A metodologia franciscana é ativa, criativa e participativa, e promove o valor do esforço, da disciplina, da perseverança e da responsabilidade. Recomenda-se a leitura crítica e compartilhada de textos para estimular a reflexão comunitária. Ao mesmo tempo, a programação anual deve contemplar sessões de avaliação.

II.1. Formação permanente

24. Cada irmão, através de um *aprofundamento contínuo* dos núcleos propostos, deve chegar a uma síntese pessoal aberta ao confronto fraterno.

II.1.1. formação cristã:

- o seguimento de Jesus a partir dos diferentes métodos de leitura bíblica. Integração do Jesus histórico e do Cristo da fé na vida cotidiana;
- teologia moral e pastoral, a partir da perspectiva dos sinais dos tempos;
- reflexão pessoal e comunitária sobre os desafios da evangelização, da inculturação e a atuação da Doutrina Social da Igreja;
- como formar e acompanhar os responsáveis pela catequese e pelos movimentos apostólicos e todos os que colaboram com a nossa pastoral;
- uso das mídias nos novos contextos de evangelização;
- corresponsabilidade no bem comum e administração dos bens econômicos e culturais.

II.1.2. Formação franciscana:

- leitura e interpretação crítica das vidas de São Francisco e Santa Clara;
- síntese pessoal de Deus, de Cristo, da criação, do homem, da Igreja e da sociedade à luz do pensamento franciscano;
- leitura da Bíblia, dos princípios do direito, da arte, da literatura e da economia a partir da perspectiva franciscana;
- envolvimento e integração dos leigos em nossa vida e missão;
- o espírito de Assis e os desafios atuais: a crise ecológica, a construção dos processos de paz, o direito à vida, as desigualdades sociais e a exclusão.

II.2. Postulado

25. O postulante, através de um *conhecimento inicial* do carisma, é *introduzido* à nossa forma de vida franciscana.

II.2.1. Formação cristã:

- a pessoa de Jesus e sua mensagem;
- aprofundamento do símbolo da fé e dos sacramentos;
- apresentação sintética da espiritualidade cristã;
- fundamentos da moralidade cristã;
- noções gerais de liturgia (sem descuidar do rito em si);
- introdução à leitura de fé da Sagrada Escritura;
- introdução ao significado da oração.

II.2.2. Formação franciscana:

- a vocação religiosa na Igreja;
- introdução às vidas de São Francisco e Santa Clara;
- síntese dos principais elementos da espiritualidade e do carisma franciscanos;
- apresentação da Família Franciscana e da capuchinha.

II.3. Noviciado

26. O noviço deve *conhecer* a vida cristã e franciscana à luz do que as Constituições prescrevem.

II.3.1. Formação cristã :

- a figura de Jesus nos Evangelhos;
- os vários carismas e ministérios na Igreja;
- aspectos antropológicos, bíblicos e teológicos da vocação;
- psicopedagogia da vocação: motivações e atitudes;
- Maria, mãe dos fiéis e modelo de todo discípulo.

II.3.2. Formação para a vida religiosa:

- fundamentos bíblicos da vida religiosa;
- breve história das formas da vida religiosa;
- elementos essenciais da vida religiosa em perspectiva teológica;
- teologia dos conselhos evangélicos;
- introdução à vida espiritual.

II.3.3. Formação franciscana:

- vidas de São Francisco e de Santa Clara;
- escritos de São Francisco e de Santa Clara;
- fontes hagiográficas franciscanas;
- carisma e espiritualidade franciscanas;
- Constituições, Ordenações e Conselhos Plenários da Ordem;
- história da Ordem e da Circunscrição;
- figuras de santidade da Ordem.

II.3.4. Aprofundar o estudo das Constituições:

- as Constituições de Santa Eufêmia e sua evolução histórica;
- a renovação das Constituições após o Concílio Vaticano II;
- análise interdisciplinar das Constituições;
- inculturação das Constituições.

II.3.5. Introdução à oração e vida litúrgica:

- fundamentos bíblicos e teológicos da oração;
- oração e contemplação na espiritualidade franciscana e clariana;
- oração pessoal e oração comunitária;
- métodos e técnicas de oração e meditação (oração com a Palavra);
- o ano litúrgico, a liturgia eucarística e a Liturgia das Horas;
- a práxis litúrgica.

II.4. O pós-noviciado

27. O professo temporário, em vista da profissão perpétua, deve *aprofundar e consolidar* o conhecimento do carisma.

II.4.1. Formação para a vida religiosa:

- a vocação pessoal: origem e itinerário da própria vocação;
- experiência e assimilação pessoal do projeto de vida franciscano;

- seguimento e configuração radical com Cristo;
- votos religiosos, fraternidade e missão;
- a Ordem hoje: prioridades e desafios carismáticos.

II.4.2. Formação franciscana:

- a *Questão Franciscana*;
- a história do franciscanismo;
- o pensamento filosófico-teológico dos mestres franciscanos (Santo Antônio, São Boaventura, João Duns Scotus, Roger Bacon, Guilherme de Ockham, Pedro J. Olivi, São Lourenço de Bríndisi);
- franciscanismo e o nosso tempo: justiça, paz e salvaguarda da criação; dimensão missionária e inculturação do carisma.

II.5. Outros elementos que devem estar presentes nas diferentes etapas:

- preparação técnica: artesanato, ofícios práticos e serviços domésticos;
- estudos de economia e administração: orçamentos e balanços;
- capacidades de análise da situação real do mundo;
- formação artística e literária, preparação musical e artes plásticas;
- estudo de línguas modernas;
- técnicas audiovisuais, informática e ciências da comunicação;
- conhecimento da própria cultura.

II.6. As estruturas culturais da Ordem

28. As estruturas culturais têm como finalidade última conservar o nosso patrimônio espiritual e cultural, e atualizar os organismos de transmissão dos nossos valores carismáticos. Periodicamente, deve-se avaliar, através de um processo dinâmico e constante de integração, o impacto que têm tais estruturas nos diversos âmbitos da Ordem, especialmente no formativo. O Instituto Histórico, a Biblioteca Central, o Arquivo Geral, o Museu, as revistas *Collectanea Franciscana* e *Laurentianum*, o Instituto Franciscano de Espiritualidade e o Colégio São Lourenço, devem responder aos objetivos comuns, fruto de uma programação pensada de maneira conjunta.

II.6.1. Os centros acadêmicos da Ordem

29. Os centros acadêmicos são lugares formativos privilegiados, nos quais são objeto de reflexão e de transmissão os nossos valores carismáticos, seja em nível de conteúdos, seja de metodologias. Deve-se promover a colaboração entre os diversos centros, especialmente aqueles que se encontram na mesma conferência, tanto em nível de professores, quanto de programas acadêmicos. Além do mais, é desejável a abertura à colaboração com outros centros acadêmicos pertencentes à família franciscana.

II.6.2. O Colégio Internacional São Lourenço de Brindisi

30. O Colégio Internacional tem como finalidade fomentar o espírito de fraternidade em toda a Ordem, aperfeiçoar a formação e promover a cultura franciscana. É, sem dúvida, o espaço intercultural mais rico da nossa Ordem. É necessário prestar maior atenção à formação humana (evitar o individualismo), criar espaços e estruturas que reforcem a interculturalidade (evitar a tendência à multiculturalidade) e, finalmente, recuperar a função primária do Colégio: desenvolver de maneira equilibrada uma formação franciscana de base, integrada com a programação acadêmica para melhorar o conjunto da formação carismática.

Const 43,7

II.6.3. A casa de Jerusalém

31. É uma fraternidade que anima uma estrutura concreta, que permite realizar a prioridade carismática dos nossos projetos formativos: o santo Evangelho como forma de vida. Trata-se de um espaço privilegiado para a formação permanente, a formação dos formadores, e a formação especializada dos frades dedicados ao estudo da Bíblia. Jerusalém é, além disso, lugar de diálogo inter-religioso, de contato com os contextos culturais nos quais nasceu a Bíblia e de conhecimento profundo da espiritualidade bíblica.

II.6.4. O Instituto Histórico

32. A identidade é uma realidade viva e dinâmica. Somente aqueles que cuidam e protegem sua memória coletiva estão aptos a abrir novos caminhos para o futuro. A memória histórica da evolução da Ordem vai além das fronteiras do continente Europeu. É necessário formar irmãos e criar estruturas capazes de guardar a nossa rica memória em todos os lugares nos quais estamos presentes. Deve-se organizar um ambicioso plano de investigação, flexível, que viabilize a colaboração do maior número possível de estudiosos capuchinhos.

II.6.5. A Biblioteca Central

33. Graças às histórias, aos personagens e às ideias que se conservam em nossas bibliotecas, podemos continuar a construir o nosso futuro. O uso e o hábito de frequentá-la são um dos melhores indicadores para medir a qualidade de reflexão em nossa Ordem. A Biblioteca Central reúne a bibliografia franciscano-capuchinha: tudo o que os frades capuchinhos têm publicado; ao mesmo tempo, exerce uma função de formação e acompanhamento às demais bibliotecas mais importantes da Ordem, consolidando o processo de comunicação entre elas.

34. Todas as nossas fraternidades, especialmente as casas de formação, devem ter uma pequena biblioteca de uso comunitário, com as publicações mais significativas nas áreas do franciscanismo, da teologia e das ciências bíblicas. A criação de uma própria biblioteca digital não é incompatível com o cuidado pela biblioteca da fraternidade.

OCG 2/20

II.6.6. Os arquivos

35. Em todas as fraternidades e em todas as circunscrições, deve-se ter um arquivo e um frade responsável pelo mesmo. As crônicas e todo material que reflete, de maneira significativa, a vida

carismática e as atividades apostólicas dos frades, devem ser reunidos e guardados para documentar a história da nossa presença e das nossas atividades.

Const 142,1

II.6.7. Il museo

36. É um lugar para promover a reflexão sobre a beleza da nossa forma de vida como frades menores capuchinhos. A arte de pôr em diálogo a evolução do que fomos e do que somos atualmente é uma autêntica fonte de aprendizagem, na qual continuamos a construir a nossa identidade. O Museu Central da Ordem deve exercer também uma função de formação e de acompanhamento aos diversos museus das circunscrições. Na família capuchinha, jamais faltaram os músicos, arquitetos, poetas, pintores, escultores... Não resta senão conhecer a obra dos artistas capuchinhos e continuar a promover a sensibilidade artística entre os frades.

Const 43,8

II.6.8. Canais de comunicação: as revistas da Ordem

37. Cada Conferência deve ter ao menos uma revista, na qual se promovam as publicações dos frades que se dedicam à pesquisa e ao ensino. Estas publicações são instrumentos valiosos a serviço da formação permanente e inicial, e nos ajudam, graças à escuta e à reflexão, a estabelecer um diálogo fecundo entre a nossa cultura franciscana e aquela atual.

38. A cultura digital nos oferece a oportunidade de criar as nossas plataformas digitais para continuar a comunicar com criatividade a novidade do Evangelho. Um uso adequado destas plataformas nos ajudará a dar voz às diversas iniciativas formativas e pastorais dos nossos frades, a trocar propostas e a reforçar o conhecimento e a comunhão entre todas as circunscrições da Ordem.

Const 156,7



AMEMOS COM TODO O CORAÇÃO

RNB 23,69

Como a castidade brota do amor por Cristo, prendamos indissoluvelmente o nosso coração Àquele que por primeiro nos escolheu e amou até o dom supremo de si mesmo, preocupando-nos em pertencer-lhe totalmente.

Const 170,1

I. MATURIDADE AFETIVA E PSICOSEXUAL

I.1. Considerações preliminares

1. A configuração das relações humanas e a compreensão das diversas identidades estão sofrendo profundas transformações. No ambiente cultural contemporâneo, caracterizado por um forte acento hedonista, que tende a reduzir a sexualidade a um dado puramente biológico, devemos reafirmar que é no mundo relacional e afetivo que se constrói e se alcança a maturidade. Os nossos projetos formativos, partindo de uma compreensão positiva da sexualidade, devem superar alguns desvios, como o espiritualismo que, desencarnando os sentimentos, empobrece e falsifica a nossa humanidade, ou o psicologismo, que reduz todo o mistério do amor a meras teorias psicológicas, que ofuscam a beleza das variadas modalidades evangélicas de viver a afetividade.

AL 151

2. Alguns princípios socioculturais que regulam a pertença ou a exclusão de um grupo, são determinantes na construção da estrutura afetiva sexual. Cada cultura oferece diversas formas para compreender e exprimir a nossa humanidade. A identidade sexual contribui para dar resposta e sentido a experiências e necessidades que nos ajudam a descobrir quem somos. Contudo, enquanto há sociedades onde os temas ligados à sexualidade se discutem abertamente, em outras, continuam a ser tabus, alimentados, em não poucos casos, por visões religiosas restritivas.

3. Definir o perfil psicoafetivo do frade menor capuchinho tem como objetivo oferecer instrumentos para viver positiva e autenticamente a consagração religiosa. Somos chamados a uma formação que nos ajude a conformar os nossos sentimentos aos de Cristo. Isto requer confiar no poder transformador do amor: com a força do Espírito Santo, sermos capazes de canalizar

FI 2,5; VC 65

a energia sexual, através de meios e instrumentos idôneos, de saber reconhecer e modelar as nossas emoções e os nossos impulsos, de acolher e elaborar os limites e as feridas do nosso estilo de vida. No seguimento de Jesus, especialmente na sua humanidade, encontramos a chave para interpretar o mistério da nossa humanidade.

Post2004 5,2

I.2. Deus é um mistério de Amor

4. *Quem não ama, não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor.* As pessoas divinas exprimem a íntima identidade de Deus, amando-se de modo livre e gratuito e transformando o amor recebido em dom, sem se apropriar dele. Este carácter expansivo se concretiza na Encarnação, onde, por meio do Filho, o mundo se preenche de Deus: o Criador, em seu fazer-se criatura, transforma a história em amor. A Trindade e a Encarnação são modelo e via que nos permitem converter o nosso amor possessivo em amor oblato.

1Jo 4,8

DC 7

5. Em Jesus, Deus assume a natureza humana, inclusive a nossa realidade afetiva-sexual. A sua afetividade se enraíza em uma profunda intimidade com Deus Pai. Ao viver entre nós, Jesus nos amou com um coração humano. Os evangelhos mostram os sentimentos e as emoções de Jesus: a sua admiração diante de toda a criação, a sua compaixão para com os mais fracos, a sua preferência pelos pequenos, o seu respeito em relação às mulheres, a sua paixão pela amizade, e não tem medo de compartilhar a sua intimidade com os seus discípulos. O seu entregar-se ao projeto do Reino leva Jesus a optar por uma vida em castidade, de maneira a orientar toda a sua energia para descobrir e cumprir a vontade de Deus. Na cruz, encontram-se e se abraçam os eixos do coração de Jesus: o vertical, que exprime o seu amor absoluto por Deus, e o horizontal, que transforma este amor incondicionado em empenho por cada homem concreto.

GS 22

Mc 1,40-45

Mt 19,14

Jo 4,4-43

Lc 10,38-42

6. Na Eucaristia, sacramento de amor e centro da nossa vida, na memória dos gestos e das palavras de Jesus, nós nos encontramos com Ele e com aqueles pelos quais ele se entrega. Nisso consiste a dimensão mística e profética da Ceia do Senhor: em oferecer a nossa vida de modo total e gratuito.

DC 14

7. O Espírito Santo, manifestação criativa do amor de Deus, mantém aceso em nós, mediante os seus dons, o desejo de Deus e nos torna livres, autênticos, responsáveis e simples. O Espírito alimenta e reforça tanto o desejo de amar como o de sermos amados, e nos orienta à busca do bem.

Postn2004 5,3

I.3. Capazes de um amor sempre maior

8. A rica e complexa realidade da nossa natureza sexuada se manifesta no desejo de intimidade e de relação, na necessidade de solidão e de encontro, no anseio de sermos conhecidos completamente e amados de modo incondicional, na integração dos afetos e no viver a corporeidade.

9. O dom da sexualidade favorece a nossa capacidade de amar, de nos relacionarmos, de criar espaços de empatia, de ternura e altruísmo, experiências sem as quais não podemos chegar à maturidade espiritual e a uma harmonia na vida afetiva. A integração das múltiplas facetas da sexualidade no complexo entrelace da vida, permite viver a nossa vocação percorrendo um caminho gradual: a conversão de um amor egoísta e possessivo a um outro tipo de amor, o altruísta e de abnegação, capaz de se doar ao próximo.

IV CPO 52

10. Uma maior atenção à dimensão psicossomática ajuda o crescimento da autoestima. O corpo utiliza uma linguagem própria, que é preciso conhecer e escutar: prazer, solidão, companhia,

medo, raiva e alegria, são parte da nossa vida espiritual. Daí vem a consequência de cuidar da nossa capacidade sensorial. O tato é um elemento essencial na construção das relações humanas, e é graças a ele que podemos nos exprimir¹. Jesus mesmo, através do tato, aproximou-se de diversas pessoas e as curou. Francisco, graças ao contato físico com os leprosos, sanou suas próprias feridas.

Mt 7,31-37

Test 1-3; LTC 11

11. A nossa memória guarda as recordações afetivas do passado: momentos nos quais recebemos afeto sadio, mas também experiências negativas que podem provocar feridas, além de tornar difícil a integração harmônica das relações em um desenvolvimento afetivo normal. É necessário distinguir entre problemas temporários, frequentemente ligados ao crescimento, que podem ser superados com novas experiências ou relações, e problemáticas mais profundas, que requerem atenção e vigilância por toda a vida, para serem aceitas e integradas. A maior parte das pessoas tende a repetir os próprios modelos de comportamento, e a mesma coisa acontece, com mais intensidade, nas pessoas com problemas afetivos e emocionais graves. Nestes casos, tendem a se repetir as emoções negativas, os comportamentos que prejudicam a si mesmo e os outros, provocando frustração, tristeza, medo, ânsia, vergonha, sentimento de culpa e desorientação; ao contrário, quando a energia se canaliza positivamente, abrem-se espaços de vida fecunda e de relações autênticas².

12. O percurso de busca de um amor cada vez maior não é privado de renúncias. Na vida afetiva dos consagrados, é preciso assumir e integrar uma determinada ferida sempre em uma ótica positiva. É necessário, ao menos, pôr-se dentro deste processo integral e espiritual. Depois, cada um poderá chegar a um nível alto ou permanecer no meio do caminho³. O amor, além da criatividade, precisa de disciplina e de purificação; se estas faltam, uma vida espiritual fecunda se torna impossível. Existem espaços afetivos que só Deus pode preencher. O coração humano jamais se sacia completamente⁴.

I.4. Como Francisco, amantes do Criador e de todas as criaturas

13. O amor transformou Francisco na imagem do Amado. Tratou-se de um percurso de transformação que durou toda a vida. A relação pessoal com Jesus o ajudou a conhecer as suas tendências narcisistas e a integrar os próprios limites. A contemplação, o encontro com os leprosos, a penitência e a mortificação gradual do seu corpo e da sua mente, formaram parte do processo de purificação das suas motivações. Francisco foi capaz de integrar de modo harmonioso e criativo todas as dimensões da personalidade⁵.

LM 13,3

14. O amor universal pela humanidade e pelo mundo, sem excluir nada e ninguém, é o sentimento mais excelso que possa elevar o ser humano. Francisco era apaixonado por Deus e também pelas criaturas. O reconhecimento e a abertura à alteridade lhe permitiram estabelecer relações afetivas e fraternas com toda a criação. A água é irmã humilde, útil e pura, e, além

¹ Cf. D. J. LINDEN, *Touch. The Science of the Sense that makes us Humans*, Penguin Books, London 2015.

² Cf. D. GOLEMAN - R.J. DAVIDSON, *A ciência da meditação - Como transformar o cérebro, a mente e o corpo*, Objetiva editora, São Paulo 2017.

³ Cf. A. MANENTI, *Comprendere e accompagnare la persona umana. Manuale teorico e pratico per il formatore psico-spirituale*, Edizioni Dehoniane, Bologna 2013.

⁴ P. GAMBINI-M. O. LLANOS-G. M. ROGGIA (Eds.), *Formazione affettivo-sessuale. Itinerario per seminaristi e giovani consacrati e consacrate*, EDB, Roma 2017.

⁵ Cf. S. FREUD, *O mal-estar na cultura*, L P Pocket Editora, Rio de Janeiro 2010, 237-238.

disso, é um símbolo franciscano da castidade, pois, na sua gratuidade, doa-se e abraça sem se apropriar e sem limitar a liberdade.

CSol 7

15. A fraternidade é o lugar próprio do nosso crescimento humano e afetivo; por isso, livremente nós nos confiamos a ela de todo o coração. Amadurecer é um caminho fraterno, a partir do momento em que, só crescendo juntos, chegamos a uma verdadeira integração harmoniosa de todas as dimensões que configuram a nossa vida. Uma fraternidade autêntica nos ajuda a viver relações de qualidade, a criar espaços compartilhados de intimidade e a administrar, de modo construtivo, os nossos sentimentos e os nossos afetos.

Const 21,4

IV CPO 55;
Const 172,6

16. A amizade é um dom que possibilita o crescimento humano e espiritual. Francisco, amigo e irmão de todos, caracteriza-se pela sua riqueza, tanto de sentimentos quanto de desejos, e pela sua capacidade de expressá-los. As relações autênticas geram espaços de liberdade e evitam situações de dependência e de manipulação. Compartilhar as próprias amizades com os irmãos da fraternidade e a relação com a própria família favorece a criação de um ambiente sadio em nossas comunidades; sem esquecer, contudo, que a fraternidade é a nossa família.

Const 173,4

Const 173,5

Const 173,6

17. O nosso imaginário coletivo e a organização sócio-político-religiosa da sociedade são marcados por estereótipos masculinos que impedem de reconhecer os dons do gênio feminino; em algumas ocasiões, também a nossa linguagem e o nosso comportamento, reflexo do nosso universo machista e clerical, transmitem imagens femininas não afetivamente sadias. Para a espiritualidade franciscana, a relação de afeto entre São Francisco e Santa Clara é um modelo de verdadeira integração e de complementariedade recíproca. Clara, fiel intérprete das intuições evangélicas junto com Francisco, encarna a visão feminina do nosso carisma. De ambos aprendemos que o nosso comportamento para com todos, inclusive as mulheres, deve distinguir-se pelo respeito e senso de justiça, deve promover a dignidade da mulher e sua missão na sociedade e na Igreja.

VinhoNovo 17
VC 58

Const 173,4

I.5. Algumas dificuldades e desafios concretos

18. A tendência paradoxal ao individualismo e, juntamente, a incapacidade de viver a intimidade pessoal e de administrar criativamente a própria solidão, explicam a maior parte das dificuldades da nossa vida afetiva. Os vazios afetivos tendem a se alimentar de ativismo extremo, com o apropriar-se de coisas não necessárias, de compensações indevidas ou de relações impróprias, do uso desordenado e impróprio da mídia. O resultado é sempre o mesmo: tédio existencial, perda do sentido da consagração e, em diferentes graus patológicos, desequilíbrios emocionais e afetivos.

Partir 18; PI 43

Const 171,3

19. Sem perder de vista a complexa relação interdisciplinar entre o âmbito sociocultural, o psicológico e o biológico, a orientação sexual deve ser sempre compatível com a forma de vida que escolhemos livremente. O processo formativo deve avaliar a maturidade relacional, a sua compreensão e a aceitação da identidade sexual de cada frade. A identidade sexual de uma pessoa é um dos aspectos que mais distinguem a sua individualidade. Como não existe um modo genérico de amar, não existe nem mesmo uma identidade sexual genérica. O acompanhamento formativo deve evitar a tentação de enquadrar os formandos em tipologias sexuais pré-constituídas.

Const 172,3

Post2004 5,2

É preciso distinguir entre aqueles que têm uma estrutura psicoafetiva homossexual reconhecida e ativa (experiência e conhecimento certo da própria identidade homossexual, acompanhada,

em alguns casos, pela pretensão de um reconhecimento por parte das instituições) e aqueles que, não tendo amadurecido em nível afetivo, são indeterminados em sua orientação sexual e ainda estão em busca da própria identidade. Estas pessoas, por medo e incapacidade de reconhecer os próprios sentimentos, frequentemente se negam em manifestar aos formadores a sua confusão na esfera afetiva sexual. Neste caso, devem-se seguir as orientações da Igreja⁶. Convém, contudo, proteger os nossos ambientes de certas ideias e propostas caracterizadas por formas de reconhecimento e maneiras de viver a relação que geram tensão e exclusão nas dinâmicas da vida fraterna. Em um futuro não distante, deveremos tratar com maior atenção a *ideologia de gênero, segundo as orientações da Igreja*⁷.

20. Também o uso dos meios de comunicação social, das novas tecnologias de informação e da comunicação, traz a nossa marca pessoal. Estes meios podem nos ajudar a estabelecer relações enriquecedoras e grandes fluxos comunicativos, ou exatamente o contrário disso. O acesso a conteúdos de informação, quase ilimitados e sem critérios formativos suficientes, tem consequências em nossa capacidade de concentração. Além disso, o abuso midiático, sobretudo da internet, está provocando falta de cuidado pelas relações fraternas, desmotivação e até mesmo alguns casos de depressão. É preciso prestar atenção urgente e especial nos casos de dependência da pornografia e do jogo de azar *on-line*.

21. A Ordem, no 84º Capítulo Geral, reconheceu que o abuso de menores e adultos vulneráveis é um crime contra a justiça e um pecado contra a castidade⁸. Os abusos têm efeitos muito graves e duradouros sobre muitas pessoas e comunidades, especialmente sobre as vítimas. O abuso de poder, tanto físico quanto psicológico, tem consequências não apenas em seu aspecto visível e exterior, mas também na esfera psicológica e emotiva da vida humana. É aqui que se encontram as feridas mais profundas, que são difíceis de se curar e cicatrizar. A participação passiva, o silêncio cúmplice e a aceitação da violência são igualmente graves. Cada Circunscrição da Ordem, levando em conta a legislação civil e a aprovação explícita da Cúria Geral, deve ter o próprio protocolo de prevenção dos abusos. Recomendamos vivamente que, através de encontros específicos de formação, este protocolo seja conhecido, assumido e posto em prática por todos os frades.

22. A Virgem Maria, modelo de consagração dócil aos projetos do Pai, sempre aberta ao amor criativo do Espírito Santo, aquela que caminha conosco, ajude-nos a tornar nossos os sentimentos do seu Filho, para que a nossa vida seja afetivamente fecunda, sinal profético e escatológico para o povo de Deus.

II. A FORMAÇÃO DA AFETIVIDADE

23. A formação é um processo dinâmico que incorpora como realidades transversais a afetividade e a sexualidade a partir de uma sã compreensão do corpo, e que presta atenção no progresso das ciências humanas.

⁶ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao Seminário e às Ordens Sacras*, 2005; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O dom da vocação presbiteral*, 2016 (nn. 199-200); PAPA FRANCISCO, *A Força da Vocação. A Vida Consagrada Hoje. Uma conversa com Fernando Prado CMF*, Paulinas Editora, São Paulo 2018.

⁷ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *“Homem e mulher os criou”*. Para uma via de diálogo sobre a questão do gender na educação, Città del Vaticano 2019.

⁸ *Analecta Ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum* 128 (2012) 744-745.

24. No processo de integração de nossos valores carismáticos, é tão importante a formação humana como a intelectual. Por meio de metodologias práticas e conteúdos concretos, devem ser estabelecidos itinerários para consolidar nosso processo de crescimento integral.

25. Releer o seguimento de Jesus segundo a perspectiva da “via afetiva” é um lugar privilegiado de formação. *O que é afetivo é efetivo!* Conseqüentemente, a formação deve descer em profundidade até tocar e transformar o coração. Para São Francisco, era de vital importância saborear e experimentar a doçura e a bondade do amor que é Deus, e fazê-lo experimentar por todos.

26. A fraternidade é o lugar primeiro e original no qual amadurecemos nosso mundo relacional vivendo com espontaneidade e normalidade nossa afetividade. É responsabilidade de todos criar relações afetivas sadias que permitam novos modos de viver o carisma e experiências de fé.

27. O formador deve ter uma sólida formação espiritual e psicológica que lhe permita conhecer, identificar e interpretar os diferentes problemas afetivos que podem emergir em nosso estilo de vida específico, acompanhando e oferecendo orientações práticas para a sua resolução.

28. *Objetivos gerais:*

- conhecer os mecanismos de funcionamento da afetividade e sexualidade, vistos a partir de diversas perspectivas: biológica, psicológica, sociocultural e espiritual, a fim de identificar e conduzir nossas emoções, sentimentos e atitudes;
- aprender a viver nossa sexualidade e afetividade, convertendo, com a graça de Deus, o impulso sexual em energia de amor, estabelecendo relações responsáveis e enfrentando desafios concretos e reais na vida cotidiana, tanto em nossas fraternidades quanto fora delas;
- tomar consciência de como nossa história pessoal condiciona ou possibilita uma experiência positiva de consagração religiosa. As experiências negativas não curadas explicam a maior parte dos conflitos e dificuldades relacionais.

29. *Pastoral juvenil e vocacional:*

Objetivo específico: identificar as diferentes formas de viver a afetividade e a sexualidade no contexto sociocultural de onde provém:

- aprender a compartilhar e viver experiências emotivas;
- tomar consciência dos recursos da afetividade e sexualidade;
- acolher o próprio corpo e ser capaz de organizar o seu próprio tempo.

30. *Postulado*

Objetivo específico: abrir-se a um conhecimento integral da própria afetividade e sexualidade:

- aprender a entender e administrar as emoções;
- ter um conhecimento e consciência da própria vida sexual;
- aprender a identificar o estresse;
- requerer uma consulta médica, uma avaliação psicológica do candidato e um documento que ateste a ausência de crimes praticados (certidão negativa de antecedentes criminais).

31. *Noviciado*

Objetivo específico: aprender a ler e a interpretar a própria história psicoafetiva à luz da fé:

- aprofundar o conhecimento de si e da história vocacional;

- integrar o desenvolvimento sexual no caminho vocacional;
- aprender a cuidar de si, em um nível humano, psicológico e espiritual.
-

32. *Pós-noviciado*

Objetivo específico: aprender a estabelecer relações livres e responsáveis, a partir da experiência consagração religiosa:

- aprender a escutar e comunicar de maneira profunda;
- verificar a capacidade de viver a opção da castidade;
- aprender a estabelecer limites para si mesmo e para os outros no mundo relacional.

33. *Formação permanente*

Objetivo específico: administrar positivamente as dificuldades normais que surgem da realidade afetiva e sexual:

- compartilhar, em profundidade, as experiências pastorais;
- administrar os conflitos afetivos dentro e fora da fraternidade;
- aprender a refletir sobre as consequências do próprio comportamento.

34. *Instrumentos:*

- leitura da Palavra de Deus como espaço para um encontro afetivo e pessoal com Cristo;
- acompanhamento formativo e espiritual periódico (psicológico, se necessário);
- narração da própria história, incluindo a dimensão sexual, como história pessoal de salvação;
- encontros fraternos formativos sobre o mundo interior e as realidades afetivas, que permitem o esclarecimento de dúvidas e medos;
- o cuidado da própria pessoa: exercício físico, hábitos alimentares saudáveis, tempo livre, passatempos pessoais etc.

GLOSSÁRIO

Acompanhamento

Dinâmica da relação formativa, através da qual quem experimenta o chamado à vida religiosa e quem, dentro da mesma, caminha com ele, fazem juntos um percurso de autenticação, de purificação dos desejos, de encarnação destes na realidade e no crescimento.

A centralidade da fraternidade, o respeito pela pessoa, a capacidade de despertar perguntas profundas, a abertura à alteridade, além do papel indispensável da oração afetiva e a relação com os pobres, são características do acompanhamento franciscano.

Afetividade

Âmbito da pessoa que inclui sentimentos, emoções, posturas internas e capacidades relacionais. Ela é fortemente marcada pelas experiências positivas e negativas que recebemos e nos dispõe ao amor e ao cuidado. No mundo afetivo dos religiosos, é determinante a integração madura da realidade psicosssexual através de um sadio universo de relações, o cuidado da saúde psicológica e corpórea, o cultivo da amizade e o crescimento da capacidade oblativa que consente a intimidade com o outro.

Antropologia

É o autoconhecimento do ser humano, que se revela nos modos de compreender a própria vida, as relações, a visão do mundo e a experiência de Deus. Para a teologia franciscana, o mundo é cheio de sinais e imagens: o homem, *imago e capax Dei*, é o sinal que melhor ilumina a identidade do Criador e, ao mesmo tempo, o intérprete do livro da criação. O ser humano pode ser compreendido somente a partir do seu devir no tempo e na história: é o *homo viator*, o homem como um projeto dinâmico, cujos fins últimos são o bem e a bondade.

Beleza

É a qualidade de Deus que Francisco descobre e proclama, e diante da qual experimenta alegria e admiração. Refere-se ao modo de ser de Deus, que, a partir do seu caráter oblativo, infunde a sua beleza nas criaturas, de modo tal que nelas se entrevê a beleza do Criador. Segundo a teologia franciscana, a estética e a ética se fundem na categoria da beleza, dando origem a um modo de ser que coincide e se exprime através de uma modalidade de relação.

Bonum

É uma qualidade de Deus, que corresponde ao mistério do seu ser. Segundo a teologia da criação, Deus concede às criaturas, em particular, à criatura humana, o dom da bondade original (*e viu que tudo era muito bom*, Gn 1,31), de modo que o dom da vida permanece sempre sustentado pela possibilidade presente e ativa de se deixar guiar pelo bem. Na experiência de Francisco e no pensamento franciscano, o bonum é o centro da vocação humana e a fonte que alimenta o desejo.

Carisma

Termo usado para descrever o dom ou os dons particulares, que uma pessoa recebeu para fazê-los crescer e pô-los a serviço dos outros, dentro da Igreja. Portanto, o carisma de Francisco de Assis é considerado o destinatário e a fonte de uma força viva que continua a ser presente hoje na vida da Igreja.

Contemplação

É uma disposição natural, que consente à pessoa abandonar-se completamente ao encontro com Deus. Na postura contemplativa, Francisco se comove diante da maravilha de que Deus seja Deus e, portanto, a necessidade do agradecimento e do louvor. A visão do rosto de Cristo pobre oferece a Francisco o seu verdadeiro rosto, e a contemplação do rosto do pobre permite-lhe encarnar concretamente as verdadeiras características de Jesus. Na oração franciscana, a contemplação move o afeto, purifica o desejo, cria a fraternidade e nos projeta ao encontro com a realidade do mundo.

Cultura

É um conjunto de características distintivas, espirituais e materiais, intelectuais e emotivas que caracterizam um grupo social. Compreende os modos de viver, os direitos fundamentais do ser humano, o sistema de valores, a arte, as tradições e as crenças religiosas. A cultura fornece elementos de reflexão para nos exprimirmos, tomar consciência de nós mesmos, estabelecer relações, promover comportamentos éticos, buscar o sentido da vida e criar obras que nos transcendam.

Desejo

É a dimensão constitutiva da natureza do homem, na qual se exprime uma carência original que busca ser preenchida. Compreendido como previsto e como busca, o desejo é a força motriz da vida. No caso de Francisco, o percurso da existência coincide com o da purificação dos desejos, do sonho de ser um nobre, até quando, com o dom dos estigmas, a sua vida é completamente configurada à vida de Jesus. Na espiritualidade franciscana, o desejo é o alimento e dom gratuito do espírito e consiste, na sua máxima aceitação, na identificação do próprio projeto com o projeto evangélico de Jesus.

Discernimento

É o instrumento através do qual nos interrogamos em torno do significado da existência. Para Francisco, o discernimento se identifica com o Evangelho, que nos convida a viver em um estado permanente de busca, desejando o Espírito do Senhor, e nos ajuda a orientar os nossos desejos para o bem. Na espiritualidade franciscana, o lugar originário do discernimento é a fraternidade, onde a liberdade de cada irmão é protegida na praxe criativa do seguimento de Jesus, e onde devemos permanecer abertos diante do Espírito Santo, cuja presença purifica os nossos critérios, as nossas opções fundamentais e o nosso mundo relacional.

Evangelho

É o livro que conserva a vida de Jesus e se torna, para Francisco, uma bússola que guia os passos da própria vida. Do Evangelho, nasce o desejo de configurar a sua vida com a forma de vida de Jesus: olhar, escutar, sentir e desejar como ele. A nudez do Evangelho é a guia de quem, como Francisco, quer ser um frade menor. Portanto, cada documento, cada disposição jurídica ou animação carismática de caráter franciscano, deve transpirar um forte sabor e um conteúdo evangélico.

Foro externo e foro interno

O Código vigente subdivide o exercício do poder de regime em foro externo e foro interno (CIC 130).

No *foro externo*, a Igreja exerce o poder de regime para promover o bem comum, público, e ordena as relações sociais dos fiéis. O poder de regime no foro externo é exercido com os efeitos jurídicos

de ordem pública; ao foro externo, portanto, pertence tudo o que se refere à disciplina, à ordem, às relações sociais dos fiéis entre si e com as várias autoridades.

Foro interno é a zona da consciência íntima que o candidato ou o formando compartilham, livre e conscientemente, com o acompanhador espiritual, não de modo que decidam a própria vocação, mas com a intenção de compreender melhor o que Deus lhes pede. Tudo o que se refere ao interior da consciência e que está estreitamente relacionado à relação com Deus, pertence ao foro interno.

Identidade

É o conjunto de experiências vitais e de encontros pessoais que permanecem vivos em nossa memória afetiva, e que estão em condições de promover ou bloquear os nossos processos de crescimento. Trata-se de um conceito dinâmico e positivo que nos convida a escolher, a partir da responsabilidade pessoal, como queremos construir a nossa vida e nos ajuda a ser o que queremos ser.

Iniciação

Na antropologia cultural, há uma série de ritos, instruções e provas necessárias para integrar-se em um grupo. No início do cristianismo, verificava-se um processo que conduzia um pagão ao cristianismo. Era caracterizado por quatro fases: 1) anúncio do desejo de aderir; 2) catequese experiencial; 3) provas e ritos culminantes nos sacramentos iniciais; 4) catequese mistagógica. A partir da redação de 1968, as nossas Constituições insistem na natureza iniciática da formação inicial, ajudando aqueles que sentem o chamado à nossa vida a assumir os valores concretos do carisma capuchinho.

Justiça, paz e integridade da criação (JPIC)

Trata-se de uma expressão que indica a conexão que une cada parte da criação com as demais partes que a compõem, as quais todas têm origem a partir da mesma fonte: Deus. Daí a necessidade de um estilo de relação baseado na equidade (*justiça*), a harmonia (*paz*) e o cuidado com o mundo (*integridade da criação*). É um dos departamentos da Cúria Geral dos Capuchinhos que, segundo o V CPO, n. 97, é chamado a ser a voz dos pobres para toda a Ordem e a colaborar com os organismos eclesiais, franciscanos e civis na área da justiça, da paz e pela integridade da criação.

Liberdade

Trata-se de uma postura dinâmica do ser humano, que se desenvolve através das opções pessoais e daquelas do mundo relacional. Para o pensamento franciscano, a liberdade é o processo de transformação de uma modalidade de relação egocêntrica a uma modalidade de relação centrada sobre o bem dos outros, aprendendo a amar os outros pelo que são e pela bondade presente neles. A liberdade põe em jogo a maturidade, a autonomia e, enfim, a felicidade.

Livro

É uma imagem que exprime a dinâmica da revelação. No pensamento franciscano, há três livros em que encontramos a língua de Deus: a Sagrada Escritura, uma Palavra inspirada que contém a história da salvação; a Criação, um dom belíssimo e gratuito que convida à contemplação e ao cuidado; a Pessoa do Filho, Palavra eterna do Pai, revelação do rosto de Deus, afirmação definitiva e total do seu amor incondicionado e livre.

Pertença

Postura consciente de participação a uma realidade comunitária através de relações recíprocas, que fornecem identidade e sustentam afetos, valores e comportamentos coerentes com ela. A pertença enraíza a própria identidade em um quadro particular e cotidiano, formado por vínculos de um grupo humano em um dado tempo e cultura, com os seus benefícios e limites. A identidade de frade menor capuchinho corresponde a um sentido apropriado de pertença à fraternidade local, provincial e internacional, além da Igreja particular e universal.

Relação

É a conexão íntima que se estabelece entre duas realidades a partir da intensidade, da frequência e da profundidade da interação. Na teologia franciscana, exprime primeiramente uma categoria do ser de Deus: o seu desejo e a sua capacidade de entrar em relação com todas as criaturas e, sobretudo, com o ser humano. Do ponto de vista antropológico, a relação é a possibilidade de responder livre e oblativamente à oferta de amor de Deus e o modo de unir a própria vida à dos demais.

Seguimento

Francisco de Assis fala em “seguir” e não em “imitar” o Cristo. O seguimento é a ação de pôr-se em movimento e caminhar nas pegadas do Mestre, que tem o seu ponto de partida no dom gratuito do chamado e na resposta livre e radical do discípulo. Esta ação estabelece uma relação nova, dinâmica e determinante com Jesus, que requer uma conversão do modo de pensar, sentir e agir, assumindo as posturas fundamentais do Mestre e reordenando a existência a partir de uma nova hierarquia de valores que abraça a dimensão relacional em seus quatro níveis: consigo mesmo, com Deus, com os outros e com a criação. Isso leva à plenitude da existência humana e da vida de penitência, pois é um processo e um caminho que introduz o discípulo na configuração com Cristo.

Símbolo

Trata-se de uma imagem motriz capaz de revelar ao homem, através da mediação cosmológica, a profundidade do seu próprio ser. Tal dinamismo torna presente e atual o seu significado e consente uma compreensão da realidade que fala da afetividade e do desejo da vida do homem. São Francisco tem um aspecto simbólico que é capaz de unir as mediações imanentes com o infinito da transcendência. A sua linguagem, potente e transformadora, é simbólica: cheia de sonhos, de poesia, de música e de imagens.

ÍNDICE

<i>DECRETO DE PROMULGAÇÃO</i>	3
<i>PROÊMIO</i>	4
<i>SIGLAS E ABREVIATURAS</i>	6
APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO I. FRANCISCO, NOSSO IRMÃO	14
<i>I. O silêncio</i>	15
I.1. O sentido.....	15
I.2. A busca.....	16
I.3. O mistério.....	16
I.4. A beleza.....	17
<i>II. O encontro</i>	17
II.1. A Palavra.....	18
II.2. O leproso.....	18
II.3. O Filho, pobre e desnudo se fez nosso irmão.....	19
II.4. Os pássaros e as flores.....	19
<i>III. O desejo</i>	20
III.1. O olhar.....	20
III.2. A fraternidade.....	21
III.3. A Igreja.....	21
III.4. O mundo.....	22
<i>IV. O cântico</i>	23
IV.1. A cegueira.....	23
IV.2. A ferida.....	23
IV.3. A alegria.....	24
IV.4. O Testamento.....	24
CAPÍTULO II. AS DIMENSÕES FORMATIVAS NA PERSPECTIVA FRANCISCANO-CAPUCHINHA	26
<i>Considerações preliminares</i>	27
<i>I. Dimensão carismática: O dom de ser frade menor</i>	28
I.1. O nosso carisma como dom.....	28
I.2. A fraternidade.....	28
I.3. A minoridade.....	29
I.4. A contemplação.....	29
I.5. A missão.....	29
I.6. A reforma.....	30

II. Dimensão humana: Aprender a sermos irmãos de todos	30
II.1. O homem, imago Dei	30
II.2. Solidão e relação, as dimensões existenciais da pessoa humana.....	31
II.3. O ser humano, criatura única e irrepetível	32
III. Dimensão espiritual: Aprender a desejar	32
III.1. Espiritualidade da escuta	32
III.2. Beleza e liberdade, sequela Christi	33
III.3. A contemplação que convida ao seguimento	34
III.4. Vida sacramental, devoções e santidade	34
IV. Dimensão intelectual: aprender a pensar com o coração	35
IV.1. Aprender a aprender	35
IV.2. Intuição, experiência, afetividade e relação.....	36
IV.3. Transformar juntos o mundo através da nossa pobreza.....	36
V. Dimensão missionária-pastoral: aprender a anunciar e a guardar a fraternidade	37
V.1. A missão do Filho: fazer-se nosso irmão	37
V.2. A nossa vocação eclesial.....	38
V.3. Formados para a missão	38

CAPÍTULO III. AS ETAPAS FORMATIVAS

EM PERSPECTIVA FRANCISCANO-CAPUCHINHA	40
I. Nossa formação: a arte de aprender a ser frade menor	41
I.1. Os novos contextos socioculturais e eclesiais	41
I.2. A nossa identidade franciscano-capuchinha hoje.....	41
I.3. A iniciação à nossa vida.....	42
II. Os princípios da formação	43
II.1. A fraternidade no centro do projeto formativo.....	43
II.2. O acompanhamento franciscano	43
II.3. O discernimento franciscano	44
III. Os protagonistas da formação	44
III.1. O Espírito Santo	44
III.2. O formando, sujeito fundamental da formação	45
III.3. A Igreja, Mãe e Mestra	45
III.4. A fraternidade formativa	45
III.5. A equipe formativa.....	46
III.6. Perfil do formador.....	46
III.7. Os pobres.....	47
IV. As etapas da formação em perspectiva franciscano-capuchinha	47
IV.1. A formação permanente (FP).....	47
IV.1.1. Natureza	48
IV.1.2. Objetivos da formação permanente.....	48

IV.1.3. Dimensões	48
IV.1.4. Meios	49
IV.1.5. Tempos	49
IV.1.6. Outros temas de formação.....	50
IV.1.7. Para uma cultura da avaliação	50
IV.1.8. Outras indicações	50
IV.2 A iniciação à nossa vida	51
IV.1.2. A etapa vocacional	51
IV.2.1.1. Natureza	51
IV.2.1.2. Objetivos	51
IV.2.1.3. As dimensões.....	51
IV.2.1.4. Tempos	52
IV.2.1.5. Critérios de discernimento	52
IV.2.1.6. Outras indicações	53
IV.3. As etapas da formação inicial	53
IV.3.1. O postulado	53
IV.3.1.1. Natureza	53
IV.3.1.2. Objetivos	53
IV.3.1.3. As dimensões.....	54
IV.3.1.4. Tempo	54
IV.3.1.5. Outros temas de formação	55
IV.3.1.6. Critérios de discernimento	55
IV.3.1.7. Outras indicações	55
IV.3.2. O noviciado.....	56
IV.3.2.1. Natureza	56
IV.3.2.2. Objetivos	56
IV.3.2.3. As dimensões.....	56
IV.3.2.4. Tempo	57
IV.3.2.5. Outros temas de formação	57
IV.3.2.6. Critérios de discernimento	58
IV.3.2.7. Outras indicações	58
IV.3.3. O pós-noviciado	58
IV.3.3.1. Natureza	58
IV.3.3.2. Objetivos	59
IV.3.3.3. As dimensões.....	59
IV.3.3.4. Tempos	60
IV.3.3.5. Outros temas de formação	60
IV.3.3.6. Critérios de discernimento	60
IV.3.3.7. Outras indicações	60
IV.3.4. A formação inicial específica	61
IV.3.5. A formação em colaboração.....	61

ANEXOS	63
Anexo I	64
<i>I. Unidade carismática na diversidade cultural</i>	64
I.1. Algumas considerações gerais	64
I.2. Do multiculturalismo à interculturalidade	65
I.3. Levar o Evangelho ao coração de cada cultura	65
I.4. A Igreja, escola de interculturalidade	66
I.5. <i>Os irmãos não se apropriem de nada, nem de casa, nem de lugar, nem de coisa alguma</i> (RB 6,1)	66
I.6. Os capuchinhos e o contínuo retorno a São Francisco	67
<i>II. Da Ratio Formationis Generalis à Ratio Formationis Localis.</i> <i>Orientações para começar</i>	68
II.1. A metodologia	68
II.2. Os protagonistas	68
II.3. Os conteúdos	69
II.4. Os tempos	70
Anexo II	71
<i>I. Ratio Studiorum</i>	71
I.1. Considerações preliminares	71
I.2. Mudanças de paradigma no âmbito do estudo	71
I.3. Jesus, o Mestre	73
I.4. O estudo na tradição franciscana	73
I.5. O estudo na nossa perspectiva carismática	74
<i>II. Programa de estudos: núcleos temáticos para cada etapa</i>	75
II.1. Formação permanente	75
II.2. Postulado	76
II.3. Noviciado	76
II.4. O pós-noviciado	77
II.5. Outros elementos que devem estar presentes nas diferentes etapas:	78
II.6. As estruturas culturais da Ordem	78
Anexo III	81
<i>I. Maturidade afetiva e psicosexual</i>	81
I.1. Considerações preliminares	81
I.2. Deus é um mistério de Amor	82
I.3. Capazes de um amor sempre maior	82
I.4. Como Francisco, amantes do Criador e de todas as criaturas	83
I.5. Algumas dificuldades e desafios concretos	84
<i>II. A formação da afetividade</i>	85
GLOSSÁRIO	88